

Jão, tu não és um sonho, és
ens carne, tens fadiga e tens
Jo calmo peito teu. Tu és a
em nome, és a morada, és a
o amor, és luz, és lírio, na
ú és todo o esplendor, o úl
a elegia sem fim, anjo! men-
o triste verso meu. Ah, fôss
linha, fôsses a idéia, o sentin

Segunda edição revista e aumentada

ANTOLOGIA POETICA VINICIUS DE MORAES

ANTOLOGIA POÉTICA

Os livros de Vinicius de Moraes estão há longo tempo esgotados. As novas gerações conhecem apenas uma pequena parte da sua obra poética: aquela que lhes chega através de publicação em jornais e revistas, ou através da inspiração renovadora de sua música popular, da qual o poeta se tornou uma das mais consagradas expressões. Vindo de um misticismo de fundo religioso para uma poesia nítidamente sensual que depois se muda em versos marcados por um fundo sentimento social, a obra de Vinicius tem como constante um lirismo de grande força e pureza. Ainda com o risco de incorrer na censura dos que levam suas preocupações puritanas ao domínio das artes, não quis o poeta evitar algumas palavras ou expressões mais fortes que de raro em raro aparecem em seus versos. Isso fará com que não seja recomendável a presença desta Antologia em mãos juvenis — mas resguarda a pureza de sua poesia, que tudo, em poesia, transfigura.

Um lançamento da

EDITÔRA

do Autor

ANTOLOGIA POÉTICA

A Frei Mindlin,

com as melhores rotas do
Brasil - Lúcio

S. Paulo, dez 1960

DO AUTOR

POESIA

- O Caminho para a Distância*, 1933, Schmidt Ed., Rio (edição recolhida pelo A.)
Forma e Exegese; 1935, Pongetti, Rio (Prêmio Felippe d'Oliveira)
Ariana, a Mulher, 1936, Pongetti, Rio
Novos Poemas, 1938, José Olympio, Rio
Cinco Elegias, 1943, Pongetti, Rio (ed. mandada fazer por Manuel Bandeira, Aníbal Machado e Octavio de Faria)
Poemas, Sonetos e Baladas, 1946, Ed. Gaveta, São Paulo (com ilustrações de Carlos Leão)
Pátria Minha, 1949, O Livro Inconsútil, Barcelona (ed. feita por João Cabral de Mello Neto em sua prensa manual)
Cinq Elegies, 1953, Ed. Seghers, Paris (tradução de Jean-Georges Rueff)
Antologia Poética, 1944, Ed. A Noite, 1.^a edição
Orfeu da Conceição, 1956, ed. do A. (com ilustrações de Carlos Scliar)
Livro de Sonetos, 1957, Livros de Portugal
Novos Poemas (II), 1959, Livraria São José
Recette de Femme et autres poèmes, escolha e tradução de Jean-Georges Rueff, ed. Seghers

A aparecer:

POESIA

- Obra Poética*, ed. Aguilar
Jardim Noturno (poemas inéditos)
Bichos, Coisas e Gentes (poemas para crianças, com colagens de Antonio Bandeira)
La Poesia de Vinicius de Moraes, escolha e tradução de Cipriano Vitureira, ed. do Instituto de Cultura Uruguai-Brasileiro, de Montevideu
Orfeu da Conceição, tradução italiana de P. A. Janini, ed *Nueva Academia*, Milão
Orfeu da Conceição, tradução francesa de Jean-Georges Rueff, ed. Seghers
Os Quatro Elementos, sonetos, ed. do A.
Sob o Trópico do Câncer, poema, ed. do A.
O Grande Desastre do Six-Motor Francês "Leonel de Marmier", tal como foi visto e vivido pelo poeta Vinicius de Moraes, passageiro a bordo, ed. do A.
Roteiro Lírico e Sentimental da Cidade do Rio de Janeiro, onde nasceu, vive em trânsito e morre de amor o poeta Vinicius de Moraes, ed. do A.
Cancioneiro Popular, sambas e canções de parceria com Antonio Carlos Jobim
Treze Canções de Câmera, com música de Cláudio Santoro, ed. Ricordi.

VINICIUS DE MORAES
ANTOLOGIA POÉTICA

SEGUNDA EDIÇÃO
REVISTA E AUMENTADA

EDITÔRA
DO AUTOR

Capa de BEA FEITLER

Direitos desta edição reservados à EDITÔRA DO AL
Rua Araujo Pôrto Alegre, 70 - Gr. 413 — Tel. 42-9421
teleg. "EDAUTOR" — Rio de Janeiro. Copyright by V.
Moraes, Rio, 1960. Exemplar número

4211

ADVERTÊNCIA

Poderia êste livro ser dividido em duas partes, correspondentes a dois períodos distintos na poesia do A.

A primeira, transcendental, freqüentemente mística, resultante de sua fase cristã, termina com o poema "Ariana, a Mulher", editado em 1936. Salvo, aqui e ali, umas emendas, a única alteração digna de nota nesta parte foi reduzir-se o poema "O Cemitério na Madrugada" às quatro estrofes iniciais, no que atendeu o A. a uma velha idéia de seu amigo Rodrigo M. F. de Andrade.

A segunda parte, que abre com o poema "O Falso Mendigo", o primeiro, ao que se lembra o A., escrito em oposição ao transcendentalismo anterior, pertencem algumas poesias do livro Novos Poemas, também representado na outra fase, e os demais versos publicados posteriormente em livros, revistas e jornais. Nela estão nitidamente marcados os movimentos de aproximação do mundo material, com a difícil mas consistente repulsa ao idealismo dos primeiros anos.

De permeio foram colocadas as Cinco Elegias (1943), como representativas do período de transição entre aquelas duas tendências contraditórias, — livro, também, onde elas melhor se encontraram e fundiram em busca de uma sintaxe própria.

A presente edição, revista pelo A., foi acrescida de uma seleção dos Novos Poemas (II), livro editado em 1959 e composto de poemas escritos entre 1949 e 1956, sendo que a maioria em Paris. Dela só não consta, por

inacabado, o seu último livro Jardim Noturno, correspondente à sua estada em Montevidéu (1958-1960), e alguns poemas e séries de poemas de largo fôlego, em que vem o A. trabalhando sem pressa.

Não obstante certas disparidades, determinadas pela necessidade de demarcar bem as duas tendências referidas, impôs-se o critério cronológico para uma impressão verídica do que foi a luta mantida pelo A. contra si mesmo no sentido de uma libertação, hoje alcançada, dos preconceitos e enjoamentos de sua classe e do seu meio, os quais tanto, e tão inutilmente, lhe angustiaram a formação.

Rio, agosto de 1960.

O OLHAR PARA TRÁS

Nem surgisse um olhar de piedade ou de amor
Nem houvesse uma branca mão que apaziguasse minha
fronte palpante...
Eu estaria sempre com um cirio queimando para o céu a
minha fatalidade
Sobre o cadáver ainda morno dêsse passado adolescente.

Talvez no espaço perfeito aparecesse a visão nua
Ou talvez a porta do oratório se fôsse abrindo misteriosamente...
Eu estaria esquecido, tacteando suavemente a face do filho
morto
Partido de dor, chorando sobre o seu corpo insepultável.

Talvez da carne do homem prostrado se visse sair uma
sombra igual à minha
Que amasse as andorinhas, os seios virgens, os perfumes
e os lírios da terra
Talvez... mas tôdas as visões estariam também em minhas
lágrimas boiando
E elas seriam como óleo santo e como pétalas se derramando sobre o nada.

Alguém gritaria longe: — “Quantas rosas nos deu a primavera!...”
Eu olharia vagamente o jardim cheio de sol e de côres
noivas se enlaçando
Talvez mesmo meu olhar seguisse da flor o vôo rápido de
um pássaro
Mas sob meus dedos vivos estaria a sua bôca fria e os seus
cabelos luminosos.

Rumores chegariam a mim, distintos como passos na madrugada
Uma voz cantou, foi a irmã, foi a irmã vestida de branco!
— a sua voz é fresca como o orvalho...
Beijam-me a face — irmã vestida de azul, por que estás triste?
Deu-te a vida a velar um passado também?

Voltaria o silêncio — seria uma quietude de nave em
Senhor Morto
Numa onda de dor eu tomaria a pobre face em minhas
mãos angustiadas
Auscultaria o sôpro, diria à toa — Escuta, acorda
Por que me deixaste assim sem me dizeres quem eu sou?

E o olhar estaria ansioso esperando
E a cabeça ao sabor da mágoa balançando
E o coração fugindo e o coração voltando
E os minutos passando e os minutos passando...

No entanto, dentro do sol a minha sombra se projeta
Sobre as casas avança o seu vago perfil tristonho
Anda, dilui-se, dobra-se nos degraus das altas escadas
silenciosas
E morre quando o prazer pede a treva para a consumação
da sua miséria.

É que ela vai sofrer o instante que me falta
Esse instante de amor, de sonho, de esquecimento
E quando chega, a horas mortas, deixa em meu ser uma
braçada de lembranças
Que eu desfolho saudoso sobre o corpo embalsamado do
eterno ausente.

Nem surgisse em minhas mãos a rósea ferida
Nem porejasse em minha pele o sangue da agonia...
Eu diria — Senhor, por que me escolhestes a mim que sou
escravo
Por que me chagaste a mim cheio de chagas?

Nem do meu vazio te criasses, anjo que eu sonhei de
brancos seios
De branco ventre e de brancas pernas acordadas
Nem vibrasses no espaço em que eu te moldei perfeita...
Eu te diria — Por que vieste te dar ao já vendido?

Oh, estranho húmus dêste ser inerme e que eu sinto latente
Escorre sobre mim como o luar nas fontes pobres
Embriaga o meu peito do teu bafo que é como o sândalo
Enche o meu espírito do teu sangue que é a própria vida!

Fora, um riso de criança — longínqua infância da hóstia
consagrada
Aqui estou ardendo a minha eternidade junto ao teu corpo
frágil!
Eu sei que a morte abrirá no meu deserto fontes maravi-
lhosas
E vozes que eu não sabia em mim lutarão contra a Voz.

Agora porém estou vivendo da tua chama como a cera
O infinito nada poderá contra mim porque de mim quer
tudo
Ele ama no teu sereno cadáver o terrível cadáver que eu
seria
O belo cadáver nu cheio de cicatrizes e de úlceras.

Quem chamou por mim, tu, mãe? Teu filho sonha...
Lembras-te, mãe, a juventude, a grande praia enluarada...
Pensaste em mim, mãe? Oh, tudo é tão triste
A casa, o jardim, o teu olhar, o meu olhar, o olhar de
Deus...

E sob a minha mão tenho a impressão da bôca fria mur-
murando
Sinto-me cego e olho o céu e leio nos dedos a mágica
lembrança
Passastes, estrélas... Voltais de novo arrastando brancos
véus
Passastes, luas... Voltais de novo arrastando negros véus,,,

A UMA MULHER

Quando a madrugada entrou eu estendi o meu peito nu
sobre o teu peito
Estavas trêmula e teu rosto pálido e tuas mãos frias
E a angústia do regresso morava já nos teus olhos.

Tive piedade do teu destino que era morrer no meu destino
Quis afastar por um segundo de ti o fardo da carne
Quis beijar-te num vago carinho agradecido.
Mas quando meus lábios tocaram teus lábios
Eu compreendi que a morte já estava no teu corpo
E que era preciso fugir para não perder o único instante
Em que fôste realmente a ausência de sofrimento
Em que realmente fôste a serenidade.

ILHA DO GOVERNADOR

Esse ruído dentro do mar invisível são barcos passando
Esse *ei-ou* que ficou nos meus ouvidos são os pescadores
esquecidos

Eles vêm remando sob o peso de grandes mágoas
Vêm de longe e murmurando desaparecem no escuro
quieto.

De onde chega essa voz que canta a juventude calma?
De onde sai esse som de piano antigo sonhando a
“Berceuse”?
Por que vieram as grandes carroças entornando cal no
barro molhado?

Os olhos de Susana eram doces mas Eli tinha seios bonitos
Eu sofria junto de Susana — ela era a contemplação das
tarde longas

Eli era o beijo ardente sobre a areia úmida.
Eu me admirava horas e horas no espelho.

Um dia mandei: “Susana, esquece-me, não sou digno de ti
— sempre teu...”

Depois, eu e Eli fomos andando... — ela tremia no meu
braço

Eu tremia no braço dela, os seios dela tremiam
A noite tremia nos *ei-ou* dos pescadores...

Meus amigos se chamavam Mário e Quincas, eram humildes, não sabiam
Com êles aprendi a rachar lenha e ir buscar conchas
sonoras no mar fundo
Comigo êles aprenderam a conquistar as jovens praianas
tímidas e risonhas.
Eu mostrava meus sonetos aos meus amigos — êles mostravam os grandes olhos abertos
E gratos me traziam mangas maduras roubadas nos
caminhos.
Um dia eu li Alexandre Dumas e esqueci os meus amigos.
Depois recebi um saço de mangas
Tôda a afeição da ausência...

Como não lembrar essas noites cheias de mar batendo?
Como não lembrar Susana e Eli?
Como esquecer os amigos pobres?
Eles são essa memória que é sempre sofrimento
Vêm da noite inquieta que agora me cobre.
São o olhar de Clara e o beijo de Carmem
São os novos amigós, os que roubaram luz e me trouxeram.
Como esquecer isso que foi a primeira angústia
Se o murmúrio do mar está sempre nos meus ouvidos
Se o barco que eu não via é a vida passando
Se o *ei-ou* dos pescadores é o gemido de angústia de tôdas
as noites?

AUSÊNCIA

Eu deixarei que morra em mim o desejo de amar os teus
olhos que são doces
Porque nada te poderei dar senão a mágoa de me veres
eternamente exausto.
No entanto a tua presença é qualquer coisa como a luz
e a vida
E eu sinto que em meu gesto existe o teu gesto e em minha
voz a tua voz.
Não te quero ter porque em meu ser tudo estaria terminado
Quero só que surjas em mim como a fé nos desesperados
Para que eu possa levar uma gôta de orvalho nesta terra
amaldiçoada
Que ficou sobre a minha carne como uma nódoa do passado.
Eu deixarei... tu irás e encostarás a tua face em outra face
Teus dedos enlaçarão outros dedos e tu desabrocharás para
a madrugada
Mas tu não saberás que quem te colheu fui eu, porque eu
fui o grande íntimo da noite
Porque eu encostei minha face na face da noite e ouvi a
tua fala amorosa
Porque meus dedos enlaçaram os dedos da névoa suspensos
no espaço
E eu trouxe até mim a misteriosa essência do teu abandono
desordenado.
Eu ficarei só como os veleiros nos portos silenciosos

Mas eu te possuirei mais que ninguém porque poderei
partir
E tôdas as lamentações do mar, do vento, do céu, das
aves, das estrélas
Serão a tua voz presente, a tua voz ausente, a tua voz
serenizada.

Ó INCRIADO

Distantes estão os caminhos que vão para o Tempo —
outro luar eu vi passar na altura
Nas plagas verdes as mesmas lamentações escuto como
vindas da eterna espera
O vento ríspido agita sombras de araucárias em corpos nus
unidos se amando
E no meu ser tôdas as agitações se anulam como as vozes
dos campos moribundos.

Oh, de que serve ao amante o amor que não germinará na
terra infecunda
De que serve ao poeta desabrochar sobre o pântano e cantar
prisioneiro?
Nada há a fazer pois que estão brotando crianças trágicas
como cactos
Da semente má que a carne enlouquecida deixou nas matas
silenciosas.

Nem plácidas visões restam aos olhos — só o passado surge
se a dor surge
E o passado é como o último morto que é preciso esquecer
para ter vida
Tôdas as meias-noites soam e o leito está deserto do corpo
estendido
Nas ruas noturnas a alma passeia, desolada e só, em busca
de Deus.

Eu sou como o velho barco que guarda no seu bôjo o
eterno ruído do mar batendo
No entanto como está longe o mar e como é dura a terra
sob mim...
Felizes são os pássaros que chegam mais cedo que eu à
suprema fraqueza
E que, voando, caem, pequenos e abençoados, nos parques
onde a primavera é eterna.

Na memória cruel vinte anos seguem a vinte anos na única
paisagem humana
Longe do homem os desertos continuam impassíveis diante
da morte
Os trigais caminham para o lavrador e o suor para a terra
E dos velhos frutos caídos surgem árvores estranhamente
calmas.

Ai, muito andei e em vão... rios enganosos conduziram
meu corpo a tôdas as idades
Na terra primeira ninguém conhecia o Senhor das bem-
aventuranças...
Quando meu corpo precisou repousar eu repousei, quando
minha bôca ficou sedenta eu bebi
Quando meu ser pediu a carne eu dei-lhe a carne mas eu
me senti mendigo.

Longe está o espaço onde existem os grandes vôos e onde
a música vibra sólta
A cidade deserta é o espaço onde o poeta sonha os grandes
vôos solitários
Mas quando o desespêro vem e o poeta se sente morto
para a noite
As entranhas das mulheres afogam o poeta e o entregam
dormindo à madrugada.

Terrível é a dor que lança o poeta prisioneiro à suprema
miséria
Terrível é o sono atormentado do homem que suou sacrí-
legamente a carne
Mas boa é a companheira errante que traz o esquecimento
de um minuto
Boa é a esquecida que dá o lábio morto ao beijo deses-
perado.

Onde os cantos longínquos do oceano?... Sobre a espessura
verde eu me debruço e busco o infinito
Ao leu das ondas há cabeleiras abertas como flôres — são
jovens que o eterno amor surpreendeu
Nos bosques procuro a seiva úmida mas os troncos estão
morrendo
No chão vejo magros corpos enlaçados de onde a poesia
fugiu como o perfume da flor morta.

Muito forte sou para odiar nada senão a vida
Muito fraco sou para amar nada mais do que a vida
A gratuidade está no meu coração e a nostalgia dos dias
me aniquila
Porque eu nada serei como ódio e como amor se eu nada
conto e nada valho.

Eu sou o Incriado de Deus, o que não teve a sua alma e
semelhança
Eu sou o que surgiu da terra e a quem não coube outra
dor senão a terra
Eu sou a carne louca que freme ante a adolescência impú-
bere e explode sobre a imagem criada
Eu sou o demônio do bem e o destinado do mal mas eu
nada sou.

De nada vale ao homem a pura compreensão de tôdas as coisas
Se êle tem algemas que o impedem de levantar os braços para o alto
De nada valem ao homem os bons sentimentos se êle descansa nos sentimentos maus
No teu puríssimo regaço eu nunca estarei, Senhora...

Choram as árvores na espantosa noite, curvadas sôbre mim, me olhando...
Eu caminhando... sôbre o meu corpo as árvores passando...
Quem morreu se estou vivo, por que choram as árvores?
Dentro de mim tudo está imóvel, mas eu estou vivo, eu sei que estou vivo porque sofro.

Se alguém não devia sofrer eu não devia, mas sofro e é tudo o mesmo
Eu tenho o desvêlo e a bênção, mas sofro como um desesperado e nada posso
Sofro a pureza impossível, sofro o amor pequenino dos olhos e das mãos
Sofro porque a náusea dos seios gastos está amargurando a minha bôca.

Não quero a espôsa que eu violaria nem o filho que ergueria a mão sôbre o meu rosto
Nada quero porque eu deixo traços de lágrimas por onde passo
Quisera apenas que todos me desprezassem pela minha fraqueza
Mas, pelo amor de Deus, não me deixeis nunca sózinho!

Às vêzes por um segundo a alma acorda para um grande
extase sereno
Num sôpro de suspensão a beleza passa e beija a fronte
do homem parado
E então o poeta surge e do seu peito se ouve uma voz
maravilhosa
Que palpita no ar fremente e envolve todos os gritos num
só grito.

Mas depois, quando o poeta foge e o homem volta como de
um sonho
E sente sobre a sua bôca um riso que êle desconhece
A cólera penetra em seu coração e êle renega a poesia
Que veio trazer de volta o princípio de todo o caminho
percorrido.

Todos os momentos estão passando e todos os momentos
estão sendo vividos
A essência das rosas invade o peito do homem e êle se
apazigua no perfume
Mas se um pinheiro uiva no vento o coração do homem
cerra-se de inquietude
No entanto êle dormirá ao lado dos pinheiros uivando e das
rosas ressendendo.

Eu sou o Incriado de Deus, o que não pode fugir à carne
e à memória
Eu sou como o velho barco longe do mar, cheio de lamen-
tações no vazio do bôjo
No meu ser tôdas as agitações se anulam — nada perma-
nece para a vida
Só eu permaneço parado dentro do tempo passando,
passando, passando...

A VOLTA DA MULHER MORENA

Meus amigos, meus irmãos, cegai os olhos da mulher morena
Que os olhos da mulher morena estão me envolvendo
E estão me despertando de noite.
Meus amigos, meus irmãos, cortai os lábios da mulher morena
Eles são maduros e úmidos e inquietos
E sabem tirar a volúpia de todos os frios.
Meus amigos, meus irmãos, e vós que amais a poesia da minha alma
Cortai os peitos da mulher morena
Que os peitos da mulher morena sufocam o meu sono
E trazem cōres tristes para os meus olhos.
Jovem camponesa que me namoras quando eu passo nas tardes
Traze-me para o contato casto de tuas vestes
Salva-me dos braços da mulher morena
Eles são lassos, ficam estendidos imóveis ao longo de mim
São como raízes ressendendo resina fresca
São como dois silêncios que me paralisam.
Aventureira do Rio da Vida, compra o meu corpo da mulher morena
Livraria do seu ventre como a campina matinal
Livraria do seu dorso como a água escorrendo fria.
Branca avôzinha dos caminhos, reza para ir embora a mulher morena
Reza para murcharem as pernas da mulher morena

Reza para a velhice roer dentro da mulher morena
Que a mulher morena está encurvando os meus ombros
E está trazendo tosse má para o meu peito.
Meus amigos, meus irmãos, e vós todos que guardais ainda
meus últimos cantos
Dai morte cruel à mulher morena!

A MULHER NA NOITE

Eu fiquei imóvel e no escuro tu vieste.
A chuva batia nas vidraças e escorria nas calhas — vinhas
Contudo a volúpia entrou em mim e ulcerou a treva nos
Eu estava imóvel — tu caminhavas para mim como um
E de repente, não sei, me vi acorrentado no descampado
E as formigas me passeavam pelo corpo úmido.
Do teu corpo balouçante saíam cobras que se eriçavam
E muito ao longe me parecia ouvir uivos de lôbas.
E então a aragem começou a descer e me arrepiou os nervos
E os insetos se ocultavam nos meus ouvidos e zunzunavam
Eu queria me levantar porque grandes reses me lambiam
E cabras cheirando forte urinavam sobre as minhas pernas.
Uma angústia de morte começou a se apossar do meu ser
As formigas iam e vinham, os insetos procriavam e zumbiam
E eu comecei a sufocar sob a rês que me lambia.
Nesse momento as cobras apertaram o meu pescoço
E a chuva despejou sobre mim torrentes amargas.

Eu me levantei e comecei a chegar, me parecia vir de longe
E não havia mais vida na minha frente,

AGONIA

No teu grande corpo branco depois eu fiquei.
Tinhas os olhos lívidos e tive medo.
Já não havia sombra em ti — eras como um grande des
de a
Onde eu houvesse tombado após uma longa caminhada
no
Na minha angústia eu buscava a paisagem calma
Que me havias dado tanto tempo
Mas tudo era estéril e monstruoso e sem vida
E teus seios eram dunas desfeitas pelo vendaval
pass
Eu estremecia agonizando e procurava me erguer
Mas teu ventre era como areia movediça para os n
de
Procurei ficar imóvel e orar, mas fui me afogando ei
me
Desaparecendo no teu ser disperso que se contraía con
vorag

Depois foi o sono, o escuro, a morte.

Quando despertei era claro e eu tinha brotado novam
Vinha cheio do pavor das tuas entranhas.

A LEGIÃO DOS ÚRIAS

Quando a meia-noite surge nas estradas vertiginosas das montanhas
Uns após outros, beirando os grotões enluarados sobre cavalos lívidos
Passam olhos brilhantes de rostos invisíveis na noite
Que fixam o vento gelado sem estremecimento.

São os prisioneiros da Lua. Às vezes, se a tempestade Apaga no céu a languidez imóvel da grande princesa Dizem os camponeses ouvir os uivos tétricos e distantes Dos Cavaleiros Úrias que pingam sangue das partes amaldiçoadas.

São os escravos da Lua. Vieram também de ventres brancos e puros Tiveram também olhos azuis e cachos louros sobre a fronte... Mas um dia a grande princesa os fêz enlouquecidos, e êles foram escurecendo Em muitos ventres que eram também brancos mas que eram impuros.

E desde então nas noites claras êles aparecem Sobre cavalos lívidos que conhecem todos os caminhos E vão pelas fazendas arrancando o sexo das meninas e das mães sózinhas E das éguas e das vacas que dormem afastadas dos machos fortes.

Aos olhos das velhas paralíticas murchadas que esperam a morte noturna
Eles descobrem solenemente as netas e as filhas deliquescentes
E com garras fortes arrancam do último pano os nervos flácidos e abertos
Que em suas unhas agudas vivem ainda longas palpitações de sangue.

Depois amontoam a presa sangrenta sob a luz pálida da deusa
E acendem fogueiras brancas de onde se erguem chamas desconhecidas e fumos
Que vão ferir as narinas trêmulas dos adolescentes adormecidos
Que acordam inquietos nas cidades sentindo náuseas e convulsões mornas.

E então, após colherem as vibrações de leitos fremindo distantes
E os rinchos de animais seminando no solo endurecido
Eles erguem cantos à grande princesa crispada no alto
E voltam silenciosos para as regiões selvagens onde vagam.

Volta a Legião dos Úrias pelos caminhos enluarados
Uns após outros, sómente os olhos, negros sobre cavalos lívidos
Dêles foge o abutre que conhece tôdas as carniças
E a hiena que já provou de todos os cadáveres.

São êles que deixam dentro do espaço emocionado
O estranho fluido todo feito de plácidas lembranças
Que traz às donzelas imagens suaves de outras donzelas
E traz aos meninos figuras formosas de outros meninos.

São êles que fazem penetrar nos lares adormecidos
Onde o novilúrio tomba como um olhar desatinado
O incenso perturbador das rubras vísceras queimadas
Que traz à irmã o corpo mais forte da outra irmã.

São êles que abrem os olhos inexperientes e inquietos
Das crianças apenas lançadas no regaço do mundo
Para o sangue misterioso esquecido em panos amontoados
Onde ainda brilha o rubro olhar implacável da grande
princesa.

Não há anátema para a Legião dos Cavaleiros Úrias
Passa o inevitável onde passam os Cavaleiros Úrias
Por que a fatalidade dos Cavaleiros Úrias?
Por que, por que os Cavaleiros Úrias?

Oh, se a tempestade boiasse eternamente no céu trágico
Oh, se fôssem apagados os raios da louca estéril
Oh, se o sangue pingado do desespêro dos Cavaleiros Úrias
Afogasse tôda a região amaldiçoadá!

Seria talvez belo — seria apenas o sofrimento do amor
 puro
Seria o pranto correndo dos olhos de todos os jovens
Mas a Legião dos Úrias está espiando a altura imóvel
Fechai as portas, fechai as janelas, fechai-vos meninas!

Eles virão, uns após outros, os olhos brilhando no escuro
Fixando a lua gelada sem estremecimento
Chegarão os Úrias, beirando os grotões enluarados sobre
 cavalos lívidos
Quando a meia-noite surgir nas estradas vertiginosas das
 montanhas.

ALBA

Alba, no canteiro dos lírios estão caídas as pétalas de uma
rosa côr de sangue
Que tristeza esta vida, minha amiga...
Lembras-te, quando vínhamos na tarde roxa e êles jaziam
puros
E houve um grande amor no nosso coração pela morte
distante?
Ontem, Alba, sofri porque vi sùbitamente a nódoa rubra
entre a carne pálida ferida.
Eu vinha passando tão calmo, Alba, tão longe da angústia,
tão suavizado
Quando a visão daquela flor gloriosa matando a serenidade
dos lírios entrou em mim
E eu senti correr em meu corpo palpitações desordenadas
de luxúria.
Eu sofri, minha amiga, porque aquela rosa me trouxe a
lembrança do teu sexo que eu não via
Sob a lívida pureza da tua pele aveludada e calma
Eu sofri porque de repente senti o vento e vi que estava nu
e ardente
E porque era teu corpo dormindo que existia diante de
meus olhos.
Como poderias me perdoar, minha amiga, se soubesses que
me aproximei da flor como um perdido
E a tive desfolhada entre minhas mãos nervosas e senti
escorrer de mim o sêmen da minha volúpia?

Ela está lá, Alba, sobre o canteiro dos lírios, desfeita e côr
de sangue
Que destino nas coisas, minha amiga!
Lembras-te, quando eram só os lírios, altos e puros?
Hoje êles continuam misteriosamente vivendo, altos e
trêmulos
Mas a pureza fugiu dos lírios como o último suspiro dos
moribundos
Ficaram apenas as pétalas da rosa, vivas e rubras como a
tua lembrança
Ficou o vento que soprou nas minhas faces e a terra que
eu segurei nas minhas mãos.

O ESCRAVO

Quando a tarde veio o vento veio e eu segui levado como
uma fôlha
E aos poucos fui desaparecendo na vegetação alta de an-
tigos campos de batalha
Onde tudo era estranho e silencioso como um gemido.
Corri na sombra espessa longas horas e nada encontrava
Em tôrno a mim tudo era desespêro de espadas estorcidas
se desvencilhando
Eu abria caminho sufocado mas a massa me confundia e
se apertava impedindo meus passos
E me prendia as mãos e me cegava os olhos apavorados.
Quis lutar pela minha vida e procurei romper a extensão
em luta
Mas nesse momento tudo se virou contra mim e eu fui
batido
Fui ficando nodoso e áspero e começou a escorrer resina
do meu suor
E as fôlhas se enrolavam no meu corpo para me embal-
samar.
Gritei, ergui os braços, mas eu já era outra vida que não
a minha
E logo tudo foi hirto e magro em mim e longe uma estranha
litania me fascinava.
Houve uma grande esperança nos meus olhos sem luz
Quis avançar sôbre os tentáculos das raízes que eram
meus pés

Mas o vale desceu e eu rolei pelo chão, vendo o céu, vendo
o chão, vendo o céu, vendo o chão
Até que me perdi num grande país cheio de sombras altas
se movendo...

Aqui é o misterioso reino dos ciprestes...
Aqui eu estou parado, prêso à terra, escravo dos grandes
príncipes loucos.
Aqui vejo coisas que mente humana jamais viu
Aqui sofro frio que corpo humano jamais sentiu.
É este o misterioso reino dos ciprestes
Que aprisionam os cravos lívidos e os lírios pálidos dos
túmulos
E quietos se reverenciam gravemente como uma corte de
almas mortas.
Meu servê, meus olhos sentem, minha alma escuta
A conversa do meu destino nos gestos lentos dos gigantes
inconscientes
Cuja ira desfolha campos de rosas num sôpro trêmulo...
Aqui estou eu pequenino como um musgo mas meu pavor
é grande e não conhece luz
É um pavor que atravessa a distância de toda a minha vida.

É este o feudo da morte implacável...
Vêde — reis, príncipes, duques, cortesãos, carrascos do
grande país sem mulheres
São seus míseros servos a terra que me aprisionou nas
suas entranhas
O vento que a seu mando entorna da bôca dos lírios o
orvalho que rega o seu solo
A noite que os aproxima no baile macabro das reverências
fantásticas
E os mochos que entoam lúgubres cantochões ao tempo
inacabado...

É aí que estou prisioneiro entre milhões de prisioneiros
 Pequeno arbusto esgalhado que não dorme e que não vive
 À espera da minha vez que virá sem objeto e sem distância.

É aí que estou acorrentado por mim mesmo à terra que
 sou eu mesmo
 Pequeno ser imóvel a quem foi dado o desespéro
 Vendo passar a imensa noite que traz o vento no seu seio
 Vendo passar o vento que entorna o orvalho que a aurora
 despeja na boca dos lírios
 Vendo passar os lírios cujo destino é entornar o orvalho
 na poeira da terra que o vento espalha
 Vendo passar a poeira da terra que o vento espalha e cujo
 destino é o meu, o meu destino
 Pequeno arbusto parado, poeira da terra preso à poeira da
 terra, pobre escravo dos príncipes loucos.

A MÚSICA DAS ALMAS

Na manhã infinita as nuvens surgiram como a loucura
 numa alma
E o vento como o instinto desceu os braços das árvores que
 estrangularam a terra...

Depois veio a claridade, os grandes céus, a paz dos
 campos...
Mas nos caminhos todos choravam com os rostos levados
 para o alto
Porque a vida tinha misteriosamente passado na tormenta.

TRÊS RESPOSTAS EM FACE DE DEUS

Sim, vós sois... (eu deveria ajoelhar dizendo os vossos nomes!)

E sem vós quem se mataria no presságio de alguma mardrugada?

À vossa mesa irei murchando para que o vosso vinho vá bebendo

De minha poesia farei música para que não mais vos fíram os seus acentos dolorosos

Livres as mãos e serei Tântalo — mas o suplício da sede vós o vereis apenas nos meus olhos

Que adormeceram nas visões das auroras geladas onde o sol de sangue não caminha...

E vós!... (Oh, o fervor de dizer os vossos nomes angustiados!)

Deixai correr o vosso sangue eterno sobre as minhas lágrimas de ouro!

Vós sois o espírito, a alma, a inteligência das coisas criadas E a vós eu não rirei — rir é atormentar a tragédia interior que ama o silêncio

Convosco e contra vós eu vagarei em todos os desertos E a mesma águia se alimentará das nossas entranhas tormentosas.

E vós, serenos anjos... (eu deveria morrer dizendo os vossos nomes!)

Vós cujos pequenos seios se iluminavam misteriosamente
à minha presença silenciosa!
Vossa lembrança é como a vida que não abandona o espírito
no sono
Vós fôstes para mim o grande encontro...
E vós também, ó árvores de desejo! Vós, a jetatura de
Deus enlouquecido
Vós sereis o demônio em tôdas as idades.

POEMA N.º TRÊS EM BUSCA DA ESSÊNCIA

Do amor como do fruto. (Sonhos dolorosos das êrmas
madrugadas acordando...)
Nas savanas a visão dos cactos parados à sombra dos es-
cravos — as negras mãos no ventre luminoso das jazidas
Do amor como do fruto. (A alma dos sons nos algodoais
das velhas landes...)
Extases da terra às manadas de búfalos passando — ecos
vertiginosos das quebradas azuis
O Mighty Lord!

Os rios, os pinheiros e a luz no olhar dos
cães — as raposas
brancas no olhar
dos caçadores
Lôbos uivando, Yukon! Yukon! Yukon! (Casebres nas-
cendo das montanhas paralisadas...)
Do amor como da serenidade. Saudade dos vulcões nas
lavas de neve descendo os abismos
Cantos frios de pássaros desconhecidos. (Arco-íris como
pórticos de eternidade...)
Do amor como da serenidade. Nas planícies infinitas o
espírito nas asas do vento
O Lord of Peace!

Do amor como da morte. (Ilhas de gelo
ao sabor das correntes...)

rsas surgindo da aurora boreal como almas gigantescas
do grande-silêncio-branco
o amor como da morte. (Gotas de sangue sóbre a
neve...)
vida das focas continuamente se arrastando para o
não-sei-onde
— cadáveres eternos de heróis longínquos
Lord of Death!

O POETA

I

Quantos somos, não sei... Somos um, talvez dois; três,
talvez, quatro; cinco, talvez nada
Talvez a multiplicação de cinco em cinco mil e cujos restos
encheriam doze terras
Quantos, não sei... Só sei que somos muitos — o deses-
pêro da dízima infinita
E que somos belos como deuses mas somos trágicos.

Viemos de longe... Quem sabe no sono de Deus tenhamos
aparecido como espectros
Da boca ardente dos vulcões ou da órbita cega dos lagos
desaparecidos
Quem sabe tenhamos germinado misteriosamente do solo
cauterizado das batalhas
Ou do ventre das baleias quem sabe tenhamos surgido?

Viemos de longe — trazemos em nós o orgulho do anjo
rebelado
Do que criou e fêz nascer o fogo da ilimitada e altíssima
misericórdia
Trazemos em nós o orgulho de sermos úlceras no eterno
corpo de Job
E não púrpura e ouro no corpo efêmero de Faraó.

Nascemos da fonte e viemos puros porque herdeiros do sangue
E também disformes porque — ai dos escravos! não há beleza nas origens
Voávamos — Deus dera a asa do bem e a asa do mal às nossas formas impalpáveis
Recolhendo a alma das coisas para o castigo e para a perfeição na vida eterna.

Nascemos da fonte e dentro das eras vagamos como sementes invisíveis o coração dos mundos e dos homens
Deixando atrás de nós o espaço como a memória latente da nossa vida anterior
Porque o espaço é o tempo morto — e o espaço é a memória do poeta
Como o tempo vivo é a memória do homem sobre a terra.

Foi muito antes dos pássaros — apenas rolavam na esfera os cantos de Deus
E apenas a sua sombra imensa cruzava o ar como um farol alucinado...
Existíamos já... No caos de Deus girávamos como o pó prisioneiro da vertigem
Mas de onde viéramos nós e por que privilégio recebido?

E enquanto o eterno tirava da música vazia a harmonia criadora
E da harmonia criadora a ordem dos seres e da ordem dos seres o amor
E do amor a morte e da morte o tempo e do tempo o sofrimento
E do sofrimento a contemplação e da contemplação a serenidade imperecível.

Nós percorríamos como estranhas larvas a forma patética
dos astros
A tudo assistindo e tudo ouvindo e tudo guardando eter-
namente
Como, não sei... Éramos a primeira manifestação da
divindade
Éramos o primeiro ôvo se fecundando à cálida centelha.

Vivemos o inconsciente das idades nos braços palpitantes
dos ciclones
E as germinações da carne no dorso descarnado dos luares
Assistimos ao mistério da revelação dos Trópicos e dos
Signos
E a espantosa encantação dos eclipses e das esfinges.

Descemos longamente o espelho contemplativo das águas,
dos rios do Eden
E vimos, entre os animais, o homem possuir doidamente a
fêmea sóbre a relva
Seguimos... E quando o decurião feriu o peito de Deus
crucificado
Como borboletas de sangue brotamos da carne aberta e
para o amor celestial voamos.

Quantos somos, não sei... Somos um, talvez dois; três,
talvez quatro; cinco, talvez nada
Talvez a multiplicação de cinco em cinco mil e cujos restos
encheriam doze terras
Quantos, não sei... Somos a constelação perdida que
caminha largando estrélas
Somos a estréla perdida que caminha desfeita em luz.

II

E uma vez, quando ajoelhados assistíamos à dança nua
das auroras
Surgiu do céu parado como uma visão de alta serenidade
Uma branca mulher de cujo sexo a luz jorrava em ondas
E de cujos seios corria um doce leite ignorado.

Oh, como ela era bela! era impura — mas como ela era
bela!
Era como um canto ou como uma flor brotando ou como
um cisne
Tinha um sorriso de praia em madrugada e um olhar
esvanecente
E uma cabeleira de luz como uma cachoeira em plenilúvio.

Vinha dela uma falta de amor irresistível
Um chamado como uma canção noturna na distância
Um calor de corpo dormindo e um abandono de onda
descendo
Uma sedução de vela fugindo ou de garça voando.

E a ela fomos e a ela nos misturamos e a tivemos...
Em véus de neblina fugiam as auroras nos braços do vento
Mas que nos importava se também ela nos carregava nos
seus braços
E se o seu leite sobre nós escorria e pelo céu?

Ela nos acolheu, estranhos parasitas, pelo seu corpo
desnudado
E nós a amamos e a defendemos e nós no ventre a fecun-
damos
Dormíamos sobre os seus seios apojados ao clarão das
tormentas
E desejávamos ser astros para inda melhor compreendê-la.

Uma noite o horrível sonho desceu sobre as nossas almas
sossegadas
A amada ia ficando gelada e silenciosa — luzes morriam
nos seus olhos...
Do seu peito corria o leite frio e ao nosso amor desacordada
Subiu mais alto e mais além, morta dentro do espaço.

Muito tempo choramos e as nossas lágrimas inundaram
a terra
Mas morre toda a dor ante a visão dolorosa da beleza
Ao vulto da manhã sonhamos a paz e a desejamos
Sonhamos a grande viagem através da serenidade das
crateras.

Mas quando as nossas asas vibraram no ar dormente
Sentimos a prisão nebulosa de leite envolvendo as nossas
espécies
A Via-Láctea — o rio da paixão correndo sobre a pureza
das estrélas
A linfa dos peitos da amada que um dia morreu.

Maldito o que bebeu o leite dos seios da virgem que não
era mãe mas era amante
Maldito o que se banhou na luz que não era pura mas
ardente
Maldito o que se demorou na contemplação do sexo que
não era calmo mas amargo
O que beijou os lábios que eram como a ferida dando
sangue!

E nós ali ficamos, batendo as asas libertas, escravos do misterioso plasma
Metade anjo, metade demônio, cheios da euforia do vento
e da doçura do cárcere remoto
Debruçados sobre a terra, mostrando a maravilhosa
essência da nossa vida
Lírios, já agora turvos lírios das campas, nascidos da face
lívida da morte.

III

Mas vai que havia por êsse tempo nas tribos da terra
Estranhas mulheres de olhos parados e de longas vestes
nazarenas
Que tinham o plácido amor nos gestos tristes e serenos
E o divino desejo nos frios lábios anelantes.

E quando as noites estelares fremiam nos campos sem lua
E a Via-Láctea como uma visão de lágrimas surgia
Elas beijavam de leve a face do homem dormindo no feno
E saíam dos casebres ocultos, pelas estradas murmurantes.

E no momento em que a planície escura beijava os dois
longínquos horizontes
E o céu se derramava iluminadamente sobre a várzea
Iam as mulheres e se deitavam no chão paralisadas
As brancas túnicas abertas e o branco ventre desnudado.

E pela noite adentro elas ficavam, descobertas
O amante olhar boiando sobre a grande plantação de
estrélas
No desejo sem fim dos pequenos sêres de luz alcandorados
Que palpitavam na distância numa promessa de beleza.

E tão maternalmente os desejavam e tão na alma os possuíam
Que às vêzes desgravitados uns despenhavam-se no espaço
E vertiginosamente caíam numa chuva de fogo e de fulgores
Pelo misterioso tropismo súbitamente carregados.

Nesse instante, ao delíquio de amor das destinadas
Num milagre de unção, delas se projetava à altura
Como um cogumelo gigantesco um grande útero fremente
Que ao céu colhia a estréla e ao ventre retornava.

E assim pelo ciclo negro da pálida esfera através do tempo
Ao clarão imortal dos pássaros de fogo cruzando o céu noturno
As mulheres, aos gritos agudos da carne rompida de dentro
Iam se fecundando ao amor puríssimo do espaço.

E às cores da manhã elas voltavam vagarosas
Pelas estradas frescas, através dos vastos bosques de pinheiros
E ao chegar, no feno onde o homem sereno inda dormia
Em preces rituais e cantos místicos velavam.

Um dia mordiam-lhes o ventre, nas entranhas — entre raios de sol vinha a tormenta...
Sofriam... e ao estridor dos elementos confundidos Deitavam à terra o fruto maldito de cuja face transtornada As primeiras e mais tristes lágrimas desciam.

Tinha nascido o poeta. Sua face é bela, seu coração é trágico
Seu destino é atroz; ao triste materno beijo mudo e ausente
Ele parte! Busca ainda as viagens eternas da origem
Sonha ainda a música um dia ouvida em sua essência.

VIAGEM À SOMBRA

Tua casa sózinha — lassidão infinita dos devaneios, dos segredos. Flocos verdes de perfume sobre a malva penumbra (e a tua carne em pianíssimo, grande gata branca de fala moribunda) e o fumo branco da cidade inatingível, e o fumo branco, e a tua boca áspera, onde há dentes de inocência ainda.

És, de qualquer modo, a Mulher. Há teu ventre que se cobre, invisível, de odor marítimo dos brigues selvagens que eu não tive; há teus olhos mansos de louca, oh, louca! e há tua face obscura, dolorosa, talhada na pedra que quis falar. Nos teus seios de juventude, o ruído misterioso dos duendes ordenhando o leite pálido da tristeza do desejo.

E na espera da música, o vaivém infantil dos gestos solenes de magia. Sim, é dança! — o colo que aflora oferecido é a melodiosa recusa das mãos, a anca que irrompe à carícia é o ungido pudor dos olhos, há um sorriso de infinita graça, também, frio sobre os lábios que se consomem. Ah! onde o mar e as trágicas aves da tempestade, para ser transportado, a face pousada sobre o abismo?

Que se abram as portas, que se abram as janelas e se afastem as coisas aos ventos. Se alguém me pôs nas mãos êste chicote de aço, eu te castigarei, fêmea! — Vem, pousa-te aqui! Adormece tuas íris de ágata, dança! — teu

corpo barroco em bolero e rumba. — Mais! — dança!
dança! — canta, rouxinol! (Oh, tuas coxas são pântanos
de cal viva, misteriosas como a carne dos bátráquios...)

Tu que só és o balbucio, o voto, a súplica — oh mulher,
anjo, cadáver da minha angústia! — sé minha! minha!
minha! no êrmo dêste momento, no momento desta som-
bra, na sombra desta agonia — minha — minha — minha
— oh mulher, garça mansa, resto orvalhado de nuvem...

Pudesse passar o tempo e tu restares horizontalmente,
fraco animal, as pernas atiradas à dor da monstruosa
gestação! Eu te fecundaria com um simples pensamento
de amor, ai de mim!

Mas ficarás com o teu destino.

BALADA FEROZ

Canta uma esperança desatinada para que se enfureçam
silenciosamente os cadáveres dos afogados
Canta para que grasse sarcásticamente o corvo que tens
pousado sobre a tua omoplata atlética
Canta como um louco enquanto os teus pés vão penetrando
a massa sequiosa de lesmas
Canta! para esse formoso pássaro azul que ainda uma vez
sujaria sobre o teu êxtase.

Arranca do mais fundo a tua pureza e lança-a sobre o
corpo felpudo das aranhas
Ri dos touros selvagens carregando nos chifres virgens
nuas para o estupro nas montanhas
Pula sobre o leito cru dos sádicos, dos histéricos, dos mas-
turbados e dança!
Dança para a lua que está escorrendo lentamente pelo
ventre das menstruadas.

Lança o teu poema inocente sobre o rio venéreo engolindo
as cidades
Sobre os casebres onde os escorpiões se matam à visão dos
amores miseráveis
Deita a tua alma sobre a podridão das latrinas e das fossas
Por onde passou a miséria da condição dos escravos e dos
gênios.

Dança, ó desvairado! Dança pelos campos aos rinchos
dolorosos das éguas parindo
Mergulha a algidez dêste lago onde os nenúfares apodre-
cem e onde a água floresce em miasmas
Fende o fundo viscoso e espreme com tuas fortes mãos a
carne flácida das medusas
E com teu sorriso inexcedível surge como um deus amarelo
da imunda pomada.

Amarra-te aos pés das garças e solta-as para que te levem
E quando a decomposição dos campos de guerra te ferir
as narinas, lança-te sobre a cidade mortuária
Cava a terra por entre as tumefações e se encontrares um
velho canhão soterrado, volta
E vem atirar sobre as borboletas cintilando côres que
comem as fezes verdes das estradas.

Salta como um fauno puro ou como um sapo de ouro por
entre os raios do sol frenético
Faz fugir com o teu calão o eco dos vales e das montanhas
Mija sobre o lugar dos mendigos nas escadarias sórdidas
dos templos
E escarra sobre todos os que se proclamarem miseráveis.

Canta! canta demais! Nada há como o amor para matar
a vida
Amor que é bem o amor da inocência primeira!
Canta! — o coração da Donzela ficará queimando eterna-
mente a cinza morta
Para o horror dos monges, dos cortesãos, das prostitutas
e dos pederastas.

Transforma-te por um segundo num mosquito gigante e
passeia de noite sobre as grandes cidades
Espalhando o terror por onde quer que pousem tuas
antenas impalpáveis
Suga aos cínicos o cinismo, aos covardes o medo, aos
avaros o ouro
E para que apodreçam como porcos injeta-os de pureza!

E com todo esse pus, faz um poema puro
E deixa-o ir, armado cavaleiro, pela vida
E ri e canta dos que pasmados o abrigarem
E dos que por medo dêle te derem em troca a mulher
e o pão.

Canta! canta, porque cantar é a missão do poeta
E dança, porque dançar é o destino da pureza
Faz para os cemitérios e para os lares o teu grande gesto
obsceno
Carne morta ou carne viva — toma! Agora falo eu que
sou um!

INVOCAÇÃO À MULHER ÚNICA

Tu, pássaro — mulher de leite! Tu que carregas as lívidas
glândulas do amor acima do sexo infinito
Tu, que perpetuas o desespéro humano — alma desolada
da noite sóbre o frio das águas — tu
Tédio escuro, mal da vida — fonte! jamais... jamais...
(que o poema receba as minhas lágrimas!...)
Dei-te um mistério: um ídolo, uma catedral, uma prece
são menos reais que três partes sangrentas
do meu coração em martírio
E hoje meu corpo nu estilhaça os espelhos e o mal está em
mim e a minha carne é aguda
E eu trago crucificadas mil mulheres cuja santidade de-
penderia apenas de um gesto teu sóbre o
espaço em harmonia.
Pobre eu! sinto-me tão tu mesma, meu belo cisne, minha
bela, bela garça, fêmea
Feita de diamantes e cuja postura lembra um templo ador-
mecido numa velha madrugada de lua...
A minha ascendência de heróis: assassinos, ladrões, estu-
pradores, onanistas — negações do bem: o
Antigo Testamento! — a minha descendência
De poetas: puros, selvagens, líricos, inocentes: o Novo
Testamento — afirmações do bem: dúvida
(Dúvida mais fácil que a fé, mais transigente que a espe-
rança, mais oportunista que a caridade
Dúvida, madrasta do gênio) — tudo, tudo se esboroa ante a
visão do teu ventre púbere, alma do Pai,
coração do Filho, carne do Santo Espírito,
amém!

Tu, criança ! cujo olhar faz crescer os brotos dos sulcos da terra — perpetuação do êxtase
Criatura, mais que nenhuma outra, porque nasceste fecundada pelos astros — mulher ! tu que deitas o teu sangue
Quando os lôbos uivam e as sereias desacordadas se amontoam pelas praias — mulher !
Mulher que eu amo, criança que eu amo, ser ignorado, essência perdida num ar de inverno...
Não me deixes morrer!... eu, homem — fruto da terra — eu, homem — fruto do pensamento — eu, homem — fruto da carne
Eu que carrego o peso da tara e me rejubilo, eu que carrego os sinos do sêmen que se rejubilam à carne
Eu que sou um grito perdido no primeiro vazio à procura de um Deus que é o vazio êle mesmo!
Não me deixes partir... — as viagens remontam à vida!... e porque eu partiria se és a vida, se há em ti a viagem muito pura
A viagem do amor que não volta, a que me faz sonhar do mais fundo da minha poesia
Com uma grande extensão de corpo e alma — uma montanha imensa e desdobrada — por onde eu iria caminhando
Até o âmago e iria e beberia da fonte mais doce e me enlanguesceria e dormiria eternamente como uma múmia egípcia
No invólucro da Natureza que és tu mesma, coberto da tua pele que é a minha própria — oh mulher, espécie adorável da poesia eterna !

A MÁSCARA DA NOITE

Sim, essa tarde conhece todos os meus pensamentos
Todos os meus segredos e todos os meus patéticos anseios
Sob esse céu como uma visão azul de incenso
As estrélas são perfumes passados que me chegam...

Sim! essa tarde que eu não conheço é uma mulher que
 me chama
E eis que é uma cidade apenas, uma cidade dourada de
 astros
Aves, fôlhas silenciosas, sons perdidos em côres
Nuvens como velas abertas para o tempo...

Não sei, tôda essa evocação perdida, tôda essa música
 perdida
É como um pressentimento de inocência, como um apêlo...
Mas para que buscar se a forma ficou no gesto esvanecida
E se a poesia ficou dormindo nos braços de outrora...

Como saber se é tarde, se haverá manhã para o crepúsculo
Neste entorpecimento, neste filtro mágico de lágrimas?
Orvalho, orvalho! desce sobre os meus olhos, sobre o
 meu sexo
Faz-se surgir diamante dentro do sol!

Lembro-me!... como se fôsse a hora da memória
Outras tardes, outras janelas, outras criaturas na alma
O olhar abandonado de um lago e o frêmito de um vento
Seios crescendo para o poente como salmos...

Oh, a doce tarde! Sobre mares de gelo ardentes de
revérbero
Vagam plácidamente navios fantásticos de prata
E em grandes castelos côr de ouro, anjos azuis serenos
Tangem sinos de cristal que vibram na imensa transpa-
rência!

Eu sinto que essa tarde está me vendo, que essa serenidade
está me vendo
Que o momento da criação está me vendo neste instante
doloroso de sossêgo em mim mesmo
Oh criação que estás me vendo, surge mulher e beija-me
os olhos
Afaga-me os cabelos, canta uma canção para eu dormir!

És bem tu, máscara da noite, com tua carne rósea
Com teus longos xales campestres e com teus cânticos
És bem tu! ouço teus faunos pontilhando as águas de sons
de flautas
Em longas escadas cromáticas fragrantes...

Ah, meu verso tem palpitações dulcíssimas! — primaveras!
Sonhos bucólicos nunca sonhados pelo desespéro
Visões de rios plácidos e matas adormecidas
Sobre o panorama crucificado e monstruoso dos telhados!

Por que vens, noite? por que não adormeces o teu crepe
Por que não te esvais — espetro — nesse perfume tenro
de rosas?
Deixa que a tarde envolva eternamente a face dos deuses
Noite, dolorosa noite, misteriosa noite!

Oh tarde, máscara da noite, tu és a presciênci
Só tu conheces e acolhes todos os meus pensamentos
O teu céu, a tua luz, a tua calma
São a palavra da morte e do sonho em mim!

VIDA E POESIA

A lua projetava o seu perfil azul
Sobre os velhos arabescos das flôres calmas
A pequena varanda era como o ninho futuro
E as ramadas escorriam gotas que não havia.
Na rua ignorada anjos brincavam de roda...
— Ninguém sabia, mas nós estávamos ali.
Só os perfumes teciam a renda da tristeza
Porque as corolas eram alegres como frutos
E uma inocente pintura brotava do desenho das côres.
Eu me pus a sonhar o poema da hora.
E, talvez ao olhar meu rosto exasperado
Pela ânsia de te ter tão vagamente amiga
Talvez ao pressentir na carne misteriosa
A germinação estranha do meu indizível apêlo
Ouvi bruscamente a claridade do teu riso
Num gorjeio de gorgulhos de água enluarada.
E êle era tão belo, tão mais belo do que a noite
Tão mais doce que o mel dourado dos teus olhos
Que ao vê-lo trilar sobre os teus dentes como um címbalo
E se escorrer sobre os teus lábios como um suco
E marulhar entre os teus seios como uma onda
Chorei docemente na concha de minhas mãos vazias
De que me tivesses possuído antes do amor.

SONATA DO AMOR PERDIDO

LAMENTO N.^o 1

Onde estão os teus olhos — onde estão? — Oh, milagre de
 amor que escorres dos meus olhos!
Na água iluminada dos rios da lua eu os vi descendo e
 passando e fugindo
Iam como as estréias da manhã. Vem, eu quero os teus
 olhos, meu amor!
A vida... sombras que vão e sombras que vêm vindo
O tempo... sombras de perto e sombras na distância —
 vem, o tempo quer a vida!
Onde ocultar minha dor se os teus olhos estão dormindo?

Onde está tua face? Eu a senti pousada sobre a aurora
Teu brando cortinado ao vento leve era como asas fremindo
Teu sôpro tenuê era como um pedido de silêncio — oh, a
 tua face iluminada!
Em mim, mãos se amargurando, olhos no céu olhando,
 ouvidos no ar ouvindo
Na minha face o orvalho da madrugada atroz, na minha
 bôca o orvalho do teu nome!
Vem... os velhos lírios estão fanando, os lírios novos
 estão florindo...

INTERMÉDIO

Sob o céu de maio as flôres têm sêde da luz das estrélas
Os róseos gineceus se abrem na sombra para a fecundação
maravilhosa...
Lua, ó branca Safo, estanca o perfume dos corpos desfo-
lhados na alvorada
Para que surja a ausente e sinta a música escorrendo
do ar!
Vento, ó branco eunuco, traz o polem sagrado do amor
das virgens
Para que acorde a adormecida e ouça a minha voz...

LAMENTO N.^o 2

Teu corpo sôbre a úmida relva de esmeralda, junto às
acácias amarelas
Estavas triste e ausente — mas dos teus seios ia o sol se
levantando
Oh, os teus seios desabrochados e palpitantes como pás-
saros amorosos
E a tua garganta agoniada e teu olhar nas lágrimas
boiando!
Oh, a pureza que se abraçou às tuas formas como um anjo
E sôbre os teus lábios e sôbre os teus olhos está cantando!

Tu não virás jamais! Teus braços como asas frágeis roça-
ram o espaço sossegado
Na poeira de ouro teus dedos se agitam, fremindo,
correndo, dançando...
Vais... teus cabelos desvencilhados rolam em onda sôbre
a tua nudez perfeita
E tôda te incendeias no facho da alma que está quei-
mando...
Oh, beijemos a terra e sigamos a estréla que vai do fogo
nascer no céu parado
É a Música, é a Música que vibra e está chamando!

A BRUSCA POESIA DA MULHER AMADA

Longe dos pescadores os rios infindáveis vão morrendo de
sêde lentamente...
Eles foram vistos caminhando de noite para o amor — oh,
a mulher amada é como a fonte!

A mulher amada é como o pensamento do filósofo sofrendo
A mulher amada é como o lago dormindo no cérro perdido
Mas quem é essa misteriosa que é como um círio crepi-
tando no peito?
Essa que tem olhos, lábios e dedos dentro da forma
inexistente?

Pelo trigo a nascer nas campinas de sol a terra amorosa
elevou a face pálida dos lírios
E os lavradores foram se mudando em príncipes de mãos
finas e rostos transfigurados...

Oh, a mulher amada é como a onda sózinha correndo
distante das praias
Pousada no fundo estará a estréla, e mais além.

O CEMITÉRIO NA MADRUGADA

Às cinco da manhã a angústia se veste de branco
E fica como louca, sentada, espiando o mar...
É a hora em que se acende o fogo-fátuo da madrugada
Sobre os mármores frios, frios e frios do cemitério
E em que, embaladas pela harpa cariçosas das pescarias
Dormem tôdas as crianças do mundo.

Às cinco da manhã a angústia se veste de branco
Tudo repousa... e sem treva, morrem as últimas sombras...
É a hora em que, libertados do horror da noite escura
Acordam os grandes anjos-da-guarda dos jazigos
E os mais serenos cristos se desenlaçam dos madeiros
Para lavar o rosto pálido na névoa.

Às cinco da manhã... — tão tarde soube! — não fôra
ainda uma visão
Não fôra ainda o medo da morte em minha carne!
Viera de longe... de um corpo lívido de amante
Do mistério fúnebre de um êxtase esquecido
Tinha-me perdido na cerração, tinha-me talvez perdido
Na escuta de asas invisíveis em torno...

Mas ah, ela veio até mim, a pálida cidade dos poemas
Eu a vi, assim gelada e hirta, na neblina!
Oh, não eras tu, mulher sonâmbula, tu que eu deixei
Banhada do orvalho estéril da minha agonia
Teus seios eram túmulos também, teu ventre era uma
uita fria
Mas não havia paz em ti!

SOLILÓQUIO

Talvez os imensos limites da pátria me lembrem os puros
E amargue em meu coração a descrença.
Sinto-me tão cansado de sofrer, tão cansado! — algum dia,
em alguma parte
Hei de lançar também as âncoras ardentes das promessas
Mas no meu coração intranquilo não há senão fome e sede
De lembranças inexistentes.

O que resta da grande paisagem de pensamentos vividos
Diz, minha alma, senão o vazio?
São verdades as lágrimas, os estremecimentos, os tédios
longos
As caminhadas infinitas no ôco da eterna voz que te
obriga?
E no entanto o que crê em ti não tem o teu amor apris
sionado
Escravos de fruições efêmeras...

Ah, será para sempre assim... o beijo pouco do tempo
Na face presa de eternidade
E em todos os momentos a sensação pobre de estar vivendo
E ter em si sómente o que não pode ser vivido
E em todos os momentos a beleza, e apenas
Num só momento a prece...

Nunca me sorrirão vozes infantis no corpo, e quem sabe
por tê-las

Muito ardente mente desejado...

Talvez os limites da pátria me lembrem os puros e
enlouqueça

Em mim o que não foi da carne conquistado.

Muitas vezes hei de me dizer que não sou senão juventude
No seio do pântano triste.

Quero-te, porém, vida, súplica! o medo de mim mesmo
Não há na minha saudade.

É que dói não viver em amor e em renúncia

Quando o amor e a renúncia são terras dentro de mim
E uma vez mais me deitarei no frio, guia de luz perdido
Sem mistérios e sem sombra.

Bem viram os que temeram a minha angústia e as que se
disseram:

— Ele perdeu-se no mar!

No mar estou perdido, sem céu e sem terra e sem sede
de água

E nada senão minha carne resiste aos apelos do terno...
O que restará de ti, homem triste, que não seja a tua
tristeza

Fruto sobre a terra morta?

Não pensar, talvez... Caminhar ciliciando a carne
Sobre o corpo macerado da vida
Ser um milhão na mesma cidade desabitada
E sendo apenas um, ir acordando o amor e a angústia
E da inquietação vinda e multiplicada, arrancar um riso
sem força
Sobre as paisagens inúteis.

Mas, oh, saber... — saber até o fundo do conhecimento
Sobre as aves e os lírios!

Saber a pureza bailando no pensamento como um gênio
perfeito

E na alma os cantos límpidos e os vôos de uma poesia!

E nada poder, nada, senão ir e vir como a sombra do
condenado

Pelo silêncio em escuta...

E não sou um covarde... — sofro pelas manhãs e pelas
tarde

E pelas noites desvaneço...

No entanto, é covarde que me sinto no olhar dos que me
amam

E no prazer que arranco cem vezes da carne ou do espírito
que quero.

Ai de mim, tão grande, tão pequeno... — e quando o
digo intimamente!

E em ambos, sem pânico...

E me pergunto: Serei vazio de amor como os ciprestes
No seio da ventania?

Serei vazio de serenidade com as águas no seio do abismo
Ou como as parasitas no seio da mata serei vazio de
humildade?

Ou serei o amor eu mesmo e a calma e a humildade eu
mesmo

No seio do infinito vazio?

E me pergunto: O que é o perigo, onde a sua fascinação
profunda

E o gôsto ardente de morrer?

Não é a morte o meu voto murmurante

Que caminha comigo pelas estradas e adormece no meu
leito?

O que é morrer senão viver plácidamente
Na imutável espera?

Nada responde — nada responde o desespêro
Solidão sem desvario.
Mas resta, resta a ânsia das palavras murmuradas ao
vento
E a emoção das visões vividas no seu melhor momento
Resta a posse longínqua e em eterna lembrança
Da imagem única.

Resta?... Já me disse blasfêmias no âmago do prazer
sentido
Sobre o corpo nu da mulher
Já arranquei de mim mesmo o sumo da sabedoria
Para fazê-lo vibrar dolorosamente à minha vontade
E no entanto... posso me glorificar de ter sido forte
Contra o que sempre foi?

Hão de ir todos, todos, para as celebrações e para os ritos
Ficarei em casa, sem lar
Hei de ouvir as vozes dos amantes que não se entediam
E dos amigos que não se amam e não lutam
As portas abertas, à espera dos passos do retardatário
Não receberei ninguém.

Talvez nos imensos limites da pátria estejam os puros
E apenas em mim o ilimitado...
Mas oh, cerrar os olhos, dormir, dormir longe de tudo
Longe mesmo do amor longe de mim!
E enquanto se vão todos, heróicos, santos, sem mentira ou
sem verdade
Ficar, sem perseverança...

A VIDA VIVIDA

Quem sou eu senão um grande sonho obscuro em face
do Sonho
Senão uma grande angústia obscura em face da Angústia
Quem sou eu senão a imponderável árvore dentro da noite
imóvel
E cujas prêas remontam ao mais triste fundo da terra?

De que venho senão da eterna caminhada de uma sombra
Que se destrói à presença das fortes claridades
Mas em cujo rastro indelével repousa a face do mistério
E cuja forma é a prodigiosa treva informe?

Que destino é o meu senão o de assistir ao meu Destino
Rio que sou em busca do mar que me apavora
Alma que sou clamando o desfalecimento
Carne que sou no âmago inútil da prece?

O que é a mulher em mim senão o Túmulo
O branco marco da minha rota peregrina
Aquela em cujos braços vou caminhando para a morte
Mas em cujos braços sómente tenho vida?

O que é o meu Amor, ai de mim! senão a luz impassível
Senão a estréla parada num oceano de melancolia
O que me diz êle senão que é vã tôda a palavra
Que não repousa no seio trágico do abismo?

O que é o meu Amor? senão o meu desejo iluminado
O meu infinito desejo de ser o que sou acima de mim mesmo
O meu eterno partir na minha vontade enorme de ficar
Peregrino, peregrino de um instante, peregrino de todos os instantes?

A quem respondo senão a ecos, a soluços, a lamentos
De vozes que morrem no fundo do meu prazer ou do meu tédio
A quem falo senão a multidões de símbolos errantes
Cuja tragédia efêmera nenhum espírito imagina?

Qual é meu ideal senão fazer do céu poderoso a Língua
Da nuvem a Palavra imortal cheia de segredo
E do fundo do inferno delirantemente proclamá-los
Em Poesia que se derrame como sol ou como chuva?

O que é o meu ideal senão o Supremo Impossível
Aquele que é, só êle, o meu cuidado e o meu anelo
O que é êle em mim senão o meu desejo de encontrá-lo
E o encontrando, o meu medo de não o reconhecer?

O que sou eu senão Ele, o Deus em sofrimento
O tremor imperceptível na voz portentosa do vento
O bater invisível de um coração no descampado...
O que sou eu senão Eu Mesmo em face de mim?

ARIANA, A MULHER

Quando, aquela noite, na sala deserta daquela casa cheia
da montanha em torno
O tempo convergiu para a morte e houve uma cessação
estranya seguida de um debruçar do
instante para o outro instante
Ante o meu olhar absorto o relógio avançou e foi como se
eu tivesse me identificado a él e estivesse
batendo soturnamente a Meia-Noite
E na ordem de horror que o silêncio fazia pulsar como um
coração dentro do ar despojado
Senti que a Natureza tinha entrado invisivelmente através
das paredes e se plantara aos meus
olhos em tôda a sua fixidez noturna
E que eu estava no meio dela e à minha volta haviam ár-
vores dormindo e flôres desacordadas pela treva.

Como que a solidão traz a presença invisível de um cadáver
— e para mim era como se a Natureza estivesse morta
Eu aspirava a sua respiração ácida e pressentia a sua de-
glutição monstruosa mas para mim era
como se ela estivesse morta
Paralisada e fria, imensamente erguida em sua sombra
imóvel para o céu alto e sem lua
E nenhum grito, nenhum sussurro de água nos rios cor-
rendo, nenhum eco nas quebradas érmas
Nenhum desespéro nas lianas pendidas, nenhuma fome no
muco aflorado das plantas carnívoras
Nenhuma voz, nenhum apêlo da terra, nenhuma lamen-
tação de fôlhas, nada.

Em vão eu atirava os braços para as orquídeas insensíveis
junto aos lírios inermes como velhos fálos
Inútilmente corria cego por entre os troncos cujas parasitas
eram como a miséria da vaidade senil dos homens
Nada se movia como se o medo tivesse matado em mim a
mocidade e gelado o sangue capaz de acordá-los
E já o suor corria do meu corpo e as lágrimas dos meus
olhos ao contato dos cactos esbarrados na
alucinação da fuga
E a loucura dos pés parecia galgar lentamente os membros
em busca do pensamento
Quando caí no ventre quente de uma campina de vegetação
úmida e sobre a qual afundei minha carne.

Foi então que eu compreendi que só em mim havia morte
e que tudo estava profundamente vivo
Só então vi as folhas caindo, os rios correndo, os troncos
pulsando, as flôres se erguendo
E ouvi os gemidos dos galhos tremendo, dos gineceus se
abrindo, das borboletas noivas se finando
E tão grande foi a minha dor que angustiosamente abracei
a terra como se quisesse fecundá-la
Mas ela me lançou fora como se não houvesse força em
mim e como se ela não me desejasse
E eu me vi só, nu e só, e era como se a traição tivesse me
envelhecido eras.

Tristemente me brotou da alma o branco nome da Amada
e eu murmurei — Ariana!
E sem pensar caminhei trôpego como a visão do Tempo
e murmurava — Ariana!
E tudo em mim buscava Ariana e não havia Ariana em
nenhuma parte

Mas se Ariana era a floresta, por que não havia de ser
Ariana a terra?
Se Ariana era a morte, por que não havia de ser Ariana
a vida?
Por quê — se tudo era Ariana e só Ariana havia e nada
fora de Ariana?

Baixei à terra de joelhos e a bôca colada ao seu seio disse
muito docemente — Sou eu, Ariana...
Mas eis que um grande pássaro azul desce e canta aos
meus ouvidos — Eu sou Ariana!
E em todo o céu ficou vibrando como um hino o muito
amado nome de Ariana.
Desesperado me ergui e bradei: Quem és que te devo pro-
curar em tôda a parte e estás em cada uma?
Espírito, carne, vida, sofrimento, serenidade, morte, por
que não serias uma?
Por que me persegues e me foges e por que me cegas se
me dás uma luz e restas longe?

Mas nada me respondeu e eu prossegui na minha pere-
grinação através da campina
E dizia: Sei que tudo é infinito! — e o pio das aves me
trazia o grito dos sertões desaparecidos
E as pedras do caminho me traziam os abismos e a terra
sêca a sêde nas fontes.
No entanto, era como se eu fôsse a alimária de um anjo
que me chicoteava — Ariana!
E eu caminhava cheio do castigo e em busca do martírio
de Ariana
A branca Amada salva das águas e a quem fôra prometido
o trono do mundo.

É eis que galgando um monte surgiram luzes e após janellas iluminadas e após cabanas iluminadas
E após ruas iluminadas e após lugarejos iluminados como fogos no mato noturno
E grandes rôdes de pescar secavam às portas e se ouvia o bater das forjas.
E perguntei: Pescadores, onde está Ariana? — e êles me mostravam o peixe
Ferreiros, onde está Ariana? — e êles me mostravam o fogo
Mulheres, onde está Ariana? — e elas me mostravam o sexo.

Mas logo se ouviam gritos e danças, e gaitas tocavam e guizos batiam
Eu caminhava, e aos poucos o ruído ia se alongando à medida que eu penetrava na savana
No entanto era como se o canto que me chegava entoasse — Ariana!
E pensei: Talvez eu encontre Ariana na Cidade de Ouro!
— por que não seria Ariana a mulher perdida?
Por que não seria Ariana a moeda em que oobreiro gravou a effigie de Cesar?
Por que não seria Ariana a mercadoria do Templo ou a púrpura bordada do altar do Templo?

E mergulhei nos subterrâneos e nas tôrres da Cidade de Ouro mas não encontrei Ariana
Às vêzes indagava — e um poderoso fariseu me disse irado:
— Cão de Deus, tu és Ariana!
E talvez porque eu fôsse realmente o Cão de Deus não compreendi a palavra do homem rico
Mas Ariana não era a mulher, nem a moeda, nem a mercadoria, nem a púrpura
E eu disse comigo: Em todo lugar menos que aqui estará Ariana
E compreendi que só onde cabia Deus cabia Ariana.

Então cantei: Ariana, chicote de Deus castigando Ariana!
e disse muitas palavras inexistentes
E imitei a voz dos pássaros e espezinhei sôbre a urtiga mas
não espezinhei sôbre a cicuta santa
Era como se um raio tivesse me ferido e corresse desatado dentro de minhas entranhas
As mãos em concha, no alto dos morros ou nos vales eu gritava — Ariana!
E muitas vezes o eco ajuntava: Ariana... ana...
E os trovões desdobravam no céu a palavra — Ariana.

E como a uma ordem estranha, as serpentes saíam das tocas e comiam os ratos
Os porcos endemoninhados se devoravam, os cisnes tombavam cantando nos lagos
E os corvos e abutres caíam feridos por legiões de águias precipitadas
E misteriosamente o joio se separava do trigo nos campos desertos
E os milharais descendo os braços trituravam as formigas no solo
E envenenadas pela terra descomposta as figueiras se tornavam profundamente sêcas.

Dentro em pouco todos corriam a mim, homens varões e mulheres desposadas
Umas me diziam: Meu senhor, meu filho morre! e outras eram cegas e paralíticas
E os homens me apontavam as plantações estorricadas e as vacas magras.
E eu dizia: Eu sou o enviado do Mal! e imediatamente as crianças morriam
E os cegos se tornavam paralíticos e os paralíticos cegos
E as plantações se tornavam pó que o vento carregava e que sufocava as vacas magras.

Mas como quisessem me correr eu falava olhando a dor
e a maceração dos corpos
Não temas, povo escravo! A mim me morreu a alma mais
do que o filho e me assaltou a indife-
rença mais do que a lepra.
A mim se fêz pó a carne mais do que o trigo e se sufocou
a poesia mais do que a vaca magra
Mas é preciso! para que surja a Exaltada, a branca e
sereníssima Ariana
A que é a lepra e a saúde, o pó e o trigo, a poesia e a vaca
magra
Ariana, a mulher — a mãe, a filha, a espôsa, a noiva, a
bem-amada!

E à medida que o nome de Ariana ressoava como um grito
de clarim nas faces paradas
As crianças se erguiam, os cegos olhavam, os paralíticos
andavam medrosamente
E nos campos dourados ondulando ao vento, as vacas
mugiam para o céu claro
E um só clamor saía de todos os peitos e vibrava em todos
lábios — Ariana!
E uma só música se estendia sobre as terras e sobre os rios
— Ariana!
E um só entendimento iluminava o pensamento dos poetas
— Ariana!

Assim, coberto de bênçãos, cheguei a uma floresta e me
sentei às suas bordas — os regatos cantavam límpidos
Tive o desejo súbito da sombra, da humildade dos galhos
e do repouso das folhas secas
E me aprofundei na espessura funda cheia de ruídos e
onde o mistério passava sonhando

E foi como se eu tivesse procurado e sido atendido — vi
 orquídeas que eram camas doces para a fadiga
Vi rosas selvagens cheias de orvalho, de perfume eterno e
 boas para matar a sede
E vi palmas gigantescas que eram leques para afastar o
 calor da carne.

Descansei — por um momento senti vertiginosamente o
 húmus fecundo da terra
A pureza e a ternura da vida nos lírios altivos como fálus
A liberdade das lianas prisioneiras, a serenidade das
 quedas se despenhando.
E mais do que nunca o nome da Amada me veio e eu
 murmurei o apêlo — Eu te amo, Ariana!
E o sono da Amada me desceu aos olhos e êles cerraram a
 visão de Ariana
E o meu coração pôs-se a bater pausadamente doze vêzes
 o sinal cabalístico de Ariana...
.....

Depois um gigantesco relógio se precisou na fixidez do
 sonho, tomou forma e se situou na minha
 frente, parado sóbre a Meia-Noite
Vi que estava só e que era eu mesmo e reconheci velhos
 objetos amigos.
Mas passando sóbre o rosto a mão gelada senti que chorava
 as puríssimas lágrimas de Ariana
E que o meu espírito e o meu coração eram para sempre
 da branca e sereníssima Ariana
No silêncio profundo daquela casa cheia de montanha
 em torno.

ELEGIA QUASE UMA ODE

Meu sonho, eu te perdi; tornei-me em homem.
O verso que mergulha o fundo de minha alma
É simples e fatal, mas não traz carícia...
Lembra-me de ti, poesia criança, de ti
Que te suspendias para o poema como que para um seio
no espaço.
Levavas em cada palavra a ânsia
De todo o sofrimento vivido.

Queria dizer coisas simples, bem simples
Que não ferissem teus ouvidos, minha mãe.
Queria falar em Deus, falar docemente em Deus
Para acalentar tua esperança, minha avó.
Queria tornar-me mendigo, ser miserável
Para participar de tua beleza, meu irmão.
Queria, meus amigos... queria, meus inimigos...
Queria...
queria tão exaltadamente, minha amiga !

Mas tu, Poesia
Tu desgraçadamente Poesia
Tu que me afogaste em desespôro e me salvaste
E me afogaste de novo e de novo me salvaste e me
trouxeste
À borda de abismos irreais em que me lançaste e que
depois eram abismos verdadeiros

Onde vivia a infância corrompida de vermes, a loucura
prenhe do Espírito Santo, e idéias e ideais em lágrimas,
e castigos e redenções mumificados em sêmen cru
Tu!

Iluminaste, jovem dançarina, a lâmpada mais triste da
memória...

Pobre de mim, tornei-me em homem.
De repente, como a árvore pequena
Que à estação das águas bebe a seiva no húmus farto
Estira o caule e dorme para despertar adulta
Assim, poeta, voltaste para sempre.

No entanto, era mais belo o tempo em que sonhavas...

Que sonho é minha vida?
A ti direi que és tu, Maria Aparecida!
A vocês, no pudor de falar ante a vossa grandeza
Direi que é esquecer todos os sonhos, meus amigos.
Ao mundo, que ama a lenda dos destinos,
Direi que é o meu caminho de poeta.
A mim mesmo, hei de chamá-lo inocência, amor, alegria,
sofrimento, morte, serenidade
Hei de chamá-lo assim que sou fraco e mutável
E porque é preciso que eu não minta nunca para poder
dormir.

Ah
Devesse eu jamais atender aos apelos do íntimo...

Teus braços longos, coruscantes; teus cabelos de oleosa
côr; tuas mãos musicalíssimas; teus pés que levam a dança
prisioneira; teu corpo grave de graça instantânea; o modo
com que olhas o âmago da vida; a tua paz, angústia pa-
ciente; o teu desejo irrevelelado; o grande, o infinito inútil
poético! tudo isso seria um sonho a sonhar no teu seio
que é tão pequeno...

Oh, quem me dera não sonhar mais nunca
Nada ter de tristezas nem saudades
Ser apenas Moraes sem ser Vinícius!
Ah, pudesse eu jamais, me levantando
Espiar a janela sem paisagem
O céu sem tempo e o tempo sem memória!
Que hei de fazer de mim que sofro tudo
Anjo e demônio, angústias e alegrias
Que peco contra mim e contra Deus!
Às vêzes me parece que me olhando
Ele dirá, do seu celeste abrigo:
Fui cruel por demais com êsse menino...
No entanto, que outro olhar de piedade
Curará neste mundo as minhas chagas?
Sou fraco e forte, venço a vida: breve
Perco tudo; breve, não posso mais...
Oh, natureza humana, que desgraça!
Se soubesses que força, que loucura
São todos os teus gestos de pureza
Contra uma carne tão alucinada!
Se soubesses o impulso que te impele
Nestas quatro paredes de minha alma
Nem sei o que seria dêste pobre
Que te arrasta sem dar um só gemido!
É muito triste se sofrer tão môço
Sabendo que não há nenhum remédio
E se tendo que ver a cada instante
Que é assim mesmo, que mais tarde passa
Que sorrir é questão de paciência
E que a aventura é que governa a vida.
Oh ideal misérrimo, te quero:
Sentir-me apenas homem e não poeta!

E escuto... Poeta! triste Poeta!
Não, foi certamente o vento da manhã nas araucárias
Foi o vento... sossega, meu coração; às vêzes o vento
parece falar...

E escuto... Poeta! pobre Poeta!
Acalma-te, tranqüilidade minha... é um passarinho, só
pode ser um passarinho
Eu nem me importo... e se não fôr um passarinho, há
tantos lamentos nesta terra...
E escuto... Poeta! sórdido Poeta!
Oh angústia! desta vez... não foi a voz da montanha?
 Não foi o eco distante
Da minha própria voz inocente?

Choro.

Choro atrozmente, como os homens choram.
As lágrimas correm milhões de léguas no meu rosto que o
pranto fêz gigantesco.
Ó lágrimas, sois como borboletas dolorosas
Volitais dos meus olhos para os caminhos esquecidos...
Meu pai, minha mãe, socorrei-me!
Poetas, socorrei-me!
Penso que daqui a um minuto estarei sofrendo
Estarei puro, renovado, criança, fazendo desenhos perdidos
 no ar...
Venham me aconselhar, filósofos, pensadores
Venham me dizer o que é a vida, o que é o conhecimento,
 o que quer dizer a memória
Escritores russos, alemães, franceses, inglêses, noruegueses
Venham me dar idéias como antigamente, sentimentos
 como antigamente
Venham me fazer sentir sábio como antigamente!
Hoje me sinto despojado de tudo que não seja música
Poderia assoviar a idéia da morte, fazer uma sonata de
 tôda a tristeza humana
Poderia apanhar todo o pensamento da vida e enforcá-lo
 na ponta de uma clave de Fá!

Minha Nossa Senhora, dai-me paciência
Meu Santo Antônio, dai-me muita paciência
Meu São Francisco de Assis, dai-me muitíssima paciência!
Se volto os olhos tenho vertigens

Sinto desejos estranhos de mulher grávida
Quero o pedaço de céu que vi há três anos, atrás de uma
colina que só eu sei

Quero o perfume que senti não me lembro quando e que
era entre sândalo e carne de seio.

Tanto passado me alucina

Tanta saudade me aniquila

Nas tardes, nas manhãs, nas noites da serra.

Meu Deus, que peito grande que eu tenho

Que braços fortes que eu tenho, que ventre esguio que eu
tenho!

Para quê um peito tão grande

Para quê uns braços tão fortes

Para quê um ventre tão esguio

Se todo meu ser sofre da solidão que tenho

Na necessidade que tenho de mil carícias constantes da
amiga?

Por que eu caminhando

Eu pensando, eu me multiplicando, eu vivendo

Por que eu nos sentimentos alheios

E eu nos meus próprios sentimentos

Por que eu animal livre pastando nos campos

E príncipe tocando o meu alaúde entre as damas do senhor
rei meu pai

Por que eu truão nas minhas tragédias

E Amadis de Gaula nas tragédias alheias?

Basta!

Basta, ou dai-me paciência!

Tenho tido muita delicadeza inútil

Tenho me sacrificado muito demais, um mundo de mulhe-
res em excesso têm me vendido

Quero um pouso

Me sinto repelente, impeço os inocentes de me tocarem

Vivo entre as águas tórras da minha imaginação

Anjos, tangei sinos

O anacoreta quer a sua amada

Quer a sua amada vestida de noiva

Quer levá-la para a neblina do meu amor...

Mendelssohn, toca a tua marchinha inocente
Sorriam, pagens, operárias curiosas
O poeta vai passar soberbo
Ao seu braço uma criança fantástica derrama os óleos
 santos das últimas lágrimas
Ah, não me afogueis em flôres, poemas meus, voltai aos
 livros
Não quero glórias, pompas, adeus!
Solness, voa para a montanha, meu amigo
Começa a construir uma tôrre bem alta, bem alta... .

ELEGIA LÍRICA

Um dia, tendo ouvido bruscamente o apêlo da amiga des-
conhecida
Pus-me a descer contente pela estrada branca do sul
E em vão eram tristes os rios e tórvas as águas
Nos vales havia mais poesia que em mil anos.

Eu devia ser como o filósofo errante à imagem da Vida
O riso me levava nas asas vertiginosas das andorinhas
E em vão eram tristes os rios e tórvas as águas
Sobre o horizonte em fogo cavalos vermelhos pastavam.

Por todos os lados flôres, não flôres ardentes, mas outras
flôres
Singelas, que se poderiam chamar de outros nomes que
não os seus
Flôres como borboletas prisioneiras, algumas pequenas e
pobrezinhas
Que lá aos vossos pés riam-se como órfazinhas despertadas.

Que misericórdia sem térmo vinha se abatendo sobre mim!
Meus braços se fizeram longos para afagar os seios das
montanhas
Minhas mãos se tornaram leves para reconduzir o animal-
zinho transviado
Meus dedos ficaram suaves para afagar a pétala murcha.

E acima de tudo me abençoava o anjo do amor sonhado...
Seus olhos eram puros e mutáveis como profundezas de lago
Ela era como uma nuvem branca num céu de tarde
Triste, mas tão real e evocativa como uma pintura.

Cheguei a querê-la em lágrimas, como uma criança
Vendo-a dançar ainda quente de sol nas gazes frias da
chuva
E a correr para ela, quantas vêzes me descobri confuso
Diante de fontes nuas que me prendiam e me abraçavam...

Meu desejo era bom e meu amor fiel
Versos que outrora fiz vinham-me sorrir à bôca...
Oh doçura! que colmeia és de tanta abelha
Em meu peito a derramares mel tão puro!

E vi surgirem as luzes brancas da cidade
Que me chamavam; e fui... Cheguei feliz
Abri a porta... ela me olhou e perguntou meu nome:
Era uma criança, tinha olhos exaltados, parecia me
esperar...

*

A minha namorada é tão bonita, tem olhos como besou-
rinhos do céu
Tem olhos como estrelinhas que estão sempre balbuciando
aos passarinhos...
É tão bonita! tem um cabelo fino, um corpo menino e um
andar pequenino
E é a minha namorada... vai e vem como uma patativa,
de repente morre de amor
Tem fala de S e dá a impressão que está entrando por
uma nuvem adentro...
Meu Deus, eu queria brincar com ela, fazer comidinha,
jogar nai-ou-nentes

Rir e num átimo dar um beijo nela e sair correndo
E ficar de longe espiando-lhe a zanga, meio vexado, meio
sem saber o que faça...
A minha namorada é muito culta, sabe aritmética, geo-
grafia, história, contraponto
E se eu lhe perguntar qual a côr mais bonita ela não dirá
que é a roxa porém brique.
Ela faz coleção de cactos, acorda cedo vai para o trabalho
E nunca se esquece que é a menininha do poeta.
Se eu lhe perguntar: Meu anjo, quer ir à Europa? ela diz:
 Quero se mamãe fôr!
Se eu lhe perguntar: Meu anjo, quer casar comigo? ela
diz... — não, ela não acredita.
É doce! gosta muito de mim e sabe dizer sem lágrimas:
 Vou sentir tantas saudades quando você fôr...
É uma nossa senhorazinha, é uma cigana, é uma coisa
Que me faz chorar na rua, dançar no quarto, ter vontade
 de me matar e de ser presidente da república.
É bôba, ela! tudo faz, tudo sabe, é linda, ó anjo de Dom-
 remy!
Dêem-lhe uma espada, constrói um reino; dêem-lhe uma
 agulha, faz um crochê
Dêem-lhe um teclado, faz uma aurora, dêem-lhe razão, faz
 uma briga...!
E do pobre ser que Deus lhe deu, eu, filho pródigo, poeta
 cheio de erros
Ela fêz um eterno perdido...

“Meu benzinho adorado minha triste irmãzinha eu te peço
por tudo o que há de mais sagrado que você me escreva
uma cartinha sim dizendo como é que você vai que eu
não sei eu ando tão zaranza por causa do teu abandono
eu choro e um dia pego tomo um porre danado que você
vai ver e aí nunca mais mesmo que você me quer e sabe
o que eu faço eu vou me embora para sempre e nunca
mais vejo esse rosto lindo que eu adoro porque você é
tôda a minha vida e eu só escrevo por tua causa ingrata

e só trabalho para casar com você quando a gente puder porque agora tudo está tão difícil mas melhora não se afobe e tenha confiança em mim que te quero acima do próprio Deus que me perdoe eu dizer isso mas é sincero porque ele sabe que ontem pensei todo o dia em você e acabei chorando no rádio por causa daquele estudo de Chopin que você tocou antes de eu ir me embora e imagina só que estou fazendo uma história para você muito bonita e quando chega de noite eu fico tão triste que até dá pena e tenho vontade de ir correndo te ver e beijo o ar feito bôbo com uma coisa no coração que já fui até no médico mas ele disse que é nervoso e me falou que eu sou emotivo e eu peguei ri na cara dele e ele ficou uma fera que a medicina dele não sabe que o meu bem está longe melhor para ele eu só queria te ver uma meia hora eu pedia tanto que você acabava ficando enfim adeus que já estou até cansado de tanta saudade e tem gente aqui perto e fica feio eu chorar na frente deles eu não posso adeus meu rouxinol me diz boa-noite e dorme pensando neste que te adora e se puder pensa o menos possível no teu amigo para você não se entristecer muito que só mereces felicidade do teu definitivo e sempre amigo...”

Tudo é expressão.

Neste momento, não importa o que eu te diga

Voa de mim como uma incontensão de alma ou como um afago.

Minhas tristezas, minhas alegrias

Meus desejos são teus, toma, leva-os contigo!

És branca, muito branca

E eu sou quase eterno para o teu carinho.

Não quero dizer nem que te adoro

Nem que tanto me esqueço de ti

Quero dizer-te em outras palavras todos os votos de amor
jamais sonhados

Alóvena, ebaente

Puríssima, feita para morrer...

“Oh
Crucificado estou
Na ânsia dêste amor
Que o pranto me transporta sobre o mar
Pelas cordas desta lira
Todo o meu ser delira
Na alma da viola a soluçá!”
Bordões, primas
Falam mais que rimas.
É estranho
Sinto que ainda estou longe de tudo
Que talvez fôsse cantar um *blues*
Yes!
Mas
O maior medo é que não me ouças
Que estejas deitada sonhando comigo
Vendo o vento soprar o avental da tua janela
Ou na aurora boreal de uma igreja escutando se erguer
o sol de Deus.
Mas tudo é expressão!
Insisto nesse ponto, senhores jurados
O meu amor diz frases temíveis:
Angústia mística
Teorema poético
Cultura grega dos passeios no parque...
No fundo o que eu quero é que ninguém me entenda
Para eu poder te amar tragicamente!

ELEGIA DESESPERADA

Alguém que me falasse do mistério do Amor
Na sombra — alguém; alguém que me mentisse
Em sorrisos, enquanto morriam os rios, enquanto morriam
As aves do céu! e mais que nunca
No fundo da carne o sonho rompeu um claustro frio
Onde as lúcidas irmãs na branca loucura das auroras
Rezam e choram e velam o cadáver gelado do sol!
Alguém que me beijasse e me fizesse estacar
No meu caminho — alguém! — as tórres êrmas
Mais altas que a lua, onde dormem as virgens
Nuas, as nádegas crispadas no desejo
Impossível dos homens — ah! deitariam a sua maldição!
Ninguém... nem tu, andorinha, que para sêres minha
Fôste mulher alta, escura e de mãos longas...
Revesti-me de paz? — não mais se me fecharão as chagas
Ao beijo ardente dos ideais — perdi-me
De paz! sou rei, sou árvore
No plácido país do Outono; sou irmão da névoa
Ondulante, sou ilha no gêlo, apaziguada!
E no entanto, se eu tivesse ouvido em meu silêncio
 uma voz
De dor, uma simples voz de dor... mas! fecharam-me
As portas, sentaram-se todos à mesa e beberam o vinho
Das alegrias e penas da vida (e eu só tive a lua
Lívida, a lésbica que me poluiu da sua eterna
Insensível poluição...) Gritarei a Deus? — ai dos homens!
Aos homens? — ai de mim! Cantarei

Os fatais hinos da redenção? Morra Deus
Envolto em música! — que se abracem
As montanhas do mundo para apagar o rastro do poeta!

*

E o homem vazio se atira para o esfôrço desconhecido
Impassível. A treva amarga o vento. No silêncio
Troi invisível o tantã das tribos bárbaras
E descem os rios loucos para a imaginação humana.

Do céu se desprende a face maravilhosa de Canópus
Para o muito fundo da noite... — e um grito cresce
desorientado
Um grito de virgem que arde... — na copa dos pinheiros
Nem um piar de pássaro, nem uma visão consoladora
de lua.

É o instante em que o mêsma poderia ser para sempre.
Em que as planícies se ausentam e deixam as entranhas
cruas da terra
Para as montanhas, a imagem do homem crispado, correndo
É a visão do próprio desespéro perdido na própria imo-
bilidade.

Ele traz em si mesmo a maior das doenças
Sobre o seu rosto de pedra os olhos são órbitas brancas
À sua passagem as sensitivas se fecham apavoradas
E as árvores se calam e tremem convulsas de frio.

O próprio bem tem nêle a máscara do gêlo
E o seu crime é cruel, lúcido e sem paixão
Ele mata a avezinha só porque a viu voando
E queima florestas inteiras para aquecer as mãos.

Seu olhar que rouba às estrélas belezas recônditas
Debruça-se às vêzes sobre a borda negra dos penhascos
E seu ouvido agudo escuta longamente em transe
As gargalhadas cínicas dos vampiros e dos duendes.

E se acontece encontrar em seu fatal caminho
Essas imprudentes meninas que costumam perder-se nos
bosques
Ele as apaixona de amor e as leva e as sevicia
E as lança depois ao veneno das víboras ferozes.

Seu nome é terrível. Se ele grita silenciosamente
Deus se perde de horror e se destrói no céu.
Desespêro! Desespêro! Porta fechada ao mal
Loucura do bem, desespêro, criador de anjos!

(*O Desespêro da Piedade*)

Meu Senhor, tende piedade dos que andam de bonde
E sonham no longo percurso com automóveis, aparta-
mentos...
Mas tende piedade também dos que andam de automóvel
Quando enfrentam a cidade moveida de sonâmbulos, na
direção.

Tende piedade das pequenas famílias suburbanas
E em particular dos adolescentes que se embebedam de
domingos
Mas tende mais piedade ainda de dois elegantes que
passam
E sem saber inventam a doutrina do pão e da guilhotina.

Tende muita piedade do mocinho franzino, três cruzes,
poeta
Que só tem de seu as costeletas e a namorada pequenina
Mas tende mais piedade ainda do impávido forte colosso
do esporte
E que se encaminha lutando, remando, nadando para a
morte.

Tende imensa piedade dos músicos de cafés e casas de chá
Que são virtuosos da própria tristeza e solidão
Mas tende piedade também dos que buscam o silêncio
E súbito se abate sobre êles uma ária da Tosca.

Não esqueçais também em vossa piedade os pobres que
enriqueceram
E para quem o suicídio ainda é a mais doce solução
Mas tende realmente piedade dos ricos que empobreceram
E tornam-se heróicos e à santa pobreza dão um ar de
grandezza.

Tende infinita piedade dos vendedores de passarinhos
Que em suas alminhas claras deixam a lágrima e a in-
compreensão
E tende piedade também, menor embora, dos vendedores
de balcão
Que amam as freguesas e saem de noite, quem sabe onde
vão...

Tende piedade dos barbeiros em geral, e dos cabeleireiros
Que se efeminam por profissão mas que são humildes nas
suas carícias
Mas tende maior piedade ainda dos que cortam o cabelo:
Que espera, que angústia, que indigno, meu Deus!

Tende piedade dos sapateiros e caixeiros de sapataria
Que lembram madalenas arrependidas pedindo piedade
pelos sapatos
Mas lembrai-vos também dos que se calçam de novo
Nada pior que um sapato apertado, Senhor Deus.

Tende piedade dos homens úteis como os dentistas
Que sofrem de utilidade e vivem para fazer sofrer
Mas tende mais piedade dos veterinários e práticos de
farmácia
Que muito êles gostariam de ser médicos, Senhor.

Tende piedade dos homens públicos e em particular dos políticos
Pela sua fala fácil, olhar brilhante e segurança dos gestos de mão
Mas tende mais piedade ainda dos seus criados, próximos e parentes
Fazei, Senhor, com que dêles não saiam políticos também.

E no longo capítulo das mulheres, Senhor, tende piedade das mulheres
Castigai minha alma, mas tende piedade das mulheres
Enlouqueci meu espírito, mas tende piedade das mulheres
Ulceraí minha carne, mas tende piedade das mulheres!

Tende piedade da môça feia que serve na vida
De casa, comida e roupa lavada da môça bonita
Mas tende mais piedade ainda da môça bonita
Que o homem molesta — que o homem não presta, não presta, meu Deus!

Tende piedade das môças pequenas das ruas transversais
Que de apoio na vida só têm Santa Janela da Consolação
E sonham exaltadas nos quartos humildes
Os olhos perdidos e o seio na mão.

Tende piedade da mulher no primeiro coito
Onde se cria a primeira alegria da Criação
E onde se consuma a tragédia dos anjos
E onde a morte encontra a vida em desintegração.

Tende piedade da mulher no instante do parto
Onde ela é como a água explodindo em convulsão
Onde ela é como a terra vomitando cólera
Onde ela é como a lua parindo desilusão.

Tende piedade das mulheres chamadas desquitadas
Porque nelas se refaz misteriosamente a virgindade
Mas tende piedade também das mulheres casadas
Que se sacrificam e se simplificam a trôco de nada.

Tende piedade, Senhor, das mulheres chamadas vagabundas
Que são desgraçadas e são exploradas e são infecundas
Mas que vendem barato muito instante de esquecimento
E em paga o homem mata com a navalha, com o fogo,
com o veneno.

Tende piedade, Senhor, das primeiras namoradas
De corpo hermético e coração patético
Que saem à rua felizes mas que sempre entram desgraçadas
Que se crêem vestidas mas que em verdade vivem nuas.

Tende piedade, Senhor, de tôdas as mulheres
Que ninguém mais merece tanto amor e amizade
Que ninguém mais deseja tanto poesia e sinceridade
Que ninguém mais precisa tanto alegria e serenidade.

Tende infinita piedade delas, Senhor, que são puras
Que são crianças e são trágicas e são belas
Que caminham ao sôpro dos ventos e que pecam
E que têm a única emoção da vida nelas.

Tende piedade delas, Senhor, que uma me disse
Ter piedade de si mesma e da sua louca mocidade
E outra, à simples emoção do amor piedoso
Delirava e se desfazia em gozos de amor de carne.

Tende piedade delas, Senhor, que dentro delas
A vida fere mais fundo e mais fecundo
E o sexo está nelas, e o mundo está nelas
E a loucura reside nesse mundo.

Tende piedade, Senhor, das santas mulheres
Dos meninos velhos, dos homens humilhados — sêde enfim
Piedoso com todos, que tudo merece piedade
E se piedade vos sobrar, Senhor, tende piedade de mim!

ELEGIA AO PRIMEIRO AMIGO

Seguramente não sou eu
Ou antes: não é o ser que eu sou, sem finalidade e sem
história.
É antes uma vontade indizível de te falar docemente
De te lembrar tanta aventura vivida, tanto meandro de
ternura
Neste momento de solidão e desmesurado perigo em que
me encontro.
Talvez seja o menino que um dia escreveu um sonêto para
o dia de teus anos
E te confessava um terrível pudor de amar, e que chorava
às escondidas
Porque via em muitos dúvidas sobre uma inteligência que
ele estimava genial.
Seguramente não é a minha forma:
A forma que uma tarde, na montanha, entrevi, e que me
fêz tão tristemente temer minha própria poesia.
É apenas um prenúncio do mistério
Um suspiro da morte íntima, ainda não desencantada...
Vim para ser lembrado
Para ser tocado de emoção, para chorar
Vim para ouvir o mar contigo
Como no tempo em que o sonho da mulher nos alucinava,
e nós
Encontrávamos força para sorrir à luz fantástica da
manhã.

Nossos olhos enegreciam lentamente de dor
Nossos corpos duros e insensíveis
Caminhavam léguas — e éramos o mesmo afeto
Para aquél que, entre nós, ferido de beleza
Aquél de rosto de pedra
De mãos assassinas e corpo hermético de mártir
Nos criava e nos destruía à sombra convulsa do mar.
Pouco importa que tenha passado, e agora
Eu te possa ver subindo e descendo os frios vales
Onde nunca mais irei, eu
Que muita vez nêles me perdi para afrontar o mêsma da
treva...

Trazes ao teu braço a companheira dolorosa
A quem te deste como quem se dá ao abismo, e para
quem cantas o teu desespéro como um
grande pássaro sem ar.

Tão bem te conheço, meu irmão; no entanto
Quem és, amigo, tu que inventaste a angústia
E abrigaste em ti todo o patético?
Não sei o que tenho de te falar assim: sei
Que te amo de uma poderosa ternura que nada pede
nem dá

Imediata e silenciosa; sei que poderias morrer
E eu nada diria de grave; decreto
Foi a primeira temporâ que desceu sobre o meu quarto de
mendigo
Com seu azul de outono, seu cheiro de rosas e de velhos
livros...

Pensar-te agora na velha estrada me dá tanta saudade de
mim mesmo
Me renova tanta coisa, me traz à lembrança tanto instante
vivido:
Tudo isso que vais hoje revelar à tua amiga, e que nós des-
cobrimos numa incomparável aventura
Que é como se me voltasse aos olhos a inocência com que
um dia dormi nos braços de uma mulher
que queria me matar.

Evidentemente (e eu tenho pudor ainda de dizê-lo)
Quero um bem enorme a vocês dois, acho vocês formi-
dáveis
Fôsse tudo para dar em desastre no fim, o que não vejo
possível
(Vá lá por conta da necessária gentileza...)
No entanto, delicadamente, me desprenderei da vossa com-
panhia, deixar-me-ei ficar para trás, para trás...
Existo também; de algum lugar
Uma mulher me vê viver; de noite, às vezes
Escuto vozes érmas
Que me chamam para o silêncio.
Sofro
O horror dos espaços
O pânico do infinito
O tédio das beatitudes.
Sinto
Refazerem-se em mim mãos que decepei de meus braços
Que viveram sexos nauseabundos, seios em putrefação.
Ah, meu irmão, muito sofro! de algum lugar, na sombra
Uma mulher me vê viver... — perdi o meio da vida
E o equilíbrio da luz; sou como um pântano ao luar.

Falarei baixo
Para não perturbar tua amiga adormecida.
Serei delicado. Sou muito delicado. Morro de delicadeza.
Tudo me merece um olhar. Trago
Nos dedos um constante afago para afagar; na bôca
Um constante beijo para beijar; meus olhos
Acarinharam sem ver; minha barba é delicada na pele das
mulheres.
Mato com delicadeza. Faço chorar delicadamente
E me deleito. Inventei o carinho dos pés; minha palma
Áspera de menino de ilha pousa com delicadeza sobre um
corpo de adúltera,
Na verdade, sou um homem de muitas mulheres, e com
tôdas delicado e atento

Se me entediam, abandono-as delicadamente, desprendendo-me delas com uma docura de água
Se as quero, sou delicadíssimo; tudo em mim
Desprende êsse fluido que as envolve de maneira irremissível
Sou um méigo energúmeno. Até hoje só bati numa mulher
Mas com singular delicadeza. Não sou bom
Nem mau: sou delicado. Preciso ser delicado
Porque dentro de mim mora um ser feroz e fraticida
Como um lôbo. Se não fôsse delicado
Já não seria mais. Ninguém me injuria
Porque sou delicado; também não conheço o dom da
injúria.
Meu comércio com os homens é leal e delicado; prezoo ao
absurdo
A liberdade alheia; não existe
Ser mais delicado que eu; sou um místico da delicadeza
Sou um mártir da delicadeza; sou
Um monstro de delicadeza.

Seguramente não sou eu:
É a tarde, talvez, assim parada
Me impedindo de pensar. Ah, meu amigo
Quisera poder dizer-te tudo; no entanto
Preciso desprender-me de toda lembrança; de algum lugar
Uma mulher me vê viver, que me chama; devo
Segui-la, porque tal é o meu destino. Seguirei
Tôdas as mulheres em meu caminho, de tal forma
Que êle seja, em sua rota, uma dispersão de pegadas
Para o alto, e não me reste de tudo, ao fim
Senão o sentimento desta missão e o consôlo de saber
Que fui amante, e que entre a mulher e eu alguma coisa
existe
Maior que o amor e a carne, um secreto acôrdo, uma
promessa
De socorro, de compreensão e de fidelidade para a vida.

A ÚLTIMA ELEGIA (V)

O O F L S
R S E E
O F C H A

Greenish, newish roofs of Chelsea
Onde, merencórios, toutinegram rouxinóis
Forlornando baladas para nunca mais!
O imortal landscape

no anticlimax da aurora!

ô joy for ever!

Na hora da nossa morte et nunc et semper
Na minha vida em lágrimas!

uer ar iú

O fenesuites, calmo atlas do fog
Impassévido devorador das esterlúridas?
Darling, darkling I listen...

“... it is, my soul, it is
Her gracious self...”

murmura adormecida

É meu nome!...

sou eu, sou eu, Nabucodonosor!

Motionless I climb

the wa

t

e

r

|

Am I p a Spider?
i

Am I p a Mirror?
e

Am I s an X Ray?

No, I'm the Three Musketeers
rolled in a Romeo.

Virus

Da alta e irreal paixão subindo as veias
Com que chegar ao coração da amiga.

Alas, celua

Me iluminou, celua me iludiu cantando
The songs of Los; e agora
meus passos

são gatos

Comendo o tempo em tuas cornijas
Em lúridas, muito lúridas
Aventuras do amor mediúnico e miaugente...

So I came — from the dark bull-like tower
phantomática

Que à noite bimbalha bimbalalões de badaladas
Nos bem-bons da morte e ruge menstruosamente sádica
A sua sede de amor; so I came
De Menaipa para Forox, do rio ao mar — e onde
Um dia assassinei um cadáver aceso
Velado pelas seis bôcas, pelos doze olhos, pelos centevinte
dedos espalmados

Dos primeiros padres do mundo; so I came
For everlong that everlasting — e deixa-me cantá-lo

A voz morna da retardosa rosa
Mornfuld and Beátrix
Obstétrix
Poésia.

*

Dost thou remember, dark love
 Made in London, celua, celua nostra
 Mais linda que mare nostrum?
 quando early morn'
 Eu vinha impressentido, like the shadow of a cloud
 Crepitante ainda dos aromas emolientes de Christ Church
 Meadows
 Frio como uma coluna dos cloisters de Magdalen
 Queimar-me à luz translúcida de Chelsea?
 Fear love...
 ô brisa do Tamisa, ô ponte de Waterloo, ô
 Roofs of Chelsea, ô proctors, ô preposterous
 Symbols of my eagerness!
 — terror no espaço!
 — silêncio nos graveyards!
 — fome dos braços teus!
 Só Deus me escuta andar...
 — ando sobre o coração de Deus
 Em meio à flora gótica... step, step along
 Along the High... “— I don't fear anything
 But the ghost of Oscar Wilde...” ...ô darlingest
 I feared... A ESTAÇÃO DE TRENS... I had to post-
 pone
 All my souvenirs! there was always a bowler-hat
 Or a POLICEMAN around, a stretched one, a mighty
 Goya, looking sort of put upon, cuja passado de cautchu
 Era para mim como o bater do coração do silêncio (I used
 To eat all the chocolates from the one-penny-machine
 Just to look natural; it seemed to me que não era eu
 Any more, era Jack the Ripper being hunted) e suddenly
 Tudo ficava restful and worm... — o siiiiiiiiii
 Lvo da Locomotiva — leit-motiv — locomovendo-se
 Through the Ballad of READING Gaol até a visão de
 PADDINGTON (quem fôste tu tão grande
 Para alevantares aos amanhecentes céus de amor
 Os nervos de aço de Vercingetórix?). Eu olharia risonho
 A Rosa dos Ventos. S. W. Loeste! no dédalo

Se acalentaria uma loenda de amigo: "I wish, I wish
I were asleep". Quoth I: — O squire
Please, à Estrada do Rei, na Casa do Pequeno Cisne
Room twenty four! ô squire, quick, before
My heart turns to whatever whatsoever sore!
Há um grande aluamento de micro-erosíferos
Em mim! ô squire, art thou in love? dost thou
Believe in pregnancy, kindly tell me? ô
Squire, quick, before alva turns to electra
For ever, ever more! give thy horses
Gasoline galore, but do take me to my maid
Minha garôta — Lenore!
Quoth the driver: — Right you are, sir.

*

O roofs of Chelsea!
Encantados roofs, multicolores, briques, bridges, brumas
Da aurora em Chelsea! ô melancholy!
"I wish, I wish I were asleep..." but the morning
Rises, o perfume da madrugada em Londres
Makes me fluid... darling, darling, acorda, escuta
Amanheceu, não durmas... o bálsamo do sono
Fechou-te as pálpebras de azul... Victoria & Albert
resplende
Para o teu despertar; ô darling, vem amar
À luz de Chelsea! não ouves o rouxinol cantar em Central
Park?
Não ouves resvalar no rio, sob os chorões, o leve batel
Que Bilac deitou à correnteza para eu te passear? não
sentes
O vento brando e macio nos mahoganies? the leaves of
brown
Came thumbling down, remember?
"Escrevi dez canções...
... escrevi um sonêto...
... escrevi uma elegia..."
O darling, acorda, give me thy eyes of brown, vamos fugir

Para a Inglaterra?

“... escrevi um soneto...

... escrevi uma carta...”

O darling, vamos fugir para a Inglaterra?

... “que irão pensar

Os quatro cavaleiros do Apocalipse...”

... escrevi uma ode...”

O darling!

O PAVEMENTS!

O roofs of Chelsea!

Encantados roofs, noble pavements, cheerful pubs, delicatessen

Crumpets, a glass of bitter, cap and gown... — don't cry,
don't cry!

Nothing is lost, I'll come again, next week, I promise
thee...

Be still, don't cry...

... don't cry

... don't cry...

RESOUND

Ye pavements!

— até que a morte nos separe —

ó brisas do Tâmisa, farfalhai!

O telhados de Chelsea,

amanhecei!

O FALSO MENDIGO

Minha mãe, manda comprar um quilo de papel almaço na
venda

Quero fazer uma poesia.

Diz a Amélia para preparar um refrigerante bem gelado
E me trazer muito devagarinho.

Não corram, não falem, fechem todas as portas a chave
Quero fazer uma poesia.

Se me telefonarem, só estou para Maria

Se fôr o Ministro, só recebo amanhã

Se fôr um trote, me chama depressa

Tenho um tédio enorme da vida.

Diz a Amélia para procurar a Patética no rádio

Se houver um grande desastre vem logo contar

Se o aneurisma de dona Ângela arrebentar, me avisa

Tenho um tédio enorme da vida.

Liga para vovó Neném, pede a ela uma idéia bem inocente

Quero fazer uma grande poesia.

Quando meu pai chegar tragam-me logo os jornais da
tarde

Se eu dormir, pelo amor de Deus, me acordem

Não quero perder nada na vida.

Fizeram bicos de rouxinol para o meu jantar?

Puseram no lugar meu cachimbo e meus poetas?

Tenho um tédio enorme da vida.

Minha mãe estou com vontade de chorar

Estou com taquicardia, me dá um remédio

Não, antes me deixa morrer, quero morrer, a vida

Já não me diz mais nada
Tenho horror da vida, quero fazer a maior poesia do mundo
Quero morrer imediatamente.
Ah, pensa uma coisa, minha mãe, para distrair teu filho
Teu falso, teu miserável, teu sórdido filho
Que estala em força, sacrifício, violência, devotamento
Que podia britar pedra alegremente
Ser negociante cantando
Fazer advocacia com o sorriso exato
Se com isso não perdesse o que por fatalidade de amor
Sabe ser o melhor, o mais doce e o mais eterno da tua
puríssima carícia.

SONETO DE INTIMIDADE

Nas tardes da fazenda há muito azul demais.
Eu saio às vêzes, sigo pelo pasto, agora
Mastigando um capim, o peito nu de fora
No pijama irreal de há três anos atrás.

Desço o rio no vau dos pequenos canais
Para ir beber na fonte a água fria e sonora
E se encontro no mato o rubro de uma amora
Vou cuspindo-lhe o sangue em torno dos currais.

Fico ali respirando o cheiro bom do estrume
Entre as vacas e os bois que me olham sem ciúme
E quando por acaso uma mijada serve

Seguida de um olhar não sem malícia e verve
Nós todos, animais, sem comoção nenhuma
Mijamos em comum numa festa de espuma.

ÁRIA PARA O ASSOVIO

Inelutavelmente tu
Rosa sobre o passeio
Branca! e a melancolia
Na tarde do seio.

As cássias escorrem
Seu ouro a teus pés
Conheço o sonêto
Porém tu quem és?

O madrigal se escreve:
Se é do teu costume
Deixa que eu te leve.

(Sê... mínima e breve
A música do perfume
Não guarda ciúme).

SONETO À LUA

Por que tens, por que tens olhos escuros
E mãos lânguidas, loucas, e sem fim
Quem és, que és tu, não eu, e estás em mim
Impuro, como o bem que está nos puros?

Que paixão fêz-te os lábios tão maduros
Num rosto como o teu criança assim
Quem te criou tão boa para o ruim
E tão fatal para os meus versos duros?

Fugaz, com que direito tens-me prêsa
A alma, que por ti soluça tua
E não és Tatiana e nem Teresa:

E és tão pouco a mulher que anda na rua
Vagabunda, patética e indefesa
Ó minha branca e pequenina lua!

SONETO DE AGOSTO

Tu me levaste, eu fui... Na treva, ousados
Amamos, vagamente surpreendidos
Pelo ardor com que estávamos unidos
Nós que andávamos sempre separados.

Espantei-me, confesso-te, dos brados
Com que enchi teus patéticos ouvidos
E achei rude o calor dos teus gemidos
Eu que sempre os julgara desolados.

Só assim arrancara a linha inútil
Da tua eterna túnica inconsútil...
E para a glória do teu ser mais franco

Quisera que te vissem como eu via
Depois, à luz da lâmpada macia
O púbis negro sobre o corpo branco.

A MULHER QUE PASSA

Meu Deus, eu quero a mulher que passa.
Seu dorso frio é um campo de lírios
Tem sete côres nos seus cabelos
Sete esperanças na bôca fresca!

Oh! como és linda, mulher que passas
Que me sacias e suplicas
Dentro das noites, dentro dos dias!

Teus sentimentos são poesia
Teus sofrimentos, melancolia.
Teus pêlos leves são relva boa
Fresca e macia.
Teus belos braços são cisnes mansos
Longe das vozes da ventania.

Meu Deus, eu quero a mulher que passa!

Como te adoro, mulher que passas
Que vens e passas, que me sacias
Dentro das noites, dentro dos dias!
Por que me faltas, se te procuro?
Por que me odeias quando te juro
Que te perdia se me encontravas
E me encontráva se te perdias?
Por que não voltas, mulher que passas?

Por que não enches a minha vida?
Por que não voltas, mulher querida
Sempre perdida, nunca encontrada?
Por que não voltas à minha vida
Para o que sofro não ser desgraça?

Meus Deus, eu quero a mulher que passa!
Eu quero-a agora, sem mais demora
A minha amada mulher que passa!

No santo nome do teu martírio
Do teu martírio que nunca cessa
Meus Deus, eu quero, quero depressa
A minha amada mulher que passa!

Que fica e passa, que pacifica
Que é tanto pura como devassa
Que bóia leve como a cortiça

SONETO A KATHERINE MANSFIELD

O teu perfume, amada — em tuas cartas
Renasce, azul... — são tuas mãos sentidas!
Relembro-as brancas, leves, fenecidas
Pendendo ao longo de corolas fartas.

Relembro-as, vou... — nas terras percorridas
Torno a aspirá-lo, aqui e ali desperto
Paro — e tão perto sinto-te, tão perto
Como se numa foram duas vidas.

Pranto, tão pouca dor! tanto quisera
Tanto rever-te, tanto!... e a primavera
Vem já tão próxima!... (Nunca te apartas

Primavera, dos sonhos e das preces!)
E no perfume prêso em tuas cartas
À primavera surges e esvaneces.

BALADA PARA MARIA

Não sei o que me angustia
Tardiamente; em meu peito
Vive dormindo perfeito
O sono desta agonia...
Saudades tuas, Maria?
Na volúpia de uma flora
Úmida, pecaminosa
Nasceu a primeira rosa
Fria...

Perdi o prazer da hora.

Mas se num momento cresce
O sangue, e me engrossa a veia
Maria, que coisa feia!
Todo o meu corpo estremece...
E dos colmos altos, ricos
Em resinas odorantes
Pressinto o coito dos micos
E o amor das cobras possantes.

No mundo há tantos amantes...

Maria...
Cantar-te-ei brasileiro:
Maria, sou teu escravo!

A rosa é a mulher do cravo...
Dá-me o beijo derradeiro?
— Cobrir-te-ei da pomada
Do polem das flôres puras
E te fecundarei deitada
Num chão de frutas maduras
Maria... e morangos, quantos!
E tu que adoras morango!
Dormirás sobre agapantos...
— Fingirei de orogotango!

Não queres mesmo, Maria?

No lombo mörno dos gatos
Aprendi muita carícia...
Para fazer-te a delícia
Só terei gestos exatos.

E não bastasse, Maria...

E morro nessas montanhas
Entre as imagens castanhas
Da tua melancolia...

SONETO DE CONTRIÇÃO

Eu te amo, Maria, te amo tanto
Que o meu peito me dói como em doença
E quanto mais me seja a dor intensa
Mais cresce na minha alma teu encanto.

Como a criança que vagueia o canto
Ante o mistério da amplidão suspensa
Meu coração é um vago de acalanto
Berçando versos de saudade imensa.

Não é maior o coração que a alma
Nem melhor a presença que a saudade
Só te amar é divino, e sentir calma...

E é uma calma tão feita de humildade
Que tão mais te soubesse pertencida
Menos seria eterno em tua vida.

TERNURA

Eu te peço perdão por te amar de repente
Embora o meu amor seja uma velha canção nos teus
ouvidos.

Das horas que passei à sombra dos teus gestos
Bebendo em tua boca o perfume dos sorrisos
Das noites que vivi acalentado
Pela graça indizível dos teus passos eternamente fugindo
Trago a doçura dos que aceitam melancolicamente.
E posso te dizer que o grande afeto que te deixo
Não traz o exaspéro das lágrimas nem a fascinação das
promessas
Nem as misteriosas palavras dos véus da alma...
É um sossêgo, uma unção, um transbordamento de carícias
E só te pede que te repouses quieta, muito quieta
E deixes que as mãos cálidas da noite encontrem sem fa-
talidade o olhar extático da aurora.

SONETO DE DEVOÇÃO

Essa mulher que se arremessa, fria
E lúbrica aos meus braços, e nos seios
Me arrebata e me beija e balbucia
Versos, votos de amor e nomes feios

Essa mulher, flor de melancolia
Que se ri dos meus pálidos receios
A única entre tôdas a quem dei
Os carinhos que nunca a outra daria

Essa mulher que a cada amor proclama
A miséria e a grandeza de quem ama
E guarda a marca dos meus dentes nela

Essa mulher é um mundo! — uma cadela
Talvez... — mas na moldura de uma cama
Nunca mulher nenhuma foi tão bela!

SONETO DE FIDELIDADE

De tudo, ao meu amor serei atento
Antes, e com tal zélo, e sempre, e tanto
Que mesmo em face do maior encanto
Dêle se encante mais meu pensamento.

Quero vivê-lo em cada vão momento
E em seu louvor hei de espalhar meu canto
E rir meu riso e derramar meu pranto
Ao seu pesar ou seu contentamento.

E assim, quando mais tarde me procure
Quem sabe a morte, angústia de quem vive
Quem sabe a solidão, fim de quem ama

Eu possa me dizer do amor (que tive) :
Que não seja imortal, pôsto que é chama
Mas que seja infinito enquanto dure.

POEMA PARA TÔDAS AS MULHERES

No teu branco seio eu choro.

Minhas lágrimas descem pelo teu ventre

E se embebedam do perfume do teu sexo.

Mulher, que máquina és, que só me tens desesperado

Confuso, criança para te conter!

Oh, não feches os teus braços sobre a minha tristeza, não!

Ah, não abandones a tua boca à minha inocência, não!

Homem sou belo

Macho sou forte, poeta sou altíssimo

E só a pureza me ama e ela é em mim uma cidade e tem
mil e uma portas.

Ai! teus cabelos rescedem à flor da murta

Melhor seria morrer ou ver-te morta

E nunca, nunca poder te tocar!

Mas, fauno, sinto o vento do mar roçar-me os braços

Anjo, sinto o calor do vento nas espumas

Passarinho, sinto o ninho nos teus pêlos...

Correi, correi, ó lágrimas saudosas

Afogai-me, tirai-me dêste tempo

Levai-me para o campo das estrélas

Entregai-me depressa à lua cheia

Dai-me o poder vagaroso do soneto, dai-me a iluminação
das odes, dai-me o cântico dos cânticos

Que eu não posso mais, ai!

Que esta mulher me devora!

Que eu quero fugir, quero a minha mãezinha, quero o
colo de Nossa Senhora!

A MORTE

A morte vem de longe
Do fundo dos céus
Vem para os meus olhos
Virá para os teus
Desce das estrélas
Das brancas estrélas
As loucas estrélas
Trânsfugas de Deus
Chega impressentida
Nunca inesperada
Ela que é na vida
A grande esperada!
A desesperada
Do amor fraticida
Dos homens, ai! dos homens
Que matam a morte
Por medo da vida.

A PARTIDA

Quero ir-me embora pra estréla
Que vi luzindo no céu
Na várzea do setestrelo.
Sairei de casa à tarde
Na hora crepuscular
Em minha rua deserta
Nem uma janela aberta
Ninguém para me espiar
De vivo verei apenas
Duas mulheres serenas
Me acenando devagar.
Será meu corpo sózinho
Quem há de me acompanhar
Que a alma estará vagando
Entre os amigos, num bar.
Ninguém ficará chorando
Que mãe já não terei mais
E a mulher que outrora tinha
Mais que ser minha mulher
É mãe de uma filha minha.
Irei embora sózinho
Sem angústia nem pesar
Antes contente da vida
Que não pedi, tão sofrida
Mas não perdi por ganhar.
Verei a cidade morta
Ir ficando para trás

E em frente se abrirem campos
Em flôres e pirilampos
Como a miragem de tantos
Que tremeluzem no alto.
Num ponto qualquer da treva
Um vento me envolverá
Sentirei a voz molhada
Da noite que vem do mar
Chegar-me-ão falas tristes
Como a querer me entristar
Mas não serei mais lembrança
Nada me surpreenderá:
Passarei lúcido e frio
Compreensivo e singular
Como um cadáver num rio
E quando, de algum lugar
Chegar-me o apêlo vazio
De uma mulher a chorar
Só então me voltarei
Mas nem adeus lhe darei
No ôco raio estelar
Libertado subirei.

MARINHA

Na praia de coisas brancas
Abrem-se às ondas cativas
Conchas brancas, coxas brancas
Águas-vivas.

Aos mergulhares do bando
Afloram perspectivas
Redondas, se aglutinando
Volitivas.

E as ondas de pontas roxas
Vão e vêm, verdes e esquivas
Vagabundas, como frouxas
Entre vivas!

OS ACROBATAS

Subamos!
Subamos acima
Subamos além, subamos
Acima do além, subamos!
Com a posse física dos braços
Inelutavelmente galgaremos
O grande mar de estrélas
Através milênios de luz.

Subamos!
Como dois atletas
O rosto petrificado
No pálido sorriso do esforço
Subamos acima
Com a posse física dos braços
E os músculos desmesurados
Na calma convulsa da ascenção.

Oh, acima
Mais longe que tudo
Além, mais longe que acima do além!
Como dois acrobatas
Subamos, lentíssimos
Lá onde o infinito
De tão infinito
Nem mais nome tem
Subamos!

Tensos
Pela corda luminosa
Que pende invisível
E cujos nós são astros
Queimando na mãos
Subamos à tona
Do grande mar de estrélas
Onde dorme a noite
Subamos!

Tu e eu, herméticos
As nádegas duras
A carótida nodosa
Na fibra do pescoço
Os pés agudos em ponta

Como no espasmo

E quando
Lá acima
Além, mais longe que acima do além
Adiante do véu de Betelgeuse
Depois do país de Altair
Sobre o cérebro de Deus

Num último impulso
Libertados do espírito
Despojados da carne
Nós nos possuiremos.

E morreremos
Morreremos alto, imensamente
IMENSAMENTE ALTO.

PAISAGEM

Subi a alta colina
Para encontrar a tarde
Entre os rios cativos
A sombra sepultava o silêncio.

Assim entrei no pensamento
Da morte minha amiga
Ao pé da grande montanha
Do outro lado do poente.

Como tudo nesse momento
Me pareceu plácido e sem memória
Foi quando de repente uma menina
De vermelho surgiu no vale correndo, correndo...

BALADA DO CAVALÃO

A tarde morre bem tarde
No morro do Cavalão
Tem um poder de sossêgo.
Dentro do meu coração
Quanto sangue derramado !

Balança, rêde, balança...

Susana deixou minha alma
Numa grande confusão
Seu berço ficou vazio
No morro do Cavalão
Pequena estréla da tarde.

Ah, gôsto da minha vida
Sangue da minha paixão !

Levou o anjo o outro anjo
Da saudade de seu pai
Susana foi de avião
Com quinze dias de idade
Batendo todos os records !

Que tarde que a tarde cai !

Poeta, diz teu anseio
Que o santo te satisfaz :

Queria fazer mais um filho
Queria tanto ser pai!

Voam cardumes de aves
No cristal rosa do ar.
Vontade de ser levado
Pelas correntes do mar
Para um grande mar de sangue!

E a vida passa depressa
No morro do Cavalão
Entre tantas flôres, tantas
Flôres tontas, parasitas
Parasitas da nação.

Quanta garrafa vazia
Quanto limão pelo chão!

Menina, me diz um verso
Bem cheio de ingratidão?
Era uma vez um poeta
No morro do Cavalão
Tantas fêz que a dor-de-côrno
Bateu com êle no chão
Arrastou êle nas pedras
Espremeu seu coração
Que pensa *usted* que saiu?
Saiu cachaça e limão.

Susana nasceu morena
E é Mello Moraes também:
É minha filha pequena
Tão boa de querer bem!

Oh, Saco de São Francisco
Que eu avisto a cavaleiro
Do morro do Cavalão!

(O Saco de São Francisco
Xavier não chama não
Há de ser sempre de Assis:
São Francisco Xavier
É nome de uma estação)
Onde está minha alegria
Meus amores onde estão?

A casa das mil janelas
É a casa do meu irmão
Lá dentro me esperam elas
Que dormem cedo com medo
Da *trinca* do Cavalão.

Balança, rête, balança...

CANÇÃO

Não leves nunca de mim
A filha que tu me deste
A doce, úmida, tranqüila
Filhinha que tu me deste
Deixa-a, que bem me persiga
Seu balbucio celeste.
Não leves; deixa-a comigo
Que bem me persiga, a fim
De que eu não queira comigo
A primogênita em mim
A fria, seca, incruada
Filha que a morte me deu
Que vive dessedentada
Do leite que não é seu
E que de noite me chama
Com a voz mais triste que há
E pra dizer que me ama
E pra chamar-me de pai.
Não deixes nunca partir
A filha que tu me deste
A fim de que eu não prefira
A outra, que é mais agreste
Mas que não parte de mim.

QUATRO SONETOS DE MEDITAÇÃO

I

Mas o instante passou. A carne nova
Sente a primeira fibra enrijecer
E o seu sonho infinito de morrer
Passa a caber no bêrço de uma cova.

Outra carne virá. A primavera
É carne, o amor é seiva eterna e forte
Quando o ser que viveu se unir à morte
No mundo uma criança nascerá.

Importará jamais por quê? Adiante
O poema é translúcido, e distante
A palavra que vem do pensamento

Sem saudade. Não ter contentamento.
Ser simples como o grão de poesia
E íntimo como a melancolia.

II

Uma mulher me ama. Se eu me fôsse
Talvez ela sentisse o desalento
Da árvore jovem que não ouve o vento
Inconstante e fiel, tardio e doce

Ná sua tarde em flor. Uma mulher
Me ama como a chama ama o silêncio
E o seu amor vitorioso vence
O desejo da morte que me quer.

Uma mulher me ama. Quando o escuro
Do crepúsculo mórbido e maduro
Me leva a face ao gênio dos espelhos

E eu, môço, busco em vão meus olhos velhos
Vindos de ver a morte em mim divina:
Uma mulher me ama e me ilumina.

III

O efêmero. Ora, um pássaro no vale
Cantou por um momento, outrora, mas
O vale escuta ainda envolto em paz
Para que a voz do pássaro não cale.

E uma fonte futura, hoje primária
No seio da montanha, irromperá
Fatal, da pedra ardente, e levará
À voz a melodia necessária.

O efêmero. E mais tarde, quando antigas
Se fizerem as flôres, e as cantigas
A uma nova emoção morrerem, cedo

Quem conhecer o vale e o seu segredo
Nem sequer pensará na fonte, a sós...
Porém o vale há de escutar a voz.

IV

Apavorado acordo, em treva. O luar
É como o espectro do meu sonho em mim
E sem destino, e louco, sou o mar
Patético, sonâmbulo e sem fim.

Desço da noite, envolto em sono; e os braços
Como ímãs, atraio o firmamento
Enquanto os bruxos, velhos e devassos
Assoviam de mim na voz do vento.

Sou o mar! sou o mar! meu corpo informe
Sem dimensão e sem razão me leva
Para o silêncio onde o Silêncio dorme

Enorme. E como o mar dentro da treva
Num constante arremesso largo e aflito
Eu me espedaço em vão contra o infinito.

O RISO

Aquêle riso foi o canto célebre
Da primeira estréla, em vão.
Milagre de primavera intacta
No sepulcro de neve
Rosa aberta ao vento, breve
Muito breve...

Não, aquêle riso foi o canto célebre
Alta melodia imóvel
Gorjeio de fonte núbil
Apenas brotada, na treva...
Fonte de lábios (hora
Extremamente mágica do silêncio das aves).

Oh, música entre pétalas
Não afugentes meu amor!
Mistério maior é o sono
Se de súbito não se ouve o riso da noite.

PESCADOR

Eh, pescador, onde vais pescar esta noitada:
Nas Pedras Brancas ou na ponte da praia do Barão?
Está tão perto que eu não te vejo pescador, apenas
Ouço a água ponteando no peito da tua canoa...

Vai em silêncio, pescador, para não chamar as almas.
Se ouvires o grito da procelária, volta, pescador!
Se ouvires o sino do farol das Feiticeiras, volta, pescador!
Se ouvires o chôro da suicida da usina, volta, pescador!

Traz uma tainha gorda para Maria Mulata
Vai com Deus! daqui a instante a sardinha sobe
Mas toma cuidado com o cação e com o bôto nadador
E com o polvo que te enrola feito a palavra, pescador!

Por que vais sózinho, pescador, que fizeste do teu remorso
Não fôste tu que navalhaste Juca Diabo na cal da caieira?
Me contaram, pescador, que êle tinha sangue tão grosso
Que foi preciso derramar cachaça na tua mão vermelha,
 pescador.

Eh, pescador, tu és homem, hem, pescador? que é de
 Palmira?
Ficou dormindo? eu gosto de tua mulher Palmira,
 pescador!

Ela tem ruga mas é bonita, ela carrega lata d'água
E ninguém sabe porque ela não quer ser portuguêsa,
pescador...

Ouve, eu não peço nada do mundo, eu só queria a estréla-
-d'alva
Porque ela sorri mesmo antes de nascer, na madrugada...
Oh, vai no horizonte, pescador, com tua vela tu vais
depressa,
E quando ela vier à tona, pesca ela para mim depressa,
pescador?

Ah, que tua canoa é leve, pescador; na água
Ela até me lembra meu corpo no corpo de Cora Marina
Tão grande era Cora Marina que eu até dormi nela
E ela também dormindo nem me sentia o peso, pescador...

Ah, que tu és poderoso, pescador! caranguejo não te
morde
Marisco não te corta o pé, ouriço do mar não te pica
Ficas minuto e meio mergulhado em grota de mar-a-dentro
E quando sobes tens peixe na mão esganado, pescador!

É verdade que viste alma na ponta da Amendoeira
E que ela atravessou a praça e entrou nas obras da igreja
velha?

Ah, que tua vida tem caso, pescador, tem caso
E tu nem dás caso da tua vida, pescador...

Tu vês no escuro, pescador, tu sabes o nome dos ventos!
Por que ficas tanto tempo olhando no céu sem lua?
Quando eu olho no céu fico tonto de tanta estréla
E vejo uma mulher nua que vem caindo na minha verti-
gem, pescador.

Tu já viste mulher nua, pescador : um dia eu vi Negra nua
 Negra dormindo na rête, dourada como a soalheira
 Tinha duas roxuras nos peitos e um vasto negrume no
 sexo
 E a bôca molhada e uma perna calçada de meia, pescador...

Não achas que a mulher parece com a água, pescador?
 Que os peitos dela parecem ondas sem espuma?
 Que o ventre parece a areia mole do fundo?
 Que o sexo parece a concha marinha entreaberta, pes-
 cador?

Esquece a minha voz, pescador, que eu nunca fui inocente !
 Teu remo fende a água redonda com um tremor de carícia
 Ah, pescador, que as vagas são peitos de mulheres boiando
 à tona
 Vai devagar, pescador, a água te dá carinhos indizíveis,
 pescador !

És tu que acendes teu cigarro de palha no isqueiro de
 corda
 Ou é a luz da bóia boiando na estrada do recife, pescador ?
 Meu desejo era apenas ser segundo no leme da tua canoa
 Trazer peixe fresco e manga rosa da Ilha Verde, pescador !

Ah, pescador, que milagre maior que a tua pescaria !
 Quando lanças tua rête lanças teu coração com ela,
 pescador !
 Teu anzol é brinco irresistível para o peixinho
 Teu arpão é mastro firme no casco do pescado, pescador !

Toma castanha de caju torrada, toma aguardente de cana
Que sonho de matar peixe te rouba assim a fome, pescador?
Toma farinha torrada para a tua sardinha, toma, pescador
Senão ficas fraco do peito que nem teu pai Zé Pescada,
 pescador...

Se estás triste eu vou buscar Joaquim, o poeta português
Que te diz o verso da mãe que morreu três vezes por
 causa do filho na guerra
Na terceira vez êle sempre chora, pescador, é engracado
E arranca os cabelos e senta na areia e espreme a bicheira
 do pé.

Não fiques triste, pescador, que mágoa não pega peixe.
Deixa a mágoa para o Sandoval que é soldado e brigou
 com a noiva
Que pegou brasa do fogo só para esquecer a dor da ingrata
E tatuou o peito com a cobra do nome dela, pescador.

Tua mulher Palmira é santa, a voz dela parece reza
O olhar dela é mais grave que a hora depois da tarde
Um dia, cansada de trabalhar, ela vai se estirar na enxérga
Vai cruzar as mãos no peito, vai chamar a morte e des-
 cansar...

Deus te leve, Deus te leve perdido por essa vida...
Ah, pescador, tu pescas a morte, pescador
Mas toma cuidado que de tanto pescares a morte
Um dia a morte também te pesca, pescador!

Tens um branco de luz nos teus cabelos, pescador:
É a aurora? oh, leva-me na aurora, pescador!
Quero banhar meu coração na aurora, pescador!
Meu coração negro de noite sem aurora, pescador!

Não vás ainda, escuta! eu te dou o bentinho de São
Cristóvão
Eu te dou o escapulário da Ajuda, eu te dou ripa da barca
 santa
Quando Vênus sair das sombras não quero ficar sózinho
Não quero ficar cego, não quero morrer apaixonado,
 *pescador!

Ouve o canto misterioso das águas no firmamento...
É a alvorada, pescador, a inefável alvorada
A noite se desincorpora, pescador, em sombra
E a sombra em névoa e madrugada, pescador!

Vai, vai, pescador, filho do vento, irmão da aurora
És tão belo que nem sei se existes, pescador!
Teu rosto tem rugas para o mar onde deságua
O pranto com que matas a sede de amor do mar!

Apenas te vejo na treva que se desfaz em brisa
Vais seguindo serenamente pelas águas, pescador
Levas na mão a bandeira branca da vela enfunada
E chicoteias com o anzol a face invisível do céu.

SONETO DE DESPEDIDA

Uma lua no céu apareceu
Cheia e branca; foi quando, emocionada
A mulher a meu lado estremeceu
E se entregou sem que eu dissesse nada.

Larguei-as pela jovem madrugada
Ambas cheias e brancas e sem véu
Perdida uma, a outra abandonada
Uma nua na terra, outra no céu.

Mas não partira delas; a mais louca
Apaixonou-me o pensamento; dei-o
Feliz — eu de amor pouco e vida pouca

Mas que tinha deixado em meu enleio
Um sorriso de carne em sua bôca
Uma gôta de leite no seu seio.

SINOS DE OXFORD

Cantai sinos, sinos
Cantai pelo ar
Que tão puros, nunca
Mais irei cantar
Cantai leves, leves
E logo vibrantes
Cantai aos amantes
E aos que vão amar.

Levai vossos cantos
Às ondas do mar
E saudai as aves
Que vêm de arribar
Em bandos, em bandos
Sòzinhas, do além
Oh, aves! ó sinos
Arribai também!

Sinos! dóceis, doces
Almas de sineiros
Brancos peregrinos
Do céu, companheiros
Indeléveis! rindo
Rindo sobre as águas
Do rio fugindo...
Consolai-me as mágoas!

Consolai-me as mágoas
Que não passam mais
Minhas pobres mágoas
De quem não tem paz.
Ter paz... tenho tudo
De bom e de bem...
Respondei-me, sinos:
A morte já vem?

TRECHO

Quem foi, perguntou o Celo
Que me desobedeceu?
Quem foi que entrou no meu reino
E em meu ouro remexeu?
Quem foi que pulou meu muro
E minhas rosas colheu?
Quem foi, perguntou o Celo
E a Flauta falou: Fui eu.

Mas quem foi, a Flauta disse
Que no meu quarto surgiu?
Quem foi que me deu um beijo
E em minha cama dormiu?
Quem foi que me fêz perdida
E que me desiludi?
Quem foi, perguntou a Flauta
E o velho Celo sorriu.

MAR

Na melancolia de teus olhos
Eu sinto a noite se inclinar
E ouço as cantigas antigas
Do mar.

Nos frios espaços de teus braços
Eu me perco em carícias de água
E durmo escutando em vão
O silêncio.

E anseio em teu misterioso seio
Na atonia das ondas redondas
Náufrago entregue ao fluxo forte
Da morte.

BALADA DA PRAIA DO VIDIGAL

A lua foi companheira
Na praia do Vidigal
Não surgiu, mas mesmo oculta
Nos recordou seu luar
Teu ventre de maré cheia
Vinha em ondas me puxar
Eram-me os dedos de areia
Eram-te os lábios de sal.

Na sombra que ali se inclina
Do rochedo em miramar
Eu soube te amar, menina
Na praia do Vidigal...
Havia tanto silêncio
Que para o desencantar
Nem meus clamores de vento
Nem teus soluços de água.
Minhas mãos te confundiam
Com a fria areia molhada
Vencendo as mãos dos alísios
Nas ondas da tua saia.
Meus olhos baços de brumas
Junto aos teus olhos de alga
Viām-te envolta de espumas
Como a menina afogada.
E que doçura entregar-me
Àquela mole de peixes

Cegando-te o olhar vazio
Como um cardume de beijos!
Muito lutamos, menina
Naquele pêgo selvagem
Entre areias assassinas
Junto ao rochedo da margem
Três vêzes submergiste
Três vêzes voltaste à flor
E te afogaras não fôsssem
As rês do meu amor.
Quando voltamos, a noite
Parecia em tua face
Tinhas vento em teus cabelos
Gotas d'água em tua carne
No verde lençol da areia
Um marco ficou cavado
Moldando a forma de um corpo
No meio da cruz de uns braços:
Talvez que o marco, criança,
Já o tenha lavado o mar
Mas nunca leva a lembrança
Daquela noite de amôres
Na praia do Vídigal.

SONETO DE LONDRES

Que angústia estar sózinho na tristeza
É na prece! que angústia estar sózinho
Imensamente, na inocência! acesa
A noite, em brancas trevas o caminho

Da vida, e a solidão do burburinho
Unindo as almas frias à beleza
Da neve vã; oh, tristemente assim
O sonho, neve pela natureza!

Irremediável, muito irremediável
Tanto como essa torre medieval
Cruel, pura, insensível, inefável

Torre; que angústia estar sózinho! ó alma
Que ideal perfume, que fatal
Torpor te despetala a flor do céu?

CÂNTICO

Não, tu não és um sonho, és a existência
Tens carne, tens fadiga e tens pudor
No calmo peito teu. Tu és a estréla
Sem nome, és a morada, és a cantiga
Do amor, és luz, és lírio, namorada!
Tu és todo o esplendor, o último claustro
Da elegia sem fim, anjo! mendiga
Do triste verso meu. Ah, fôsses nunca
Minha, fôsses a idéia, o sentimento
Em mim, fôsses a aurora, o céu da aurora
Ausente, amiga, eu não te perderia!
Amada! onde te deixas, onde vagas
Entre as vagas flôres? e por que dormes
Entre os vagos rumôres do mar? Tu
Primeira, última, trágica, esquecida
De mim! És linda, és alta! és sorridente
És como o verde do trigal maduro
Teus olhos têm a côr do firmamento
Céu castanho da tarde — são teus olhos!
Teu passo arrasta a doce poesia
Do amor! prende o poema em forma e côr
No espaço; para o astro do poente
És o levante, és o Sol! eu sou o gira
O gira, o girassol. És a soberba
Também, a jovem rosa purpurina
És rápida também, como a andorinha!
Doçura! lisa e murmurante... a água

Que corre no chão morno da montanha
És tu; tens muitas emoções; o pássaro
Do trópico inventou teu meigo nome
Duas vêzes, de súbito encantado!
Dona do meu amor! sêde constante
Do meu corpo de homem! melodia
Da minha poesia extraordinária!
Por que me arrastas? por que me fascinas?
Por que me ensinas a morrer? teu sonho
Me leva o verso à sombra e à claridade.
Sou teu irmão, és minha irmã; padeço
De ti, sou teu cantor humilde e terno
Teu silêncio, teu trêmulo sossêgo
Triste, onde se arrastam nostalgias
Melancólicas, ah, tão melancólicas...

Amiga, entra de súbito, pergunta
Por mim, se eu continuo a amar-te; ri
Esse riso que é tosse de ternura
Carregá-me em teu seio, louca! sinto
A infância em teu amor! cresçamos juntos
Como se fôra agora, e sempre; demos
Nomes graves às coisas impossíveis
Recriemos a mágica do sonho
Lânguida! ah, que o destino nada pode
Contra esse teu langor; és o penúltimo
Lirismo! encosta a tua face fresca
Sobre o meu peito nu, ouves? é cedo
Quanto mais tarde fôr, mais cedo! a calma
É o último suspiro da poesia
O mar é nosso, a rosa tem seu nome
E rescendes mais pura ao seu chamado.
Julieta! Carlota! Beatriz!
Oh, deixa-me brincar, que te amo tanto
Que se não brinco, choro, e dêsse pranto
Dêsse pranto sem dor, que é o único amigo
Das horas más em que não estás comigo.

A UM PASSARINHO

Para que vieste
Na minha janela
Meter o nariz?
Se foi por um verso
Não sou mais poeta
Ando tão feliz!
Se é para uma prosa
Não sou Anchieta
Nem venho de Assis

Deixa-te de histórias
Some-te daqui!

A ESTRELA POLAR

Eu vi a estréla polar
Chorando em cima do mar
Eu vi a estréla polar
Nas costas de Portugal!

Desde então não seja Vênus
A mais pura das estrélas
A estréla polar não brilha
Se humilha no firmamento
Parece uma criancinha
Enjeitada pelo frio
Estrelinha franciscana
Teresinha, mariana
Perdida no Pólo Norte
De tôda a tristeza humana.

SONETO DO MAIOR AMOR

Maior amor nem mais estranho existe
Que o meu, que não sossega a coisa amada
E quando a sente alegre, fica triste
E se a vê descontente, dá risada.

E que só fica em paz se lhe resiste
O amado coração, e que se agrada
Mais da eterna aventura em que persiste
Que de uma vida mal-aventurada.

Louco amor meu, que quando toca, fere
E quando fere vibra, mas prefere
Ferir a fenece — e vive a êsma

Fiel à sua lei de cada instante
Desassombrado, doido e delirante
Numa paixão de tudo e de si mesmo.

IMITAÇÃO DE RILKE

Alguém que me espia do fundo da noite
Com olhos imóveis brilhando na noite
Me quer.

Alguém que me espia do fundo da noite
(Mulher que me ama, perdida na noite?)
Me chama.

Alguém que me espia do fundo da noite
(És tu, Poesia, velando na noite?)
Me quer.

Alguém que me espia do fundo da noite
(Também chega a Morte dos ermos da noite...)
Quem é?

BALADA DO ENTERRADO VIVO

Na mais medonha das trevas
Acabei de despertar
Soterrado sob um túmulo
De nada chego a lembrar
Sinto meu corpo pesar
Como se fôsse de chumbo.
Não posso me levantar
Debalde tentei clamar
Aos habitantes do mundo.
Tenho um minuto de vida
Em breve estará perdida
Quando eu quiser respirar.

Meu caixão me prende os braços.
Enorme, a tampa fechada
Roça-me quase a cabeça.
Se ao menos a escuridão
Não estivesse tão espessa!
Se eu conseguisse fincar
Os joelhos nessa tampa
E os sete palmos de terra
Do fundo à campa rasgar!
Se um som eu chegasse a ouvir
No ôco dêste caixão
Que não fôsse êsse soturno
Bater do meu coração!
Se eu conseguisse esticar

Os braços num repelão
Inda rasgassem-me a carne
Os ossos que restarão !
Se eu pudesse me virar
As omoplatas romper
Na fúria de uma evasão
Ou se eu pudesse sorrir
Ou de ódio me estrangular
E de outra morte morrer !

Mas só me resta esperar
Suster a respiração
Sentindo o sangue subir-me
Como a lava de um vulcão
Enquanto a terra me esmaga
O caixão me opriime os membros
A gravata me asfixia
E um lenço me cerra os dentes !
Não há como me mover
E êste lenço desatar
Não há como desmanchar
O laço que os pés me prende !

Bate, bate, mão aflita
No fundo dêste caixão
Marca a angústia dos segundos
Que sem ar se extinguirão !
Lutai, pés espavoridos
Presos num nó de cordão
Que acima, os homens passando
Não ouvem vossa aflição !
Raspa, cara enlouquecida
Contra a lenha da prisão
Pesando sóbre teus olhos
Há sete palmos de chão !
Corre mente desvairada
Sem consôlo e sem perdão

Que nem a prece te ocorre
À louca imaginação!
Busca o ar que se te finda
Na caverna do pulmão
O pouco que tens ainda
Te há de erguer na convulsão
Que romperá teu sepulcro
E os sete palmos de chão:
Não te restassem por cima
Setecentos de amplidão!

EPITÁFIO

Aqui jaz o Sol
Que criou a aurora
E deu luz ao dia
E apascentou a tarde

O mágico pastor
De mãos luminosas
Que fecundou as rosas
E as despetalou.

Aqui jaz o Sol
O andrógino meigo
E violento, que

Possuiu a forma
De tôdas as mulheres
E morreu no mar.

ALLEGRO

Sente como vibra
Doidamente em nós
Um vento feroz
Estorcendo a fibra

Dos caules informes
E as plantas carnívoras
De bôcas enormes
Lutam contra as víboras

E os rios soturnos
Ouve como vazam
A água corrompida

E as sombras se casam
Nos raios noturnos
Da lua perdida.

SONETO DE VÉSPERA

Quando chegares e eu te vir chorando
De tanto te esperar, que te direi?
E da angústia de amar-te, te esperando
Reencontrada, como te amarei?

Que beijo teu de lágrima terei
Para esquecer o que vivi lembrando
E que farei da antiga mágoa, quando
Não puder te dizer porque chorei?

Como ocultar a sombra em mim suspensa
Pelo martírio da memória imensa
Que a distância criou — fria de vida

Imagen tua que eu compus serena
Atenta ao meu apêlo e à minha pena
E que quisera nunca mais perdida...

BALADA DO MANGUE

Pobres flôres gonocócicas
Que à noite despetalais
As vossas pétalas tóxicas!
Pobres de vós, pensas, murchas
Orquídeas do despudor
Não sois Lœlia tenebrosa
Nem sois Vanda tricolor:
Sois frágeis, desmilingüidas
Dálias cortadas ao pé
Corolas descoloridas
Enclausuradas sem fé.
Ah, jovens putas das tardes
O que vos aconteceu
Para assim envenenardes
O polem que Deus vos deu?
No entanto crispais sorrisos
Em vossas jaulas acesas
Mostrando o rubro das prêgas
Falando coisas do amor
E às vêzes cantais uivando
Como cadelas à lua
Que em vossa rua sem nome
Rola perdida no céu...
Mas que brilho mau de estréla
Em vossos olhos lilases
Percebo quando, falazes
Fazeis rapazes entrar!

Sinto então nos vossos sexos
Formarem-se imediatos
Os venenos putrefatos
Com que os envenenar
Oh misericordiosas !
Glabras, glúteas caftinas
Embebidas em jasmim
Jogando cantos felizes
Em perspectivas sem fim
Cantais, maternais hienas
Canções de caftinizar
Gordas polacas serenas
Sempre prestes a chorar.
Como sofreis, que silêncio
Não deve gritar em vós
Esse imenso, atroz silêncio
Dos santos e dos heróis !
E o contraponto de vozes
Com que ampliais o mistério
Como é semelhante às luzes
Votivas de um cemitério
Esculpido de memórias !
Pobres, trágicas mulheres
Multidimensionais
Ponto-morto de choferes
Passadiço de navais !
Louras mulatas francesas
Vestidas de carnaval :
Viveis a festa das flôres
Pelo convés dessas ruas
Ancoradas no canal ?
Para onde irão vossos cantos
Para onde irá vossa nau ?
Porque vos deixais imóveis
Alérgicas sensitivas
Nos jardins dêsse hospital
Etílico e heliotrópico ?
Por que não vos trucidais

Ó inimigas? ou bem
Não ateais fogo às vestes
E vos lançais como tochas
Contra êsses homens de nada
Nessa terra de ninguém!

SONETO A OCTAVIO DE FARIA

Não te vira cantar sem voz, chorar
Sem lágrimas, e lágrimas e estrélas
Desencantar, e mudo recolhê-las
Para lançá-las fulgurando ao mar?

Não te vira no bôjo secular
Das praias, desmaiar de êxtase nelas
Ao cansaço viril de percorrê-las
Entre os negros abismos do luar?

Não te vira ferir o indiferente
Para lavar os olhos da impostura
De uma vida que cala e que consente?

Vira-te tudo, amigo! coisa pura
Arrancada da carne intransigente
Pelo trágico amor da criatura.

ROSÁRIO

E eu que era um menino puro
Não fui perder minha infância
No mangue daquela carne!
Dizia que era morena
Sabendo que era mulata
Dizia que era donzela
Nem isso não era ela
Era uma môça que dava.
Deixava... mesmo no mar
Onde se fazia em água
Onde de um peixe que era
Em mil se multiplicava
Onde suas mãos de alga
Sobre meu corpo boiavam
Trazendo à tona aguas-vivas
Onde antes não tinha nada.
Quanto meus olhos não viram
No céu da areia da praia
Duas estrélas escuras
Brilhando entre aquelas duas
Nebulosas desmanchadas
E não beberam meus beijos
Aquêles olhos noturnos
Luzindo de luz parada
Na imensa noite da ilha!
Era minha namorada
Primeiro nome de amada

Primeiro chamar de filha...
Grande filha de uma vaca!
Como não me seduzia
Como não me alucinava
Como deixava, fingindo
Fingindo que não deixava!
Aquela noite entre tôdas
Que cica os cajus! travavam!
Como era quieto o sossêgo
Cheirando a jasmim-do-cabo
Lembro que nem se mexia
O luar esverdeado
Lembro que longe, nos longes
Um gramofone tocava
Lembro dos seus anos vinte
Junto aos meus quinze deitados
Sob a luz verde da lua!
Ergueu a saia de um gesto
Por sobre a perna dobrada
Mordendo a carne da mão
Me olhando sem dizer nada
Enquanto jazente eu via
Como uma anêmona na água
A coisa que se movia
Ao vento que a farfalhava.
Toquei-lhe a dura pevide
Entre o pélo que a guardava
Beijando-lhe a coxa fria
Com gôsto de cana brava.
Senti à pressão do dedo
Desfazer-se desmanchada
Como um dedal de segrêdo
A pequenina castanha
Gulosa de ser tocada.
Era uma dança morena
Era uma dança mulata
Era o cheiro de amarugem
Era a lua côr de prata

Mas foi só naquela noite!
Passava dando risada
Carregando os peitos loucos
Quem sabe para quem, quem sabe?
Mas como me seduzia
A negra visão escrava
Daquele feixe de águas
Que sabia ela guardava
No fundo das coxas frias!
Mas como me desbragava
Na areia mole e macia!
A areia me recebia
E eu baixinho me entregava
Com medo que Deus ouvisse
Os gemidos que não dava!
Os gemidos que não dava
Por amor do que ela dava
Aos outros de mais idade
Que a carregaram da ilha
Para as ruas da cidade
Meu grande sonho da infância
Angústia da mocidade.

O ESCÂNDALO DA ROSA

Oh rosa que raivosa
Assim carmesim
Quem te fêz zelosa
O carme tão ruim

Que anjo ou que pássaro
Roubou tua côn
Que ventos passaram
Sobre o teu pudor

Coisa milagrosa
De rosa de mate
De bom para mim

Rosa glamourosa?
Oh rosa que escarlate:
No mesmo jardim!

SONÊTO AO INVERNO

Inverno, doce inverno das manhãs
Translúcidas, tardias e distantes
Propício ao sentimento das irmãs
E ao mistério da carne das amantes

Quem és, que transfiguras as maçãs
Em iluminações dessemelhantes
E enlouqueces as rosas temporâns
Rosa dos ventos, rosa dos instantes?

Por que ruflaste as tremulantes asas
Alma do céu? o amor das coisas várias
Fêz-te migrar — inverno sôbre casas!

O anjo tutelar das luminárias
Preservador de santas e de estrélas...
Que importa a noite lúgubre escondê-las?

MARINA

Lembras-te das pescarias
Nas pedras das Três-Marias
Lembras-te, Marina ?

Nas navalhas dos mariscos
Teus pés corriam ariscos
Valente menina !

Crescia na beira-luz
O papo dos baiacus
Que pescávamos

E nas vagas matutinas
Chupávamos tangerinas
E vagávamos...

Tinhas uns peitinhos duros
E teus beicinhos escuros
Flauteavam valsas

Valsas ilhoas ! vadio
Eu procurava, no frio
De tuas calças

E te adorava ; sentia
Teu cheiro a peixe, bebia
Teu bafo de sal

E quantas vêzes, precoce
Em vão, pela tua posse
Não me saí mal...

Deixavas-me dessa luta
Uma adstringência de fruta
De suor, de alga

Mas sempre te libertavas
Com doidas dentadas bravas
Menina fidalga!

Fôste minha companheira
Fôste minha derradeira
Única aventura?

Que nas outras criaturas
Não vi mais meninas puras
Menina pura.

SONETO DE QUARTA-FEIRA DE CINZAS

Por sêres quem me fôste, grave e pura
Em tão doce surpresa conquistada
Por sêres uma branca criatura
De uma brancura de manhã raiada

Por sêres de uma rara formosura
Mau grado a vida dura e atormentada
Por sêres mais que a simples aventura
E menos que a constante namorada

Porque te vi nascer, de mim sózinha
Como a noturna flor desabrochada
A uma fala de amor, talvez perjura

Por não te possuir, tendo-te minha
Por só quereres tudo, e eu dar-te nada
Hei de lembrar-te sempre com ternura.

SOMBRA E LUZ

I

Dança Deus!
Sacudindo o mundo
Desfigurando estrélas
Afogando o mundo
Na cinza dos céus
Sapateia, Deus
Negro na noite
Semeando brasas
No túmulo de Orfeu.

Dança, Deus! dança
Dança de horror
Que a faca que corta
Dá talho sem dor.

A dama Negra
A Rainha Euterpe
A Tôrre de Magdalen
E o Rio Jordão
Quebraram muros
Beberam absinto
Vomitaram bile
No meu coração.

E um gato e um sonêto
No túmulo preto

E uma espada nua
No meio da rua
E um bezerro de ouro
Na bôca do lôbo
E um bruto alifante
No baile da Côrte
Naquele cantinho
Cocô de ratinho
Naquele cantão
Cocô de ratão.

Violino môço fino
— Quem se rir há de apanhar

Violão môço vadio
— Não sei quem apanhará.

II

Munevada glimou vestasudente.

Desfazendo-se em lágrimas azuis
Em mistério nascia a madrugada
E o vampiro Nosferatu
Descia o rio
Fazendo poemas
Dizendo blasfêmias
Soltando morcegos
Bebendo hidromel
E se desencantava, minha mãe!

Ficava a rua
Ficava a praia
No fim da praia
Ficava Maria
No meio de Maria

Ficava uma rosa
Cobrindo a rosa
Uma bandeira
Com duas tíbias
E uma caveira.

Mas não era o que queria
Que era mesmo que eu queria?
“Eu queria uma casinha
Com varanda para o mar
Onde brincasse a andorinha
E onde chegasse o luar
Com vinhas nessa varanda
E vacas na vacaria
Com vinho verde e vianda
Que nem Carlito queria.”

Nunca mais, nunca mais!
As luzes já se apagavam
Os mortos mortos de frio
Se enrolavam nos sudários
Fechavam a tampa da cova
Batendo cinco pancadas.

Que fazer senão morrer?

III

Pela estrada plana, toc-toc-toc
As lágrimas corriam.
As primeiras mulheres
Saiam toc-toc na manhã
O mundo despertava! em cada porta
Uma espôsa batia toc-toc
E os homens caminhavam na manhã.
Logo se acenderão as forjas

Fumarão as chaminés
Se caldeará o aço da carne
Em breve os ferreiros toc-toc
Martelarão o próprio sexo
E os santos marceneiros roc-roc
Mandarão berços para Belém.
Ouve a cantiga dos navios
Convergindo dos temporais para os portos
Ouve o mar
Rugindo em cóleras de espuma
Have mercy on me O Lord
Send me Isaias
I need a poet
To sing me ashore

Minha luz ficou aberta
Minha cama ficou feita
Minha alma ficou deserta
Minha carne insatisfeita.

SAUDADE DE MANUEL BANDEIRA

Não fôste apenas um segrêdo
De poesia e de emoção
Fôste uma estréla em meu degrêdo
Poeta, pai! áspero irmão.

Não me abraçaste só no peito
Puseste a mão na minha mão
Eu, pequenino — tu, eleito
Poeta! pai, áspero irmão.

Lúcido, alto e ascético amigo
De triste e claro coração
Que sonhas tanto a sós contigo
Poeta, pai, áspero irmão?

AZUL E BRANCO

CONCHA E CAVALO-MARINHO
Mote de PEDRO NAVA

*Em louvor do edifício do
Ministério da Educação*

I

Massas geométricas
Em pautas de música
Plástica e silêncio
Do espaço criado.

Concha e cavalo-marinho.

O mar vos deu em corola
O céu vos imantou
Mas a luz refez o equilíbrio.

Concha e cavalo-marinho.

Vênus anadiomena
Multípede e alada
Os seios azuis
Dando leite à tarde
Viu-vos Eupalinos
No espelho convexo
Da gôta que o orvalho
Escorreu da noite
Nos lábios da aurora.

Concha e cavalo-marinho.

Pálpebras cerradas
Ao poder violeta
Sombras projetadas
Em mansuetude
Sublime colóquio
Da forma com a eternidade

Concha e cavalo-marinho.

II

Na verde espessura
Do fundo do mar
Nasce a arquitetura.

Da cal das conchas
Do sumo das algas
Da vida dos polvos
Sobre tentáculos
Do amor dos pólipos
Que estratifica abóbadas
Da ávida mucosa
Das rubras anêmonas
Que argamassa peixes
Da salgada célula
De estranha substância
Que dá peso ao mar.

Concha e cavalo-marinho.

Concha e cavalo-marinho:
Os ágeis sinuosos
Que o raio de luz
Cortando transforma
Em claves de sol
E o amor do infinito

Retifica em hastes
Antenas paralelas
Propícias à eterna
Incursão da música.

Concha e cavalo-marinho.

III

Azul... Azul...

Azul e Branco
Azul e Branco

Concha...
e cavalo-marinho

SONETO DE SEPARAÇÃO

De repente do riso fêz-se o pranto
Silencioso e branco como a bruma
E das bôcas unidas fêz-se a espuma
E das mãos espalmadas fêz-se o espanto.

De repente da calma fêz-se o vento
Que dos olhos desfez a última chama
E da paixão fêz-se o pressentimento
E do momento imóvel fêz-se o drama.

De repente, não mais que de repente
Fêz-se de triste o que se fêz amante
E de sózinho o que se fêz contente

Fêz-se do amigo próximo o distante
Fêz-se da vida uma aventura errante
De repente, não mais que de repente.

BALADA DE PEDRO NAVA

Meu amigo Pedro Nava
Em que navio embarcou:
A bordo do *Westphalia*
Ou a bordo do *Lidador*?

Em que antárticas espumas
Navega o navegador
Em que brahmas, em que brumas
Pedro Nava se afogou ?

Juro que estava comigo
Há coisa de não faz muito
Enchendo bem a caveira
Ao seu eterno defunto

Ou não era Pedro Nava
Quem me falava aqui junto
Não era o Nava de fato
Nem era o Nava defunto...

Se o tivesse aqui comigo
Tudo se solucionava
Diria ao garçon: Escanção!
Uma *pedra* a Pedro Nava!

Uma pedra a Pedro Nava
Nessa pedra uma inscrição:
“... *dêste que muito te amava*
teu amigo, teu irmão...”

Mas oh, não ! que êle não morra
Sem escutar meu segredo
Estou nas garras da Cachorra
Vou ficar louco de medo

Preciso muito falar-lhe
Antes que chegue amanhã :
Pedro Nava, meu amigo
DESCEU O LEVIATÃ !

II

A môça dizia à lua
Minha carne é côr-de-rosa
Não é verde como a tua
Eu sou jovem e formosa.
Minhas maminhas — a môça
À lua mostrava as luas —
Têm a brancura da louça
Não são negras como as tuas.
E ela falava: Meu ventre
É puro — e o deitava à lua
A lua que o sangra dentro
Quem haverá que a possua?
Meu sexo — a môça jogada
Entreibria-se nua —
É o sangue da madrugada
Na triste noite sem lua.
Minha pele é viva e quente
Lança o teu raio mais frio
Sobre o meu corpo inocente...
Sente o teu como é vazio.

III

A sombra decapitada
Caiu fria sobre o mar...,

Quem foi a voz que chamou?
Quem foi a voz que chamou?

— Foi o cadáver do anjo
Que morto não se enterrou.

Nas vagas boiavam virgens
Desfiguradas de horror...
O homem pálido gritava:
Quem foi a voz que chamou?

— Foi a eterna alma penada
Daquele que não amou.

No abismo escuro das fragas
Descia o disco brilhante
Sumindo por entre as águas...
Oh lua em busca do amante!

E o sopro da ventania
Vinha e desaparecia.

Negro cárcere da morte
Branco cárcere da dor
Luz e sombra da alvorada...
A voz amada chamou!

E um grande túmulo veio
Se desvendando no mar
Boiava ao sabor das ondas
Que o não queriam tragar

Tinha uma laje e uma lápide
Com o nome de uma mulher
Mas de quem era êsse nome
Nunca o pudesse dizer.

SONETO DE CARNAVAL

Distante o meu amor, se me afigura
O amor como um patético tormento
Pensar nêle é morrer de desventura
Não pensar é matar meu pensamento.

Seu mais doce desejo se amargura
Todo o instante perdido é um sofrimento
Cada beijo lembrado uma tortura
Um ciúme do próprio ciumento.

E vivemos partindo, ela de mim
E eu dela, enquanto breves vão-se os anos
Para a grande partida que há no fim

De tôda a vida e todo o amor humanos:
Mas tranqüila ela sabe, e eu sei tranqüilo
Que se um fica o outro parte a reuni-lo.

BALADA DAS MENINAS DE BICICLETA

Meninas de bicicleta
Que fagueiras pedalais
Quero ser vosso poeta!
Ó transitórias estátuas
Esfuziantes de azul
Louras com peles mulatas
Princesas da zona sul:
As vossas jovens figuras
Retesadas nos selins
Me prendem, com serem puras
Em redondilhas afins.
Que lindas são vossas quilhas
Quando as praias abordais!
E as nervosas pantorrihlas
Na rotação dos pedais:
Que douradas maravilhas!
Biciletai, meninada
Aos ventos do Arpoador
Sôlta a flâmula agitada
Das cabeleiras em flor
Uma correndo à gandaia
Outra com jeito de séria
Mostrando as pernas sem saia
Feitas da mesma matéria.
Permanecei! vós que sois
O que o mundo não tem mais

Juventudes de *maillots*
Sobre máquinas da paz
Enxames de namoradas
Ao sol de Copacabana
Centauresas transpiradas
Que o leque do mar abana!
A vós o canto que inflama
Os meus trint'anos, meninas
Velozes massas em chama
Explodindo em vitaminas.
Bem haja a vossa saúde
A humanidade inquieta
Vós cuja ardente virtude
Preservais muito amiúde
Com um selim de bicicleta:
Vós que levais tantas raças
Nos corpos firmes e crus:
Meninas, soltai as alças
Bicicletai seios nus!
No vosso rastro persiste
O mesmo eterno poeta
Um poeta — essa coisa triste
Escravizada à beleza
Que em vosso rastro persiste
Levando a sua tristeza
No quadro da bicicleta.

POEMA DE NATAL

Para isso fomos feitos:
Para lembrar e ser lembrados
Para chorar e fazer chorar
Para enterrar os nossos mortos —
Por isso temos braços longos para os adeuses
Mãos para colhêr o que foi dado
Dedos para cavar a terra.

Assim será a nossa vida:
Uma tarde sempre a esquecer
Uma estréla a se apagar na treva
Um caminho entre dois túmulos —
Por isso precisamos velar
Falar baixo, pisar leve, ver
A noite dormir em silêncio.

Não há muito que dizer:
Uma canção sobre um berço
Um verso, talvez, de amor
Uma prece por quem se vai —
Mas que essa hora não esqueça
E por ela os nossos corações
Se deixem, graves e simples.

Pois para isso fomos feitos:
Para a esperança no milagre
Para a participação da poesia
Para ver a face da morte —
De repente nunca mais esperaremos...
Hoje à noite é jovem; da morte, apenas
Nascemos, imensamente.

O DIA DA CRIAÇÃO

*Macho e fêmea os criou.
Gênesis, 1, 27*

I

Hoje é sábado, amanhã é domingo
A vida vem em ondas, como o mar
Os bondes andam em cima dos trilhos
E Nosso Senhor Jesus Cristo morreu na cruz para nos
salvar.

Hoje é sábado, amanhã é domingo
Não há nada como o tempo para passar
Foi muita bondade de Nosso Senhor Jesus Cristo
Mas por via das dúvidas livrai-nos meu Deus de todo mal.

Hoje é sábado, amanhã é domingo
Amanhã não gosta de ver ninguém bem
Hoje é que é o dia do presente
O dia é sábado.

Impossível fugir a essa dura realidade!
Neste momento todos os bares estão repletos de homens
vazios
Todos os namorados estão de mãos entrelaçadas
Todos os maridos estão funcionando regularmente
Tôdas as mulheres estão atentas
Porque hoje é sábado.

II

Neste momento há um casamento
Porque hoje é sábado
Há um divórcio e um violamento
Porque hoje é sábado
Há um homem rico que se mata
Porque hoje é sábado
Há um incesto e uma regata
Porque hoje é sábado
Há um espetáculo de gala
Porque hoje é sábado
Há uma mulher que apanha e cala
Porque hoje é sábado
Há um renovar-se de esperanças
Porque hoje é sábado
Há uma profunda discordância
Porque hoje é sábado
Há um sedutor que tomba morto
Porque hoje é sábado
Há um grande espírito-de-porco
Porque hoje é sábado
Há uma mulher que vira homem
Porque hoje é sábado
Há criancinhas que não comem
Porque hoje é sábado
Há um piquenique de políticos
Porque hoje é sábado
Há um grande acréscimo de sífilis
Porque hoje é sábado
Há um ariano e uma mulata
Porque hoje é sábado
Há uma tensão inusitada
Porque hoje é sábado

Há adolescências seminuas
Porque hoje é sábado
Há um vampiro pelas ruas
Porque hoje é sábado
Há um grande aumento no consumo
Porque hoje é sábado
Há um noivo louco de ciúmes
Porque hoje é sábado
Há um *garden-party* na cadeia
Porque hoje é sábado
Há uma impassível lua cheia
Porque hoje é sábado
Há damas de tôdas as classes
Porque hoje é sábado
Umas difíceis, outras fáceis
Porque hoje é sábado
Há um beber e um dar sem conta
Porque hoje é sábado
Há uma infeliz que vai de tonta
Porque hoje é sábado
Há um padre passeando à paisana
Porque hoje é sábado
Há um frenesi de dar banana
Porque hoje é sábado
Há a sensação angustiante
Porque hoje é sábado
De uma mulher dentro de um homem
Porque hoje é sábado
Há a comemoração fantástica
Porque hoje é sábado
Da primeira cirurgia plástica
Porque hoje é sábado
E dando os trâmites por findos
Porque hoje é sábado
Há a perspectiva do domingo
Porque hoje é sábado.

III

Por tôdas essas razões deverias ter sido riscado do Livro
das Origens, ó Sexto Dia da Criação.
De fato, depois da *Ouverture* do *Fiat* e da divisão de
luzes e trevas
E depois, da separação das águas, e depois, da fecundação
da terra
E depois, da gênese dos peixes e das aves e dos animais
da terra
Melhor fôra que o Senhor das Esferas tivesse descansado.
Na verdade, o homem não era necessário
Nem tu, mulher, ser vegetal, dona do abismo, que queres
como as plantas, imóvelmente e nunca saciada
Tu que carregas no meio de ti o vórtice supremo da paixão.
Mal procedeu o Senhor em não descansar durante os dois
últimos dias
Trinta séculos lutou a humanidade pela semana inglês
Descansasse o Senhor e simplesmente não existiríamos
Seríamos talvez pólos infinitamente de partículas cósmicas
em queda invisível na terra.
Não viveríamos da degola dos animais e da asfixia dos
peixes
Não seríamos paridos em dor nem suaríamos o pão nosso
de cada dia
Não sofreríamos males de amor nem desejariamos a mu-
lher do próximo
Não teríamos escola, serviço militar, casamento civil, im-
pôsto sobre a renda e missa de sétimo dia.
Seria a indizível beleza e harmonia do plano verde das
terras e das águas em núpcias
A paz e o poder maior das plantas e dos astros em colóquio
A pureza maior do instinto dos peixes, das aves e dos
animais em cópula.
Ao revés, precisamos ser lógicos, freqüentemente dogmá-
ticos

Precisamos encarar o problema das colocações morais e
estéticas
Ser sociais, cultivar hábitos, rir sem vontade e até praticar
amor sem vontade
Tudo isso porque o Senhor cismou em não descansar no
Sexto Dia e sim no Sétimo
E para não ficar com as vastas mãos abanando
Resolveu fazer o homem à sua imagem e semelhança
Possivelmente, isto é, muito provavelmente
Porque era sábado.

BALADA DOS MORTOS DOS CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO

Cadáveres de Nordhausen
Erla, Belsen e Buchenwald !
Ocos, flácidos cadáveres
Como espantalhos, largados
Na sementeira espectral
Dos ermos campos estéreis
De Buchenwald e Dachau.
Cadáveres necrosados
Amontoados no chão
Esquálidos enlaçados
Em beijos estupefactos
Como ascetas siderados
Em presença da visão.
Cadáveres putrefatos
Os magros braços em cruz
Em vossas faces hediondas
Há sorrisos de giocondas
E em vossos corpos, a luz
Que da treva cria a aurora.
Cadáveres fluorescentes
Desenraizados do pó
Que emoção não dá-me o ver-vos
Em vosso êxtase sem nervos
Em vossa prece tão só
Grandes, góticos cadáveres !
Ah, doces mortos atônicos

Quebrados a torniquete
Vossas louras manicuras
Arrancaram-vos as unhas
No requinte de tortura
Da última *toilette*...
A vós vos tiraram a casa
A vós vos tiraram o nome
Fôstes marcados a brasa
Depois vos mataram a fome!
Vossas peles afrouxadas
Sobre os esqueletos dão-me
A impressão que éreis tambores —
Os instrumentos do Monstro —
Desfibrados a pancada:
Ó mortos de percussão!
Cadáveres de Nordhausen
Erla, Belsen e Buchenwald!
Vós sois o húmus da terra
De onde a árvore do castigo
Dará madeira ao patíbulo
E de onde os frutos da paz
Tombarão no chão da guerra!

REPTO

Vossos olhos raros
Jovens guerrilheiros
Aos meus, cavalheiros
Fazem mil reparos...
Se entendeis amor
Com vero brigar
Combates de olhar
Não quero propor:

Sei de um bom lugar
Onde contender
E havemos de ver
Quem há de ganhar...
Não sirvo justar
Em pugna tão vã...
Que tal amanhã
Lutarmos de amar?

Em campos de paina
Pretendo reptar-vos
E em seguida dar-vos
Muita, muita faina
Guerra sem quartel
E tréguas só se
Pedirdes mercê
Com os olhos no céu.

Exaustão de gôzo
Que tal seja a regra
E longa a refrega
Que aguardo ansioso
E caiba dizer-vos
Que inda vencedor
Sou, de vossos servos
O mais servidor...

O POETA E A LUA

Em meio a um cristal de ecos
O poeta vai pela rua
Seus olhos verdes de éter
Abrem cavernas na lua.
A lua volta de flanco
Eriçada de luxúria
O poeta, aloucado e branco
Palpa as nádegas da lua.
Entre as esferas nitentes
Tremeluzem pelos fulvos
O poeta, de olhar dormente
Entreabre o pente da lua.
Em frouxos de luz e água
Palpita a ferida crua
O poeta todo se lava
De palidez e doçura.
Ardente e desesperada
A lua vira em decúbito
A vinda lenta do espasmo
Aguça as pontas da lua.
O poeta afaga-lhe os braços
E o ventre que se menstrua
A lua se curva em arco
Num delírio de luxúria.
O gôzo aumenta de súbito
Em frêmitos que perduram
A lua vira o outro quarto

E fica de frente, nua.
O orgasmo desce do espaço
Desfeito em estrélas e nuvens
Nos ventos do mar perpassa
Um salso cheiro de lua
E a lua, no êxtase, cresce
Se dilata e alteia e estua
O poeta se deixa em prece
Ante a beleza da lua.
Depois a lua adormece
E míngua e se apazigua...
O poeta desaparece
Envolto em cantos e plumas
Enquanto a noite enlouquece
No seu claustro de ciúmes.

SONETO DA ROSA

Mais um ano na estrada percorrida
Vem, como o astro matinal, que a adora
Molhar de puras lágrimas de aurora
A morna rosa escura e apetecida.

E da fragrante tepidez sonora
No recesso, como ávida ferida
Guardar o plasma múltiplo da vida
Que a faz materna e plácida, e agora

Rosa geral de sonho e plenitude
Transforma em novas rosas de beleza
Em novas rosas de carnal virtude

Para que o sonho viva da certeza
Para que o tempo da paixão não mude
Para que se una o verbo à natureza.

VALSA À MULHER DO POVO

Oferenda

Oh minha amiga da face múltipla
Do corpo periódico e geral!
Lúdica, efêmera, inconsútil
Musa central-ferroviária!
Possa esta valsa lenta e súbita
Levemente copacabanal
Fazer brotar do povo a flux
A tua imagem abruptamente
Ó antideusa!

Valsa

Te encontrarei na barca Cubango, nas amplas salas da
Cubango
Vestida de tangolomango
Te encontrarei!
Te encontrarei nas brancas praias, pelas pudendas, brancas
praias
Itinerante de gandaias
Te encontrarei. Te encontrarei nas feiras-livres
Entre moringas e vassouras, emolduradas de cenouras
Te encontrarei. Te encontrarei tarde na rua
De rosto triste como a lua, passando longe como a lua
Te encontrarei. Te encontrarei, te encontrarei

Nos longos *jootings* suburbanos, tecendo os sonhos mais
humanos

Capaz de todos os enganos

Te encontrarei. Te encontrarei nos cais noturnos

Junto a marítimos soturnos, sombra de becos taciturnos

Te encontrarei. Te encontrarei. ó mariposa

Oh *taxi-girl*, oh *virginette*, pregada aos homens a alfinête

De corpo saxe e clarinete

Te encontrarei. Oh pulcra, oh pálida, oh pudica

Oh grã-cupincha, oh nova-rica

Que nunca sais da minha dica: sim, eu irei

Ao teu encontro onde estiveres

Pois que assim querem os malmequereres

Porque és tu santa entre as mulheres

Te encontrarei!

CINEPOEMA

O PRÊTO NO BRANCO
Manuel Bandeira

O prêto no banco
A branca na areia
O prêto no banco
A branca na areia
Silêncio na praia
De Copacabana.

A branca no branco
Dos olhos do prêto
O prêto no banco
A branca no prêto
Negror absoluto
Sobre um mar de leite.

A branca de bruços
O prêto pungente
O mar em soluços
A espuma inocente
Canícula branca
Pretidão ardente.

A onda se alteia
Na verde laguna
A branca se enfuna
Se afunda na areia
O colo é uma duna
Que o sol incendeia.

O preto no branco
Da espuma da onda
A branca de flanco
Brancura redonda
O preto no banco
A gaivota ronda.

O negro tomado
Da linha do asfalto
O espaço imantado:
De súbito um salto
E um grito na praia
De Copacabana.

Pantera de fogo
Pretidão ardente
Onda que se quebra
Violentamente
O sol como um dardo
Vento de repente.

E a onda desmaia
A espuma espadana
A areia ventada
De Copacabana
Claro-escuro rápido
Sombra fulgurante.

Luminoso dardo
O sol rompe a nuvem
Refluxo tardô
Restos de amarugem
Sangue pela praia
De Copacabana...

MENSAGEM À POESIA

Não posso
Não é possível
Digam-lhe que é totalmente impossível
Agora não pode ser
É impossível
Não posso.

Digam-lhe que estou tristíssimo, mas não posso ir esta noite ao seu encontro.

Contem-lhe que há milhões de corpos a enterrar
Muitas cidades a reerguer, muita pobreza pelo mundo
Contem-lhe que há uma criança chorando em alguma parte
do mundo
E as mulheres estão ficando loucas, e há legiões delas
carpindo
A saudade de seus homens; contem-lhe que há um vácuo
Nos olhos dos párias, e sua magreza é extrema; contem-lhe
Que a vergonha, a desonra, o suicídio rondam os lares, e
é preciso reconquistar a vida.
Façam-lhe ver que é preciso eu estar alerta, voltado para
todos os caminhos
Pronto a socorrer, a amar, a mentir, a morrer se fôr
preciso.
Ponderem-lhe, com cuidado — não a magoem... — que
se não vou

Não é porque não queira : ela sabe ; é porque há um herói
 num cárcere
Há um lavrador que foi agredido, há uma poça de sangue
 numa praça.
Contem-lhe, bem em segredo, que eu devo estar prestes,
 que meus
Ombros não se devem curvar, que meus olhos não se
 devem
Deixar intimidar, que eu levo nas costas a desgraça dos
 homens
E não é o momento de parar agora ; digam-lhe, no entanto
Que sofro muito, mas não posso mostrar meu sofrimento
Aos homens perplexos ; digam-lhe que me foi dada
A terrível participação, e que possivelmente
Deverei enganar, fingir, falar com palavras alheias
Porque sei que há, longínqua, a claridade de uma aurora.
Se ela não compreender, oh, procurem convencê-la
Dêsse invencível dever que é o meu ; mas digam-lhe
Que, no fundo, tudo o que estou dando é dela, e que me
Dói ter de despojá-la assim, neste poema ; que por outro
 lado
Não devo usá-la em seu mistério : a hora é de esclare-
 cimento
Nem debruçar-me sobre mim quando a meu lado
Há fome e mentira ; e um pranto de criança sózinha,
 numa estrada
Junto a um cadáver de mãe ; digam-lhe que há
Um naufrago no meio do oceano, um tirano no poder,
 um homem
Arrependido ; digam-lhe que há uma casa vazia
Com um relógio batendo horas ; digam-lhe que há um
 grande
Aumento de abismos na terra, há súplicas, há vociferações
Há fantasmas que me visitam de noite
E que me cumpre receber ; contem a ela da minha certeza
No amanhã
Que sinto um sorriso no rosto invisível da noite
Vivo em tensão ante a expectativa do milagre ; por isso

Peçam-lhe que tenha paciência, que não me chame agora
Com a sua voz de sombra; que não me faça sentir covarde
De ter de abandoná-la neste instante, em sua imensurável
Solidão; peçam-lhe, oh peçam-lhe que se cale
Por um momento, que não me chame
Porque não posso ir
Não posso ir
Não posso

Mas não a trai. Em meu coração
Vive a sua imagem pertencida, e nada direi que possa
Envergonhá-la. A minha ausência.
É também um sortilégio
Do seu amor por mim. Vivo do desejo de revê-la
Num mundo em paz. Minha paixão de homem
Resta comigo; minha solidão resta comigo; minha
Loucura resta comigo. Talvez eu deva
Morrer semvê-la mais, sem sentir mais
O gôsto de suas lágrimas, olhá-la correr
Livre e nua nas praias e nos céus
E nas ruas da minha insônia. Digam-lhe que é esse
O meu martírio; que às vêzes
Pesa-me sobre a cabeça o tampo da eternidade e as po-
derosas
Fôrças da tragédia abatem-se sobre mim, e me impelem
para a treva
Mas que eu devo resistir, que é preciso...
Mas que a amo com tôda a pureza da minha passada
adolescência
Com tôda a violência das antigas horas de contemplação
extática
Num amor cheio de renúncia. Oh, peçam a ela
Que me perdoe, ao seu triste e inconstante amigo
A quem foi dado se perder de amor pelo seu semelhante
A quem foi dado se perder de amor por uma pequena casa
Por um jardim de frente, por uma menininha de vermelho
A quem foi dado se perder de amor pelo direito
De todos terem uma pequena casa, um jardim de frente

E uma menininha de vermelho ; e se perdendo
Ser-lhe doce perder-se...
Por isso convençam a ela, expliquem-lhe que é terrível
Peçam-lhe de joelhos que não me esqueça, que me ame
Que me espere, porque sou eu, apenas seu ; mas que agora
É mais forte do que eu, não posso ir
Não é possível
Me é totalmente impossível
Não pode ser não
É impossível
Não posso.

O TEMPO NOS PARQUES

O tempo nos parques é íntimo, inadiável, imparcicipante,
imarcescível.

Medita nas altas frondes, na última palma da palmeira

Na grande pedra intacta, o tempo nos parques.

Na grande pedra intacta, o tempo nos parques.

O tempo nos parques cisma no olhar cego dos lagos

Dorme nas furnas, isola-se nos quiosques

Oculta-se no torso muscular dos ficus, o tempo nos
parques.

O tempo nos parques gera o silêncio dopiar dos pássaros

Do passar dos passos, da côr que se move ao longe.

É alto, antigo, presciente o tempo nos parques

É incorruptível; o prenúncio de uma aragem

A agonia de uma fôlha, o abrir-se de uma flor

Deixa um frêmito no espaço do tempo nos parques.

O tempo nos parques envolve de redomas invisíveis

Os que se amam; eterniza os anseios, petrifica

Os gestos, anestesia os sonhos, o tempo nos parques.

Nos homens dormentes, nas pontes que fogem, na franja

Dos chorões, na cúpula azul o tempo perdura

Nos parques; e a pequenina cotia surpreende

A imobilidade anterior dêsse tempo no mundo

Porque imóvel, elementar, autêntico, profundo

É o tempo nos parques.

A MANHÃ DO MORTO

O poeta, na noite de 25 de fevereiro de 1945, sonha que vários amigos seus perderam a vida num desastre de avião, em meio a uma inexplicável viagem para São Paulo.

A mulher do poeta dá-lhe a dolorosa nova às 8 da manhã, depois de uma telefonada de Rodrigo M. F. de Andrade.

Ao se levantar, o poeta sente incorporar-se a êle o amigo morto.

Noite de angústia: que sonho
Que debater-se, que treva.
... é um grande avião que leva
amigos meus no seu bôjo...
... depois, a horrível notícia:
FOI UM DESASTRE MEDONHO!

Me acordam numa carícia...
O que foi que aconteceu?
Rodrigo telefonou:
MÁRIO DE ANDRADE MORREU.

Ergo-me com dificuldade
Sentindo a presença dêle
Do morto Mário de Andrade
Que muito maior do que eu
Mal cabe na minha pele.

Escovo os dentes na saudade
Do amigo que se perdeu
Olho o espelho: não sou eu
É o morto Mário de Andrade
Me olhando daquele espelho.

Tomo o café da manhã:
Café, de Mário de Andrade.

*A necessidade de falar
com o amigo denominado-comum, e o eco de
Manuel Bandeira.*

Não, meu caro, que eu me digo
Pensa com serenidade
Busca o consôlo do amigo
Rodrigo M. F. de Andrade.

Telefone para Rodrigo
Ouço-o; mas na realidade
A voz que me chega ao ouvido
É a voz de Mário de Andrade.

*O passeio com o morto
Remate de males*

E saio para a cidade
Na canícula do dia
Lembro o nome de Maria
Também de Mário de Andrade
Do poeta Mário de Andrade.

Gesto familiar

Com grande dignidade
A dignidade de um morto
Anda a meu lado, absorto
O poeta Mário de Andrade
Com a manopla no meu ombro.

Goza a delícia de ver
Em seus menores resquícios.
Seus olhos refletem assombro.
Depois me fala: Vinícius
Que ma-ra-vilha é viver!

A cara do morto

Olho o grande morto enorme
Sua cara colossal
Nessa cara lábios roxos
E a palidez sepulcral
Específica dos mortos.

Essa cara me comove
De beatitude tamanha.
Chamo-o: Mário! ele não ouve
Perdido no puro êxtase
Da beleza da manhã.

Mas caminha com ombridade
Seus ombros suportam o mundo
Como no verso inquebrável
De Carlos Drummond de Andrade
E o meu verga-se ao defunto...

O eco de Pedro Nava

Assim passeio com ele
Vou ao dentista com ele
Vou ao trabalho com ele
Como bife ao lado d'ele
O gigantesco defunto
Com a sua gravata brique
E a sua infantilidade.

À tarde o morto abandona súbitamente o poeta para ir enterrar-se.

Sòmente às cinco da tarde
Senti a pressão amiga
Desfazer-se do meu ombro...
Ia o morto se enterrar
No seu caixão de dois metros.
Não pude seguir o féretro
Por circunstâncias alheias
À minha e à sua vontade:
(De fato, é grande a distância
Entre uma e outra cidade...
Aliás, teria medo
Porque nunca sei se um sonho
Não pode ser realidade).
Mas sofri na minha carne
O grande entérro da carne
Do poeta Mário de Andrade
Que morreu de *angina pectoris*:
Vivo na imortalidade.

MENSAGEM A RUBEM BRAGA

Os doces montes cônicos de feno

(Decassílabo sólto num postal de
Rubem Braga, da Itália)

A meu amigo Rubem Braga
Digam que vou, que vamos bem: só não tenho é coragem
de escrever
Mas digam-lhe. Digam-lhe que é Natal, que os sinos
Estão batendo, e estamos no *Cavalão*: o Menino vai nascer
Entre as lágrimas do tempo. Digam-lhe que os tempos
estão duros
Falta água, falta carne, falta às vezes o ar: há uma
angústia
Mas fora isso vai-se vivendo. Digam-lhe que é verão
no Rio
E apesar de hoje estar chovendo, amanhã certamente o
céu se abrirá de azul
Sobre as meninas de *maillot*. Digam-lhe que Cachoeiro
continua no mapa
E há meninas de *maillot*, altas e baixas, louras e morochas
E mesmo negras, muito engraçadinhas. Digam-lhe, entretanto
Que a falta de dignidade é considerável, e as perspectivas
pobres
Mas sempre há algumas, poucas. Tirante isso, vai tudo bem

No *Vermelhinho*. Digam-lhe que a menina da Caixa
Continua impassível, mas Caloca acha que ela está me-
lhorando
Digam-lhe que o Ceschiatti continua tomando chope, e eu
também
Mau grado uma avitaminose B e o fígado ligeiramente
inchado.
Digam-lhe que o tédio às vêzes é mortal; respira-se com
a mais extrema
Dificuldade; bate-se, e ninguém responde. Sem embargo
Digam-lhe que as mulheres continuam passando no alto de
seus saltos, e a moda das saias curtas
E das mangas japonêsas dão-lhes um nôvo interesse:
ficam muito ^~vocantes.
O diabo é de manhã, quando se sai para o trabalho, dá
uma tristeza, a rotina: para a tarde melhora.
Oh, digam a élle, digam a élle, a meu amigo Rubem Braga
Correspondente de guerra, 250, FEB, atualmente em al-
gum lugar da Itália
Que ainda há auroras apesar de tudo, e o espôrro das
cigarras
Na claridade matinal. Digam-lhe que o mar no Leblon
Por quanto se encontre eventualmente cocô boiando, devido
aos despejos
Continua a lavar todos os males. Digam-lhe, aliás
Que há cocô boiando por aí tudo, mas que em não havendo
marola
A gente se aguenta. Digam-lhe que escrevi uma carta terna
Contra os escritores mineiros: élle ia gostar. Digam-lhe
Que outro dia vi Elza-Simpatia-é-quase-Amor. Foi para
os Estados Unidos
E riu muito de eu lhe dizer que ela ia fazer falta à pa-
sagem carioca
Seu riso me deu vontade de beber: a tarde
Ficou tensa e luminosa. Digam-lhe que outro dia, na rua
Larga
Vi um menino em coma de fome (coma de fome soa
esquisito, parece

Que havendo coma não devia haver fome: mas havia).
Mas em compensação estive depois com o Aníbal
Que embora não dê para alimentar ninguém, é um amigo.
Digam-lhe que o Carlos
Drummond tem escrito ótimos poemas, mas eu larguei o
Suplemento
Digam-lhe que está com cara vai haver muita miséria-de-
fim-de-ano
Há, de um modo geral, uma acentuada tendência para se
beber e uma ânsia
Nas pessoas de se estrafegarem. Digam-lhe que o Com-
padre está na insulina
Mas que a Comadre está linda. Digam-lhe que de quando
em vez o Miranda passa
E ri com ar de astúcia. Digam-lhe, oh, não se esqueçam
de dizer
A meu amigo Rubem Braga, que comi camarões no *Antero*
Ovas na *Cabaça* e vatapá na *Furna*, e que tomei *plenty*
coquinho
Digam-lhe também que o Werneck prossegue enamorado,
está no tempo
De caju e abacaxi, e nas ruas
Já se perfumam os jasmíneiros. Digam-lhe que tem havido
Poucos crimes passionais em proporção ao grande número
de paixões
À sôlta. Digam-lhe especialmente
Do azul da tarde carioca, recortado
Entre o Ministério da Educação e a ABI. Não creio que
haja igual
Mesmo em Capri. Digam-lhe porém que muito o invejamos
Tati e eu, e as saudades são grandes, e eu seria muito feliz
De poder estar um pouco a seu lado, fardado de segundo
sargento. Oh
Digam a meu amigo Rubem Braga
Que às vêzes me sinto calhorda mas reajo, tenho tido
meus maus momentos
Mas reajo. Digam-lhe que continuo aquêle modesto lutador
Porém batata. Que estou perfeitamente esclarecido

E é bem capaz de nos revermos na Europa. Digam-lhe
discretamente,
Que isso seria uma alegria boa demais: que se êle
Não mandar buscar Zorinha e Roberto antes, que certa-
mente
Os levaremos conosco, que quero muito
Vê-lo em Paris, em Roma, em Bucarest. Digam, oh,
digam
A meu amigo Rubem Braga que é pena estar chovendo
aqui
Neste dia tão cheio de memórias. Mas
Que beberemos à sua saúde, e êle há de estar entre nós
O bravo Capitão Braga, seguramente o maior cronista do
Brasil
Grave em seu gorro de campanha, suas sobrancelhas e
seu bigode circunflexos
Terno em seus olhos de pescador de fundo
Feroz em seu focinho de lôbo solitário
Delicado em suas mãos e no seu modo de falar ao telefone
E brindaremos à sua figura única, à sua poesia única, à
sua revolta e ao seu cavalheirismo
Para que lá, entre as velhas paredes renascentes e os doces
montes cônicos de feno
Lá onde a cobra está fumando o seu moderado cigarro
brasileiro
Ele seja feliz também, e forte, e se lembre com saudades
Do Rio, de nós todos e ai! de mim.

BALADA DA MÔÇA DO MIRAMAR

Silêncio da madrugada
No Edifício Miramar...
Sentada em frente à janela
Nua, morta, deslumbrada
Uma môça mira o mar.

Ninguém sabe quem é ela
Nem ninguém há de saber
Deixou a porta trancada
Faz bem uns dois cinco dias
Já começa a apodrecer
Seus ambos joelhos de âmbar
Furam-lhe o branco da pele
E a grande flor do seu corpo
Destila um fétido mel.

Mantém-se extática em face
Da aurora em elaboração
Embora formigas pretas
Que lhe entram pelos ouvidos
Se escapem por umas grêtas
Do lado do coração.
Em volta é segrêdo: e móveis
Imóveis na solidão...
Mas apesar da necrose
Que lhe corrói o nariz
A môça está tão sem pose

Numa ilusão tão serena
Que, certo, morreu feliz.

A vida que está na morte
Os dedos já lhe comeu
Só lhe resta um aro de ouro
Que a morte em vida lhe deu
Mas seu cabelo de ouro
Rebrilha com tanta luz
Que a sua caveira é bela
E belo é seu ventre louro
E seus pelinhos azuis.

De noite é a lua quem ama
A môça do Miramar
Enquanto o mar tece a trama
Dêssse conúbio lunar
Depois é o sol violento
O sol batido de vento
Que vem com furor violeta
A moça violentar.

Muitos dias se passaram
Muitos dias passarão
À noite segue-se o dia
E assim os dias se vão
E enquanto os dias se passam
Trazendo a putrefação
À noite coisas se passam...
A môça e a lua se enlaçam
Ambas mortas de paixão.

Ah, morte do amor do mundo
Ah, vida feita de dar
Ah, sonhos sempre nascendo
Ah, sonhos sempre a acabar
Ah, flôres que estão crescendo
Do fundo da podridão

Ah, vermes, morte vivendo
Nas flôres ainda em botão
Ah, sonhos, ah, desesperos
Ah, desespêro de amar
Ah, vida sempre morrendo
Ah, môça do Miramar !

BALANÇO DO FILHO MORTO

Homem sentado na cadeira de balanço
Sentado na cadeira de balanço
Na cadeira de balanço
De balanço
Balanço do filho morto.

Homem sentado na cadeira de balanço
Todo o teu corpo diz que sim
Teu corpo diz que sim
Diz que sim
Que sim, teu filho está morto.

Homem sentado na cadeira de balanço
Como um pêndulo, para lá e para cá
O pescoço fraco, a perna triste
Os olhos cheios de areia
Areia do filho morto.

Nada restituirá teu filho à vida
Homem sentado na cadeira de balanço
Tua meia caída, tua gravata
Sem nó, tua barba grande
São a morte
são a morte
A morte do filho morto.

Silêncio de uma sala: e flôres murchas.
Além um pranto frágil de mulher

Um pranto... o olhar aberto sôbre o vácuo
E no silêncio a sensação exata
Da voz, do riso, do reclamo débil.
Da órbita cega os olhos dolorosos
Fogem, moles, se arrastam como lesmas
Empós a doce, inexistente marca
Do vômito, da queda, da mijada.
Do braço foge a tresloucada mão
Para afagar a imponderável luz
De um cabelo sem som e sem perfume.
Fogem da bôca lábios pressurosos
Para o beijo incolor na pele ausente.
Nascem ondas de amor que se desfazem
De encontro à mesa, à estante, à pedra mármore.
Outra coisa não há senão o silêncio
Onde com pés de gelo uma criança
Brinca, perfeitamente transparente
Sua carne de leite, rosa e talco.
Pobre pai, pobre, pobre, pobre, pobre
Sem memória, sem músculo, sem nada
Além de uma cadeira de balanço
No infinito vazio... o sofrimento
Amordaçou-te a bôca de amargura
E esbofeteou-te palidez na cara.
Ergues nos braços uma imagem pura
E não teu filho; jogas para cima
Um bocado de espaço e não teu filho
Não são cachos que sopras, porém cinzas
A asfixiar o ar onde respiras.
Teu filho é morto; talvez fôsse um dia
A pomba predileta, a glória, a messe
O teu porvir de pai; mas novo e tenro
Anjo, levou-o a morte com cuidado
Devê-lo tão pequeno e já exausto
De penar — e eis que agora tudo é morte
Em ti, não tens mais lágrimas, e amargo
É o cuspo do cigarro em tua bôca.

Mas deixa que eu te diga, homem temente
Sentado na cadeira de balanço
Eu que moro no abismo, eu que conheço
O interior da entranya das mulheres
Eu que me deito à noite com os cadáveres
E liberto as auroras do meu peito !
Teu filho não morreu ! a fé te salva
Para a contemplação da sua face
Hoje tornada a pequenina estréla
Da tarde, a jovem árvore que cresce
Em tua mão ; teu filho não morreu !
Uma eterna criança está nascendo
Da esperança de um mundo em liberdade.
Serão teus filhos, todos, homem justo
Iguais ao filho teu ; tira a gravata
Limpa a unha suja, ergue-te, faz a barba
Vai consolar tua mulher que chora...
E que a cadeira de balanço fique
Na sala, agora viva, balançando
O balanço final do filho morto.

BALADA DAS ARQUIVISTAS

Oh, jovens anjos cativos
Que as asas vos machucais
Nos armários dos arquivos !
Delicadas funcionárias
Designadas por padrões
Prisioneiras honorárias
Da mais fria das prisões
É triste ver-vos, suaves
Entre monstros impassíveis
Trancadas a sete chaves :
Oh, puras e imarcescíveis !
Dizer que vós, bem-amadas
Conservai-vos impolutas
Mesmo fazendo a juntada
De processos e minutais !
Não se amargam vossas bôcas
De índices e prefixos
Nem lembram os olhos das loucas
Vossos doces olhos fixos.
Curvai-vos para colossos
Hollerith, de aço hostil
Como se fôra arte moços
Numa pavana gentil.
Antes não classificásseis
Os maços pelos assuntos
Criando a luta de classes
Num mundo de anseios juntos !

Enfermeiras de ambições
Conheceis, mudas, a nu
O lixo das promoções
E das exonerações
A bem do serviço público.
Ó Florences Nightingale
De arquivos horizontais:
Com que zêlo alimentais
Esses eunucos letais
Que se abrem com chave yale!
Vossa linda juventude
Clama de vós, bem-amadas!
No entanto, viveis cercadas
De coisas padronizadas
Sem sexo e sem saúde...
Ah, ver-vos em primavera
Sobre papéis de ocasião
Na melancólica espera
De uma eterna certidão!
Ah, saber que em vós existe
O amor, a ternura, a prece
E saber que isso fenece
Num arquivo feio e triste!
Deixai-me carpir, crianças
A vossa imensa desdita
Prendestes as esperanças
Numa gaiola maldita.
Do fundo do meu silêncio
Eu vos incito a lutardes
Contra o Prefixo que vence
Os anjos acorrentados
E ir passear pelas tardes
De braço com os namorados.

A VERLAINE

Em memória de uma poesia
Cuja iluminação maldita
Lembra a da estréla que medita
Sôbre a putrefação do dia:

Verlaine, pobre alma sem rumo
Louco, sórdido, grande irmão
Do sangue do meu coração
Que te despreza e te comprehende
Humildemente se desprende
Esta rosa para o teu túmulo.

A BOMBA ATÔMICA

$$e = mc^2$$

Einstein

*Deusa, visão dos céus que me domina
... tu que és mulher e nada mais!
("Deusa", valsa carioca.)*

I

Dos céus descendo
Meu Deus eu vejo
De pára-quedas?
Uma coisa branca
Como uma forma
De estatuária
Talvez a fôrma
Do homem primitivo
A costela branca!
Talvez um seio
Despregado à lua
Talvez o anjo
Tutelar cadente
Talvez a Vênus
Nua, de clâmide
Talvez a inversa
Branca pirâmide
Do pensamento

Talvez o trôço
De uma coluna
Da eternidade
Apaixonado
Não sei, indago
Dizem-me todos
É A BOMBA ATÔMICA

Vem-me uma angústia

Quisera tanto
Por um momento
Tê-la em meus braços
A coma ao vento
Descendo nua
Pelos espaços
Descendo branca
Branca e serena
Como um espasmo
Fria e corrupta
Do longo sêmen
Da Via-Láctea
Deusa impoluta
O sexo abrupto
Cubo de prata
Mulher ao cubo
Caindo aos súcubos
Intemerata
Carne tão rija
De hormônios vivos
Exacerbada
Que o simples toque
Pode rompê-la
Em cada átomo
Numa explosão
Milhões de vezes
Maior que a força
Contida no ato

Ou que a energia
Que expulsa o feto
Na hora do parto.

II

A bomba atômica é triste
Coisa mais triste não há
Quando cai, cai sem vontade
Vem caindo devagar
Tão devagar vem caindo
Que dá tempo a um passarinho
De pousar nela e voar...
Coitada da bomba atômica
Que não gosta de matar!

Coitada da bomba atômica
Que não gosta de matar
Mas que ao matar mata tudo
Animal e vegetal
Que mata a vida da terra
E mata a vida do ar
Mas que também mata a guerra...
Bomba atômica que aterra!
Pomba atônica da paz!

Pomba tonta, bomba atômica
Tristeza, consolação
Flor puríssima do urânio
Desabrochada no chão
Da côr pálida do hélium
E odor de rádium fatal
Loelia mineral carnívora
Radiosa rosa radical.

Nunca mais, oh bomba atômica
Nunca, em tempo algum, jamais

Seja preciso que mates
Onde houve morte demais:
Fique apenas tua imagem
Aterradora miragem
Sobre as grandes catedrais:
Guarda de uma nova era
Arcanjo insigne da paz!

III

Bomba atômica, eu te amo! és pequenina
E branca como a estréla vespertina
E por branca eu te amo, e por donzela
De dois milhões mais bética e mais bela
Que a donzela de Orleans; eu te amo, deusa
Atroz, visão dos céus que me domina
Da cabeleira loura de platina
E das formas aerodivinas
— Que és mulher, que és mulher e nada mais!
Eu te amo, bomba atômica, que trazes
Numa dança de fogo, envolta em gazes
A desagregação tremenda que espedaça
A matéria em energias materiais!
Oh energia, eu te amo, igual à massa
Pelo quadrado da velocidade
Da luz! alta e violenta potestade
Serena! Meu amor... desce do espaço
Vem dormir, vem dormir no meu regaço
Para te proteger eu me encouraço
De canções e de estrofes magistrais!
Para te defender, levanto o braço
Paro as radiações espaciais
Uno-me aos líderes e aos bardos, uno-me
Ao povo, ao mar e ao céu brando o teu nome
Para te defender, matéria dura
Que és mais linda, mais límpida e mais pura
Que a estréla matutina! Oh bomba atômica

Que emoção não me dá ver-te suspensa
Sobre a massa que vive e se condensa
Sob a luz! Anjo meu, fôra preciso
Matar, com tua graça e teu sorriso
Para vencer? Tua enérgica poesia
Fôra preciso, oh deslembada e fria
Para a paz? Tua fragílima epiderme
Em cromáticas brancas de cristais
Rompendo? Oh átomo, oh neutrônio, oh germe
Da união que liberta da miséria!
Oh vida palpitando na matéria
Oh energia que és o que não eras
Quando o primeiro átomo inciado
Fecundou o silêncio das Esferas:
Um olhar de perdão para o passado
Uma anunciação de primaveras!

AURORA, COM MOVIMENTO

(PÔSTO 3)

A linha móvel do horizonte
Atira para cima o sol em diabolô
Os ventos de longe
Agitam docemente os cabelos da rocha
Passam em fachos o primeiro automóvel, a última
A mulher que avança
Parece criar esferas exaltadas pelo espaço
Os pescadores puxando o arrastão parecem inc
1
O cardume de botos na distância parece mover o 1

BALADA DO MORTO-VIVO

Tatiana, hoje vou contar
O caso do Inglês espírito
Ou melhor: do morto-vivo.

Diz que mesmo sucedeu
E a dona protagonista
Se quiser pode ser vista
No hospício mais relativo
Ao sítio onde isso se deu.

Diz também que é muito raro
Que por mais cético o ouvinte
Não passe uma noite em claro:
Sendo assim, por conseguinte
Se quiser diga que eu paro.

Se achar que é mentira minha
Olhe só para essa pele
Feito pele-de-galinha...

Dou início: foi nos faustos
Da borracha do Amazonas.
Às margens do rio Negro
Sobre uma balsa habitável
Um dia um casal surgiu
Ela chamada Lunalva

Formosa mulher-de-côr
Ele por alcunha Bill
Um inglês comercial
Agente da "Rubber Co.".

Mas o fato é que talvez
Por ter nascido na Escócia
E ser portanto escocês
Ninguém de Bill o chamava
Com exceção de Lunalva
Mas simplesmente de Inglês.

Tôda manhã que Deus dava
Lunalva com muito amor
Fazia um café bem quente
Depois o Inglês acordava
E o homem saía contente
Fumegando o seu cachimbo
Na sua lancha a vapor.

Tôda manhã que Deus dava.

Sòmente com o sol-das-almas
O Inglês à casa voltava.

Que coisa engraçada: espia
Como só de pensar nisso
Meu cabelo se arrepia.

Um dia o Inglês não voltou.

A janta posta, Lunalva
Até o cerne da noite
Em pé na porta esperou.

Uma eu lhe digo, Tatiana:
A lua tinha enloucado
Nesse dia da semana...
Era uma lua tão alva

Era uma lua tão fria
Que até mais frio fazia
No coração de Lunalva.

No rio negroluzente
As árvores balouçantes
Pareciam que falavam
Com seus ramos tacteantes
Tatiana, do incidente.

Um constante balbucio
Como o de alguém muito em mágoa
Parecia vir do rio.

Lunalva, num desvario
Não tirava os olhos da água.

Às vezes, dos igapós
Subia o berro animal
De algum jacaré feroz
Praticando o amor carnal
Depois caía o silêncio...

E então voltava o cochicho
Da floresta, entrecortado
Pelo rir mal-assombrado
De algum mocho excomungado
Ou pelo uivo de algum bicho.

Na porta em luzcancarada
Só Lunalva, lunalvada.

Súbito, ó Deus justiceiro!
Que é esse estranho ruído?
Que é esse escuro rumor?
Será um sapo-ferreiro
Ou é o môço meu marido
Na sua lancha a vapor?

Na treva sonda Lunalva...
Graças, meu Pai! Graças mil!
Aquêle vulto... era o Bill
A lancha... era a *Arimedalva!*

“— Ah, meu senhor, que desejo
De rever-te em casa em paz...
Que frio que está teu beijo!
Que pálido, amor, que estás!”

Efetivamente o Bill
Talvez devido à friagem
Que crepitava do rio
Voltara dessa viagem
Muito branco e muito frio.

“— Tenho nada, minha nêga
Senão fome e amor ardente
Dá-me um trago de aguardente
Traz o pão, passa a manteiga!
E aproveitando do ensejo
Me apaga êsse lampião
Estou morrendo de desejo
Amemos na escuridão!”

Embora estranhando um pouco
A atitude do marido
Lunalva tira o vestido
Semilouca de paixão.

Tatiana, naquele instante
Deitada naquela cama
Lunalva se surpreendeu
Não foi mulher, foi amante
Agiu que nem mulher-dama
Tudo o que tinha lhe deu.

No outro dia, manhãzinha
Acordando estremunhada
Lunalva soltou risada
Ao ver que não estava o Bill.

Muito Lunalva se riu
Vendo a mesa por tirar.

Indo se mirar ao espelho
Lunalva mal pôde andar
De fraqueza no joelho.

E que olhos pisados tinha !

Não rias, pobre Lunalva
Não rias, morena flor
Que a tua agora alegria
Traz a semente do horror !

Eis senão quando, no rio
Um barulho de motor.

A porta Lunalva voa
Em tempo de ver chegando
Um bando de montarias
E uns cabras dentro remando
Tudo isso acompanhando
A lancha a vapor do Bill
Com um corpo estirado à proa.

Tatiana, põe só a mão :
Escuta como dispara
De medo o meu coração.

Em frente da balsa pára
A lancha com o corpo em cima

Os caboclos se descobrem
Lunalva que se aproxima
Levanta o pano, olha a cara
E dá um medonho grito.

“— Meu Deus, o meu Bill morreu!
Por favor me diga, mestre
O que foi que aconteceu?”

E o mestre contou contado:
O Inglês caíra no rio
Tinha morrido afogado.

Quando foi?... ontem de tarde.

Diz que ninguém esqueceu
A gargalhada de louca
Que a pobre Lunalva deu.

Isso não é nada, Tatiana:
Ao cabo de nove luas
Um filho varão nasceu.

O filho que ela pariu
Diz-que, Tatiana, diz-que era
A cara escrita do Bill:

A cara escrita e escarrada...

Diz-que até hoje se escuta
O riso da louca insana
No hospício, de madrugada.

É o que lhe digo, Tatiana...

O SACRIFÍCIO DA AURORA

Um dia a Aurora chegou-se
Ao meu quarto de marfim
E com seu riso mais doce
Deitou-se junto de mim
Beijei-lhe a boca orvalhada
E a carne tímida e exangue
A carne não tinha sangue
A boca sabia a nada.

Apaixonei-me da Aurora
No meu quarto de marfim
Todo o dia à mesma hora
Amava-a só para mim
Palavras que me dizia
Transfiguravam-se em neve
Era-lhe o peso tão leve
Era-lhe a mão tão macia.

As vêzes me adormecia
No meu quarto de marfim
Para acordar, outro dia
Com a Aurora longe de mim
Meu desespéro covarde
Levava-me dia afora
Andando em busca da Aurora
Sem ver Manhã, sem ver Tarde.

Hoje, ai de mim, de cansado
Há dias que até da vida
Durmo com a Noite, ausentado
Da minha Aurora esquecida...
É que apesar de sombria
Prefiro essa grande louca
À Aurora, que além de pouca
É fria, meus Deus, é fria!

SONETO DA MULHER INÚTIL

De tanta graça e de leveza tanta
Que quando sobre mim, como a teu jeito
Eu tão de leve sinto-te no peito
Que o meu próprio suspiro te levanta.

Tu, contra quem me esbato liquefeito
Rocha branca! brancura que me espanta
Brancos seios azuis, nívea garganta
Branco pássaro fiel com que deito.

Mulher inútil, quando nas noturnas
Celebrações, naufrago em teus delírios
Tenho-te toda, branca, envolta em brumas

São teus seios tão tristes como urnas
São teus braços tão frios como lírios
É teu corpo tão leve como plumas.

O RIO

Uma gôta de chuva
A mais, e o ventre grávido
Estremeceu, da terra.

Através de antigos
Sedimentos, rochas
Ignoradas, ouro
Carvão, ferro e mármore
Um fio cristalino
Distante milênios
Partiu frágilmente
Sequioso de espaço
Em busca de luz.

Um rio nasceu.

BILHETE A BAUDELAIRE

Poeta, um pouco à tua maneira
E para distrair o *spleen*
Que estou sentindo vir a mim
Em sua ronda costumeira

Folheando-te, reencontro a rara
Delícia de me deparar
Com tua sordidez preclara
Na velha foto de Carjat

Que não revia desde o tempo
Em que te lia e te relia
A ti, a Verlaine, a Rimbaud...

Como passou depressa o tempo
Como mudou a poesia
Como teu rosto não mudou!

A MORTE DE MADRUGADA

“Muerto cayó Federico”
Antônio Machado

Uma certa madrugada
Eu por um caminho andava
Não sei bem se estava bêbado
Ou se tinha a morte n’alma
Não sei também se o caminho
Me perdia ou encaminhava
Só sei que a sede queimava-me
A boca desidratada.
Era uma terra estrangeira
Que me recordava algo
Com sua argila côr de sangue
E seu ar desesperado.
Lembro que havia uma estréla
Morrendo no céu vazio;
De uma outra coisa me lembro:
... *Un horizonte de perros*
Ladra muy lejos, del rio...

De repente reconheço:
Eram campos de Granada!
Estava em terras de Espanha
Em sua terra ensanguentada
Por que estranha providência
Não sei... não sabia nada...

Só sei da nuvém de pó
Caminhando sôbre a estrada
E um duro passo de marcha
Que em meu sentido avançava.

Como uma mancha de sangue
Abria-se a madrugada
Enquanto a estrêla morria
Numa tremura de lágrima
Sôbre as colinas vermelhas
Os galhos também choravam
Aumentando a fria angústia
Que de mim transverberava.

Era um grupo de soldados
Que pela estrada marchava
Trazendo fuzis ao ombro
E impiedade na cara
Entre êles andava um môço
De face morena e cálida
Cabelos soltos ao vento
Camisa desabotoada.
Diante de um velho muro
O tenente gritou: Alto!
E à frente conduz o môço
De fisionomia pálida.
Sem ser visto me aproximo
Daquela cena macabra
Ao tempo em que o pelotão
Se dispunha horizontal.

Súbito um raio de sol
Ao môço ilumina a face
E eu à bôca levo as mãos
Para evitar que gritasse.
Era êle, era Federico
O poeta meu muito amado

A um muro de pedra-séca
Colado, como um fantasma.
Chamei-o: Garcia Lorca!
Mas já não ouvia nada
O horror da morte imatura
Sobre a expressão estampada...
Mas que me via, me via
Porque em seus olhos havia
Uma luz mal-disfarçada.

Com o peito de dor rompido
Me quedei, paralisado
Enquanto os soldados miram
A cabeça delicada.
Assim vi a Federico
Entre dois canos de arma
A fitar-me estranhamente
Como querendo falar-me.
Hoje sei que teve medo
Diante do inesperado
E foi maior seu martírio
Do que a tortura da carne.
Hoje sei que teve medo
Mas sei que não foi covarde
Pela curiosa maneira
Com que de longe me olhava
Como quem me diz: a morte
É sempre desagradável
Mas antes morrer ciente
Do que viver enganado.

Atiraram-lhe na cara
Os vendilhões de sua pátria
Nos seus olhos andaluzes
Em sua boca de palavras.
Muerto cayó Federico
Sobre a terra de Granada

La tierra del inocente
No la tierra del culpable.
Nos olhos que tinha abertos
Numa infinita mirada
Em meio a flôres de sangue
A expressão se conservava
Como a segredar-me: — A morte
É simples, de madrugada.

O ASSASSINO

Meninas de colégio
Apenas acordadas
Desuniformizadas
Em vossos uniformes
Anjos longiformes
De faces rosadas
E pernas enormes
Quem vos acompanha?

Quem vos acompanha
Colegiais aladas
Nas longas estradas
Que vão da campanha
Às vossas moradas?
Onde está o pastor
Que vos arrebanha
Rebanho de risos?

Rebanho de risos
Que tingem o poente
Da côr impudente
Das coisas contadas
Entre tanto riso!
Meninas levadas
Não tendes juízo
Nas vossas cabeças?

Nas vossas cabeças
Como um catavento
Nem por um momento
A idéia vos passa
Do grande perigo
Que vos ameaça
E a que não dais tento
Meninas sem tino!

Pois não tendes tino
Brotos malfadados
Que aí pelos prados
Há um assassino
Que à vossa passagem
Põe olhos malvados
Por entre a folhagem...

Cuidado, meninas!

POEMA ENJOADINHO

Filhos... Filhos?
Melhor não tê-los!
Mas se não os temos
Como sabê-lo?
Se não os temos
Que de consulta
Quanto silêncio
Como os queremos!
Banho de mar
Diz que é um porrete...
Cônjugue voa
Transpõe o espaço
Engole água
Fica salgada
Se iodifica
Depois, que boa
Que morenaço
Que a espôsa fica!
Resultado: filho.
E então começa
A aporrinhação:
Cocô está preto
Cocô está branco
Bebe amoníaco
Comeu botão.
Filhos? Filhos
Melhor não tê-los

Noites de insônia
Cãs prematuras
Prantos convulsos
Meu Deus, salvai-o!
Filhos são o demônio
Melhor não tê-los...
Mas se não os temos
Como sabê-lo?
Como saber
Que macieza
Nos seus cabelos
Que cheiro morno
Na sua carne
Que gôsto doce
Na sua boca!
Chupam gilete
Bebem *shampoo*
Ateiam fogo
No quarteirão
Porém, que coisa
Que coisa louca
Que coisa linda
Que os filhos são!

SONETO DO SÓ
OU
PARÁBOLA DE MALTE LAURIDS BRIGGE

Depois foi só. O amor era mais nada
Sentiu-se pobre e triste como Jó
Um cão veio lamber-lhe a mão na estrada
Espantado parou. Depois foi só.

Depois veio a poesia ensimesmada
Em espelhos. Sofreu de fazer dó
Viu a face do Cristo ensanguentada
Da sua, imagem — e orou. Depois foi só.

Depois veio o verão e veio o medo
Desceu de seu castelo até o rochedo
Sobre a noite e do mar lhe veio a voz

A anunciar os anjos sanguinários
Depois cerrou os olhos solitários
E só então foi totalmente a sós.

A PÊRA

Como de cêra
E por acaso
Fria no vaso
A entardecer

A pêra é um pomo
Em holocausto
À vida, como
Um seio exausto

Entre bananas
Supervenientes
E maçãs lhanas

Rubras, contentes
A pobre pêra:
Quem manda ser a?

A PAIXÃO DA CARNE

Envolto em toalhas
Frias, pego ao colo
O corpo escaldante.
Tem apenas dois anos
E embora não fale
Sorri com doçura.
É Pedro, meu filho
Sêmen feito carne
Minha criatura
Minha poesia.
É Pedro, meu filho
Sobre cujo sono
Como sobre o abismo
Em noites de insônia
Um pai se debruça.
Olho no termômetro:
Quarenta e oito décimos
E através do pano
A febre do corpo
Bafeja-me o rosto
Penetra-me os ossos
Desce-me às entranhas
Úmida e voraz.
Angina pultácea
Estreptocócica?
Quem sabe... quem sabe...
Aperto meu filho

Com fôrça entre os braços
Enquanto crisálidas
Em mim se desfazem
Óvulos se rompem
Crostas se bipartem
E de cada poro
Da minha epiderme
Lutam lepidópteros
Por se libertar.
Ah, que eu já sentisse
Os êxtases máximos
Da carne nos rasgos
Da paixão espúria !
Ah, que eu já bradasse
Nas horas de exalta-
Ção os mais lancinantes
Gritos de loucura !
Ah, que eu já queimasse
Da febre mais quente
Que jamais queimasse
A humana criatura !
Mas nunca como antes
Nunca ! nunca ! nunca !
Nem paixão tão alta
Nem febre tão pura.

A AUSENTE

Amiga, infinitamente amiga

Em algum lugar teu coração bate por mim

Em algum lugar teus olhos se fecham à idéia dos meus

Em algum lugar tuas mãos se crispam, teus seios

Se enchem de leite, tu desfaleces e caminhas

Como que cega ao meu encontro...

Amiga, última doçura

A tranqüilidade suavizou a minha pele

E os meus cabelos. Só meu ventre

Te espera, cheio de raízes e de sombras.

Vem, amiga

Minha nudez é absoluta

Meus olhos são espelhos para o teu desejo

E meu peito é tábua de suplícios

Vem. Meus músculos estão doces para os teus dentes

E áspera é minha barba. Vem mergulhar em mim

Como no mar, vem nadar em mim como no mar

Vem te afogar em mim, amiga minha

Em mim como no mar...

A ROSA DE HIROSHIMA

Pensem nas crianças
Mudas telepáticas
Pensem nas meninas
Cegas inexatas
Pensem nas mulheres
Rotas alteradas
Pensem nas feridas
Como rosas cálidas
Mas oh não se esqueçam
Da rosa da rosa
Da rosa de Hiroshima
A rosa hereditária
A rosa radioativa
Estúpida e inválida
A rosa com cirrose
A anti-rosa atômica
Sem côr sem perfume
Sem rosa sem nada.

SONETO A SERGEI MIKHAILOVITCH EISENSTEIN

Pelas auroras immobilizadas
No instante anterior; pelos gerais
Milagres da matéria; pela paz
Da matéria; pelas transfiguradas

Faces da História; pelo conteúdo
Da História e em nome de seus grandes idos
Pela correspondência dos sentidos
Pela vida a pulsar dentro de tudo

Pelas nuvens errantes; pelos montes
Pelos inatingíveis horizontes
Pelos sons; pelas côres; pela voz

Humana; pelo Velho e pelo Nôvo
Pelo misterioso amor do povo
Spasibo, tovarishch. Khoroshó.

PÁTRIA MINHA

A minha pátria é como se não fôsse, é íntima
Doçura e vontade de chorar; uma criança dormindo
É minha pátria. Por isso, no exílio
Assistindo dormir meu filho
Choro de saudades de minha pátria.

Se me perguntarem o que é a minha pátria, direi:
Não sei. De fato, não sei
Como, porque e quando a minha pátria
Mas sei que a minha pátria é a luz, o sal e a água
Que elaboram e liquefazem a minha mágoa
Em longas lágrimas amargas.

Porque te amo tanto, pátria minha, eu que não tenho
Pátria, eu semente que nasci do vento
Eu que não vou e não venho, eu que permaneço
Em contacto com a dor do tempo, eu elemento
De ligação entre a ação e o pensamento

Eu fio invisível no espaço de todo o adeus
Eu, o sem Deus!

Tenho-te no entanto em mim como um gemido
De flor; tenho-te como um amor morrido
A quem se jurou; tenho-te como uma fé
Sem dogma; tenho-te em tudo em que não me sinto a jeito
Nesta sala estrangeira com lareira
E sem pé-direito.

Ah, pátria minha, lembra-me uma noite no Maine, Nova
Inglaterra

Quando tudo passou a ser infinito e nada terra
E eu vi *alfa* e *beta* de Centauro escalarem o monte até
o céu
Muitos me surpreenderam parado no campo sem luz
À espera de ver surgir a Cruz do Sul
Que eu sabia, mas amanheceu...

Fonte de mel, bicho triste, pátria minha
Amada, idolatrada, salve, salve!
Que mais doce esperança acorrentada
O não poder dizer-te: aguarda...
Não tardo!

Quero rever-te, pátria minha, e para
Rever-te me esqueci de tudo
Fui cego, estropiado, surdo, mudo
Vi minha humilde morte cara a cara
Rasguei poemas, mulheres, horizontes
Fiquei simples, sem fontes.

Pátria minha... A minha pátria não é florão, nem ostenta
Lábaro não; a minha pátria é desolação
De caminhos, a minha pátria é terra sedenta
E praia branca; a minha pátria é o grande rio secular
Que bebe nuvem, come terra
E urina mar.

Mais do que a mais garrida a minha pátria tem
Uma quentura, um querer bem, um bem
Um *libertas quae sera tamen*
Que um dia traduzi num exame escrito:
“Liberta que serás também”
E repito!

Ponho no vento o ouvido e escuto a brisa
Que brinca em teus cabelos e te alisa
Pátria minha, e perfuma o teu chão...
Que vontade me vem de adormecer-me
Entre teus doces montes, pátria minha
Atento à fome em tuas entranhas
E ao batuque em teu coração.

Não te direi o nome, pátria minha
Teu nome é pátria amada, é patriazinha
Não rima com mãe gentil
Vives em mim como uma filha, que és
Uma ilha de ternura: a Ilha
Brasil, talvez.

Agora chamarei a amiga cotovia
E pedirei que peça ao rouxinol do dia
Que peça ao sabiá
Para levar-te presto este avograma:
“Pátria minha, saudades de quem te ama...
Vinicius de Moraes”.

O CROCODILO

O crocodilo que do Nilo
Ainda apavora a cristandade
Pode ser dócil como o filho
Que chora ao ver-se desamado

Mas nunca como êle injusto
Que se ergue hediondo de manhã
E vai e espeta um grampo justo
No umbigo de sua própria mãe.

O crocodilo espreita a garça
Sim, mas por fome, e se restringe
Mas e o filho, que à pobre ave
Acompanha no Y do estilingue?

A lama pode ser um berço
Para um crocodiliano
No entanto o filho come o estérco
Apenas porque a mãe diz não.

Tem o crocodilo um amigo
Num pássaro que lhe palita
Os dentes e o alerta ao perigo:
Mas no filho, quem acredita?

O filho sai e esquece a mãe
E insulta o outro e o outro o insulta

É ver o simples caimão
Que nunca diz: filho da puta!

O crocodilo tem um sestro
De cio: guia-se pelo olfato
Mas o filho pratica o incesto
Absolutamente *ipso-facto*.

Chamam ao pequeno crocodilo
Paleosuchus palpebrosus
Porém o que me admira é o filho
Que vive em pálpebras de ócio.

O filho é um monstro. E uma vos digo
Ainda por píssico me tornem:
Nunca verei um crocodilo
Chorando lágrimas de homem.

HISTÓRIA PASSIONAL, HOLLYWOOD, CALIFÓRNIA

Preliminarmente telegrafar-te-ei uma dúzia de rosas
Depois levar-te-ei a comer um *shop-suey*
Se a tarde também fôr loura abriremos a capota
Teus cabelos ao vento marcarão oitenta milhas.

Dar-me-ás um beijo com batom marca indelével
E eu pegarei tua coxa rija como a madeira
Sorrirás para mim e eu porei óculos escuros
Ante o brilho de teus dois mil dentes de esmalte.

Mascaremos cada um uma caixa de goma
E iremos ao *Chinese* cheirando a hortelã-pimenta
A cabeça no meu ombro sonharás duas horas
Enquanto eu me divirto no teu seio de arame.

De novo no automóvel perguntarei se queres
Me dirás que tem tempo e me darás um abraço
Tua fome reclama uma salada mista
Verei teu rosto através do suco de tomate.

Te ajudarei cavalheiro com o abrigo de chinchila
Na saída constatarei tuas *nylons* 57
Ao andares, algo em ti range em dó sustenido
Pelo andar em que vais sei que queres dançar rumba.

Beberás vinte uísques e ficarás mais terna
Dançando sentirei tuas pernas entre as minhas

Cheirarás levemente a cachorro lavado
Possuis cem rotações de quadris por minuto.

De novo no automóvel perguntarei se queres
Me dirás que hoje não, amanhã tens filmagem
Fazes a cigaretteira num clube de má fama
E há uma cena em que vendes um maço a George Raft.

Telegrafar-te-ei então uma orquídea sexuada
No escritório esperarei que tomes sal de frutas
Vem-te um súbito desejo de comida italiana
Mas queres deitar cedo, tens uma dor de cabeça!

À porta de tua casa perguntarei se queres
Me dirás que hoje não, vais ficar dodói mais tarde
De longe acenarás um adeus utilíssimo
Ao constatares que estou com a bateria gasta.

Dia seguinte esperarei com o rádio do carro aberto
Te chamando mentalmente de galinha e outros nomes
Virás então dizer que tens comida em casa
De amental abrirei latas e enxugarei pratos.

Tua mãe perguntará se há muito que sou casado
Direi que há cinco anos e ela fica calada
Mas como somos moços, precisamos divertir-nos
Sairemos de automóvel para uma volta rápida.

No alto de uma colina perguntar-te-ei se queres
Me dirás que nada feito, estás com uma dor do lado
Nervosos meus cigarros se fumarão sózinhos
E acabo machucando os dedos na tua cinta.

Dia seguinte vens com um suéter elástico
Sapatos mocassim e meia curta vermelha
Te levo pra dançar um ligeiro *jitterbug*
Teus vinte deixam os meus trinta e poucos cansados.

Na saída te vem um desejo de boliche
Jogas na perfeição, flertando o môço ao lado
Dás o telefone a êle e perguntas se me importo
Finjo que não me importo e dou saída no carro.

Estás louca para tomar uma coca gelada
Debruças-te sobre mim e me mordes o pescoço
Passo de leve a mão no teu joelho ossudo
Perdido de repente numa grande piedade.

Depois pergunto se queres ir ao meu apartamento
Me matas a pergunta com um beijo apaixonado
Dou um sóco na perna e aperto o acelerador
Finges-te de assustada e falas que dirijo bem.

Que é daquele perfume que eu te tinha prometido?
Compro o Chanel 5 e acrescento um bilhete gentil
Hoje vou lhe pagar um jantar de vinte dólares
E se ela não quiser, juro que não me responsabilizo...

Vens cheirando a lilás e com saltos, meu Deus, tão altos
Que eu fico lá em baixo e com um ar avacalhado
Dás ordens ao garçom de caviar e champanha
Depois arrotas de leve me dizendo *I beg your pardon.*

No carro distraído deixo a mão na tua perna
Depois vou te levando para o alto de um morro
Em cima tiro o anel, quero casar contigo
Dizes que só acedes depois do meu divórcio.

Balbucio palavras desconexas e esdrúxulas
Quero romper-te a blusa e mastigar-te a cara
Não tens medo nenhum dos meus loucos arroubos
E me destroncas o dedo com um golpe de jiu-jitsu.

Depois tiras da bolsa uma caixa de goma
E mascas furiosamente dizendo barbaridades

Que é que eu penso que és, se não tenho vergonha
De fazer tais propostas a uma môça solteira.

Balbucio uma desculpa e digo que estava pensando...
Falas que eu pense menos e me fazes um agrado
Me pedes um cigarro e riscas o fósforo com a unha
E eu fico boquiaberto diante de tanta habilidade.

Me pedes para te levar a comer uma salada
Mas de súbito me vem uma consciência estranha
Vejo-te como uma cabra pastando sobre mim
E odeio-te de ruminares assim a minha carne.

E então fico possesto, dou-te um murro na cara
Destruo-te a carótida a violentas dentadas
Ordenho-te até o sangue escorrer entre meus dedos
E te posso assim, morta e desfigurada.

Depois arrependido choro sobre o teu corpo
E te enterro numa vala, minha pobre namorada...
Fujo mas me descobrem por um fio de cabelo,
E seis meses depois morro na câmara de gás.

EPITALÂMIO

Esta manhã a casa madruguei.
Havia elfos alados nos gelados
Raios de sol da sala quando entrei.
Sentada na cadeira de balanço
Resplendente, uma fada balançava-se
Numa poça de luz. Minha chegada
Gigantesca assustou os gnomos mínimos
Que vertiginosamente se escoaram
Pelas frinhas dos rodapés. A estranha
Presença matinal do ser noturno
Desencadeou no cerne da matéria
O entusiasmo dos átomos. Coraram
Os móveis decapês, tremeram os vidros
Estalaram os armários de alegria.
Eram os claros cristais de luz tão frágeis
Que ao tocar um, desfez-se nos meus dedos
Em poeira translúcida, vibrando
Tremulinas e harpejos inefáveis.
Era o inverno, ainda púbere. Bebi
Sôfregamente um grande copo de ar
E recitei o meu epitalâmio.
Nomes como uma flor, uma explosão
De flor, vieram da infância envoltas em trevas
Penetrados de vozes. Num segundo
Pensei ver o meu próprio nascimento
Mas fui, tive medo. Não deveria
A poesia...

Tão extremo era o transe matutino
Que pareceu-me haver perdido o peso
E esquecido dos meus trinta e quatro anos
Da clássica ruptura do menisco
E das demais responsabilidades
Pus-me a correr à volta do sofá
Atrás de prima Alice, a que morreu
De consumção e me deixava triste.
Infelizmente acrecentei em quilos
E logo me cansei; mas as asinhas
Nos calcanhares eram bimotores
A querer arrancar. Pé ante pé
Fui esconder-me atrás da geladeira
O corpo em bote, os olhos em alegria
Para esperar a entrada de Maria
A empregada da Ilha, também morta
Mas de doença de homem — que era aquela
Confusão de querer-se e malquerer-se
Aquela multiplicação de seios
Aquêle desperdício de saliva
E mãos transfixiantes, nomes feios
E massas pouco a pouco se encaixando
Em decúbito, até a grande inércia
Cheia de mar (Maria era mulata!).
Depois foi Nina, a plácida menina
Dos pulcros atos sem concupiscência
Que me surgiu. Mandava-me missivas
Cifradas que eu, terrível flibusteiro
Escondia no muro de uma casa
(Esqueci de que casa...) Mas surpresa
Foi quando vi Alba surgir da aurora
Alba, a que me deixou examiná-la
Grande obstetra, com a lente de aumento
Dos textos em latim de meu avô
Alba, a que amava as lagartixas sécas
Alba, a ridícula, morta de crupe.
Milagre da manhã recuperada!
A infância! Sombra, és tu? Até tu, Sombra...

Sombra, contralto, entre os paralelepípedos
Do coradouro do quintal. Oh, tu
Que me violaste, negra, sobre o linho
Muito obrigado, tenebroso Arcanjo
De ti me lembrei! Bom dia, Linda
Como estás bela assim descalça, Linda
Vem comigo nadar! o mar é agora
A piscina de Onã, de lôdo e alga...
Quantos cajus tu me roubaste, feia
Quanto silêncio em teus carinhos, Linda
Longe, nas águas... Sim! é a minha casa
É a minha casa, sim, a um grito apenas
Da praia! Alguém me chama, é a gaivota
Branca, é Marina! (A doida já chegava
Desabotoando o corpete de menina...)
Marina, como vais, jovem Marina
Deslembbrada Marina... Vejo Vândala
A rústica, a operária, a compulsória
Que nos levava aos dez para os baldios
Da Fábrica, e como aos bilros, hábil
Aos dez de uma só vez manipulava
Em francas gargalhadas, e dizia
De mim: Ai, que êste é o mais levado!
(Pela mulher, sim, Vândala, obrigado...)
E tu, Santa, casada, que me deste
O Coração, pôsto que de De Amicis
Tu que calçavas longamente as meias
Pretas que me tiraram o mês à treva
E às aranhas... some, jetatura
Masturbação, desassossêgo, insônia!
Mas tu, pequena Maja, sé bem-vinda:
Lembra-me tuas tranças; recitavas
Fazias ponto-à-jour, tocavas piano
Pequena Mája... Foi preciso um ano
De namôro fechado, irmão presente
Para me dares, louco, de repente
Tua mão, como um pássaro assustado.
No entanto te esqueci ao ver Altiva

Princesa absurda, cega, surda e muda
Ao meu amor, embora me adorando
De adoração tão pura. Tua cítara
Me ensinou um ódio estúpido à *Elegia*
De Massenet. Confesso, dispensava a cítara
Ia bebê desesperado. Mas
Foi contigo, Suave, que o poeta
Aprendeu o sentido da humildade.
Estavas sempre à mão. Telefonava:
Vamos? Vinhas. Inda virias. Tinhas
Um riso triste. Foi o nada quereres
Que tão pouco te deu, tristonha ave...
Quanta melancolia! No cenário
Púrpura, surges, Pútrida, luética
Deusa amarela, circunscrita imagem...
Obrigado no entanto pelos êxtases
Aparentes; lembro-me que brilhava
Na treva antropofágica teu dente
De ouro, como um fogo em terra firme
Para o homem a nadar-te, extenuado.
Mas que não fuja ainda a enunciada
Visão... Clélia, adeus minha Clélia, adeus!
Vou partir, pobre Clélia, navegar
No verde mar... vou me ausentar de ti!
Vejo chegar alguém que me procura
Alguém à porta, alguma desgraçada
Que se perdeu, a voz no telefone
Que não sei de quem é, a com que moro
É a que morreu... Quem és, responde!
És tu a mesma em tôdas renovada?

SOU EU! SOU EU! SOU EU! SOU EU!
SOU EU!

CONJUGAÇÃO DA AUSENTE

Foram precisos mais dez anos e oito quilos
Muitas cãs e um princípio de abdômen
(Sem falar na Segunda Grande Guerra, na descoberta da
penicilina e na desagregação do átomo)
Foram precisos dois filhos e sete casas
(Em lugares como São Paulo, Londres, Cascais, Ipanema
e Hollywood)
Foram precisos três livros de poesia e uma operação de
apendicite
Algumas prevaricações e um *exequatur*
Fóra preciso a aquisição de uma consciência política
E de incontáveis garrafas; fóra preciso um desastre de
avião
Foram precisas separações, tantas separações
Uma separação...

Tua graça caminha pela casa.
Moves-te blindada em abstrações, como um T. Trazes
A cabeça enterrada nos ombros qual escura
Rosa sem haste. És tão profundamente
Que irrelevas as coisas, mesmo do pensamento.
A cadeira é cadeira e o quadro é quadro
Porque te participam. Fora, o jardim
Modesto como tu, murcha em antúrios
A tua ausência. As folhas te outonam, a grama te
Quer. És vegetal, amiga...
Amiga! direi baixo o teu nome

Não ao rádio ou ao espelho, mas à porta
Que te emoldura, fatigada, e ao
Corredor que pára
Para te andar, adunca, inútilmente
Rápida. Vazia a casa
Raíos, no entanto, dêsse olhar sobejo
Oblíquos cristalizam tua ausência.
Vejo-te em cada prisma, refletindo
Diagonalmente a múltipla esperança
E te amo, te venero, te idolatro
Numa perplexidade de criança.

O FILHO DO HOMEM

O mundo parou
A estréla morreu
No fundo da treva
O infante nasceu.

Nasceu num estábulo
Pequeno e singelo
Com boi e charrua
Com foice e martelo.

Ao lado do infante
O homem e a mulher
Uma tal Maria
Um José qualquer.

A noite o fêz negro
Fogo o avermelhou
A aurora nascente
Todo o amarelou.

O dia o fêz branco
Branco como a luz
À falta de um nome
Chamou-se Jesus.

Jesus pequenino
Filho natural
Ergue-te, menino
É triste o Natal.

Natal de 1947

SONETO DE ANIVERSÁRIO

Passem-se dias, horas, meses, anos
Amadureçam as ilusões da vida
Prossiga ela sempre dividida
Entre compensações e desenganos

Faça-se a carne mais envilecida
Diminuam os bens, cresçam os danos
Vença o ideal de andar caminhos planos
Melhor que levar tudo de vencida

Queira-se antes ventura que aventura
À medida que a témporta embranquece
E fica tenra a fibra que era dura

E eu te direi: amiga minha, esquece...
Que grande é este amor meu de criatura
Que vê envelhecer e não envelhece.

POÉTICA

De manhã escureço
De dia tardo
De tarde anoiteço
De noite ardo.

A oeste a morte
Contra quem vivo
Do sul cativo
O este é meu norte.

Outros que contem
Passo por passo:
Eu morro ontem

Nasço amanhã
Ando onde há espaço
— Meu tempo é quando.

ELEGIA NA MORTE DE CLODOALDO PEREIRA DA SILVA MORAES, POETA E CIDADÃO

A morte chegou pelo interurbano em longas espirais
metálicas.

Era de madrugada. Ouvi a voz de minha mãe, viúva.
De repente não tinha pai.

No escuro de minha casa em Los Angeles procurei re-
compor tua lembrança

Depois de tanta ausência. Fragmentos da infância
Boiaram do mar de minhas lágrimas. Vi-me eu menino
Correndo ao teu encontro. Na ilha noturna
Tinham-se apenas acendido os lampiões a gás, e a clarineta
De Augusto geralmente procrastinava a tarde.

Era belo esperar-te, cidadão. O bondinho
Rangia nos trilhos a muitas praias de distância
Dizíamos: "E-vem meu pai!". Quando a curva
Se acendia de luzes semoventes, ah, corríamos
Corríamos ao teu encontro. A grande coisa era chegar
antes

Ser marraio em teus braços, sentir por último
Os doces espinhos da tua barba.

Trazias de então uma expressão indizível de fidelidade e
paciência

Teu rosto tinha os sulcos fundamentais da doçura
De quem se deixou ser. Teus ombros possantes
Se curvavam como ao peso da enorme poesia

Que não realizaste. O barbante cortava teus dedos
Pesados de mil embrulhos: carne, pão, utensílios
Para o cotidiano (e freqüentemente o binóculo
Que vivias comprando e com que te deixavas horas inteiras
Mirando o mar). Dize-me, meu pai
Que viste tantos anos através do teu óculo de alcance
Que nunca revelaste a ninguém?
Vencias o percurso entre a amendoeira e a casa como o
atleta exausto no último lance da maratona.
Te grimpávamos. Eras penca de filho. Jamais
Uma palavra dura, um rosnar paterno. Entravas a casa
humilde
A um gesto do mar. A noite se fechava
Sobre o grupo familiar como uma grande porta espessa.

Muitas vezes te vi desejar. Desejavas. Deixavas-te olhando
o mar
Com mirada de argonauta. Teus pequenos olhos feios.
Buscavam ilhas, outras ilhas... — as imaculadas, inaces-
síveis
Ilhas do Tesouro. Querias. Querias um dia aportar
E trazer — depositar aos pés da amada as jóias fulgurantes
Do teu amor. Sim, fôste descobridor, e entre êles
Dos mais provectos. Muitas vezes te vi, comandante
Comandar, batido de ventos, perdido na fosforência
De vastos e noturnos oceanos
Sem jamais.

Deste-nos pobreza e amor. A mim me deste
A suprema pobreza — o dom da poesia — e a capacidade
de amar
Em silêncio. Fôste um pobre. Mendigavas nosso amor
Em silêncio. Fôste um no lado esquerdo. Mas
Teu amor inventou. Financiaste uma lancha

Movida a água: foi reta para o fundo. Partiste um dia
Para um brasil além, garimpeiro sem medo e sem mácula.
Doze luas voltaste. Tua primogênita — diz-se
Não te reconheceu. Trazias grandes barbas e pequenas
águas-marinhas.

Não eram, meu pai. A mim me deste
Águas marinhas grandes, povoadas de estrélas, ouriços
E guaiamus gigantes. A mim me deste águas marinhas
Onde cada concha carregava uma pérola. As águas ma-
rinhas que me deste
Foram meu primeiro leito nupcial.

Eras, meu pai morto
Um grande Clodoaldo
Capaz de sonhar
Melhor e mais alto
Precursor do binômio
Que reverteria
Ao nome original
Semente do sêmen
Revolucionário
Gentil-homem insigne
Poeta e funcionário
Sempre preterido
Nunca titular
Neto de Alexandre
Filho de Maria
Conjuge de Lídia
Pai da Poesia.

Diante de ti homem não sou, não quero ser. És pai do
menino que eu fui.
Entre minha barba viva e a tua morta, todavia crescendo
Há um toque irrealizado. No entanto, meu pai

Quantas vêzes ao ver-te dormir na cadeira de balanço de muitas salas
De muitas casas de muitas ruas
Não beiei-te em meu pensamento! Já então teu sono
Prenunciava o morto que és, e minha angústia
Buscava ressuscitar-te. Ressuscitavas. Teu olhar
Vinha de longe, das cavernas imensas do teu amor, aflito
Como a querer defender. Vias-me e sossegavas.
Pouco nos dizíamos: "Como vai". Como vais, meu pobre pai
No teu túmulo? Dormes, ou te deixas
A contemplar acima — que eu me lembro! — perdido
Na decifração de como ser?
Ah, dor! Como quisera
Ser de novo criança em teus braços e ficar admirando tuas mãos!
Como quisera escutar-te de novo cantar criando em mim
A atonia do passado! Quantas baladas, meu pai
E que lindas! Quem te ensinou as doces cantigas
Com que embalavas meu dormir? Voga sempre o leve batel
A resvalar macio pelas correntezas do rio da paixão?
Prosseguem as donzelas em êxtase na noite à espera da barquinha
Que busca o seu adeus? E continua a rosa a dizer à brisa
Que já não mais precisa os beijos seus?
Calaste-te, meu pai. No teu ergástulo
A voz não é — a voz com que me apresentavas aos teus amigos:
"Esse é meu filho FULANO DE TAL". E na maneira
De dizê-lo — o vôo, o beijo, a bênção, a barba
Dura rocegando a pele, ai!

Tua morte, como tôdas, foi simples.
É coisa simples a morte. Dói, depois sossega. Quando sossegou —
Lembre-me que a manhã raiava em minha casa — já te havia eu

Recuperado totalmente: tal como te encontras agora, vestido de mim.

Não és, como não serás nunca para mim
Um cadáver sob um lençol.

És para mim aquêle de quem muitos diziam: "É um poeta..."

Poeta fôste, e és, meu pai. A mim me deste
O primeiro verso à namorada. Furtei-o
De entre teus papéis: quem sabe onde andará... Fui
também
Verso teu: lembro ainda hoje o sonêto que escreveste
celebrando-me
No ventre materno. E depois, muitas vêzes
Vi-te na rua, sem que me notasses, transeunte
Com um ar sempre mais ansioso do que a vida. Levava-te
a ambição
De descobrir algo precioso que nos dar.

Por tudo o que não nos deste
Obrigado, meu pai.

Não te direi adeus, de vez que acordaste em mim
Com uma exatidão nunca sonhada. Em mim geraste
O Tempo: aí tens meu filho, e a certeza
De que, ainda obscura, a minha morte dá-lhe vida
Em prosseguimento à tua; aí tens meu filho
E a certeza de que lutarei por êle. Quando o viste a

última vez

Era um menininho de três anos. Hoje cresceu
Em membros, palavras e dentes. Diz de ti, bilingüe:
"Vovô *was always teasing me...*"

É meu filho, teu neto. Deste-lhe, em tua digna humildade
Um caminho: o meu caminho. Marcha êle na vanguarda
do futuro
Para um mundo em paz: o teu mundo — o único em que
soubeste viver; aquêle que entre lágrimas,
cantos e martírios, realizaste à tua volta.

DESERT HOT SPRINGS

Na piscina pública de Desert Hot Springs
O homem, meu heróico semelhante
Arrasta pelo ladrilho deformidades insolúveis.
Nesta, como em outras lutas
Sua grandeza reveste-se de uma humilde paciência
E a dor física esconde sua ridícula pantomima
Sob a aparência de unhas feitas, lábios pintados e outros
artifícios de vaidade.

Macróbios espetaculares
Espapaçam ao sol as juntas espinhosas como cactos
Enquanto adolescências deletérias passeiam nas águas
balsâmicas

Seus corpos, ah, seus corpos incapazes de nunca amar.
As cálidas águas minerais
Com que o deserto impôs às Câmaras de Comércio
Sua dura beleza outramente inhabitável
Acariciam aleivosamente seios deflatados
Pernas esquálidas, gótico americano
De onde protuberam dolorosas cariatides patológicas.
As bordas da piscina
A velhice engruvinhada morcega em posições fetais
Enquanto a infância incendida atira-se contra o azul
Estilhaçando gotas luminosas e libertando rictos
De faces mumificadas em sofrimentos e lembranças.
A Paralisia Infantil, a quem foi poupada um rosto talvez
belo
Inveja, de seu líquido nicho, a Asma tensa e esquelética

Mas que conseguiu despertar o interesse do Reumatismo
Deformante.
Deitado num banco de pedra, a cabeça no colo de sua mãe,
o olhar infinitamente ausente
Um *blue boy* extingue em longas espirais invisíveis
A cera triste de sua matéria inacabada — a culpa here-
ditária
Transformou a môça numa boneca sem cabimento.
O banhista, atlético e saudável
Recolhe periódicamente nos braços os despojos daquelas
vidas
Coloca-os em suas cadeiras de rodas, devolve-os a guar-
diães expectantes
E lá se vão êles a enfrentar o que resta de mais um dia
E dos abismos da memória, sentados contra o deserto
O grande deserto nu e só, coberto de calcificações anô-
malas
E arbustos ensimesmados; o grande deserto antigo e áspido
Testemunha das origens; o grande deserto em luta per-
manente contra a morte
Habitado por plantas e bichos que ninguém sabe como
vivem
Varado por ventos que vêm ninguém sabe donde.

RETRATO, À SUA MANEIRA

Magro entre pedras
Calcáreas possível
Pergaminho para
A anotação gráfica

O grafito Grave
Nariz poema o
Fêmur fraterno
Radigrafável a

Olho nu Árido
Como o deserto
E além Tu
Irmão tótem aedo

Exato e provável
No friso do tempo
Adiante Ave
Camarada diamante!

A HORA INTIMA

Quem pagará o entérro e as flôres
Se eu me morrer de amôres?
Quem, dentre amigos, tão amigo
Para estar no caixão comigo?
Quem, em meio ao funeral
Dirá de mim: — Nunca fêz mal...
Quem, bêbado, chorará em voz alta
De não me ter trazido nada?
Quem virá despatar pétalas
No meu túmulo de poeta?
Quem jogará timidamente
Na terra um grão de semente?
Quem elevará o olhar covarde
Até a estréla da tarde?
Quem me dirá palavras mágicas
Capazes de empalidecer o mármore?
Quem, oculta em véus escuros
Se crucificará nos muros?
Quem, macerada de desgôsto
Sorrirá: — Rei morto, rei pôsto...
Quantas, debruçadas sobre o báratro
Sentirão as dôres do parto?
Qual a que, branca de receio,
Tocará o botão do seio?
Quem, louca, se jogará de bruços
A soluçar tantos soluços
Que há de despertar receios?

Quantos, os maxilares contraídos
O sangue a pulsar nas cicatrizes
Dirão: — Foi um doido amigo...
Quem, criança olhando a terra
Ao ver movimentar-se um verme
Observará um ar de critério?
Quem, em circunstância oficial
Há de propor meu pedestal?
Quais os que, vindos da montanha
Terão circunspeção tamanha
Que eu hei de rir branco de cal?
Qual a que, o rosto sulcado de vento
Lançará um punhado de sal
Na minha cova de cimento?
Quem cantará canções de amigo
No dia do meu funeral?
Qual a que não estará presente
Por motivo circunstancial?
Quem cravará no seio duro
Uma lâmina enferrujada?
Quem, em seu verbo inconsútil
Há de orar: — Deus o tenha em sua guarda.
Qual o amigo que a sós consigo
Pensará: — Não há de ser nada...
Quem será a estranha figura
A um tronco de árvore encostada
Com um olhar frio e um ar de dúvida?
Quem se abraçará comigo
Que terá de ser arrancada?

Quem vai pagar o entérro e as flôres
Se eu me morrer de amôres?

MENINO MORTO PELAS LADEIRAS DE OURO-PRÊTO

Hoje a pátina do tempo cobre também o céu de outono
Para o teu enterrro de anjinho, menino morto
Menino morto pelas ladeiras de Ouro-Prêto.
Berçam-te o sono essas velhas pedras por onde se esforça
Teu caixãozinho trêmulo, aberto em branco e rosa.
Nem rosas para o teu sono, menino morto
Menino morto pelas ladeiras de Ouro-Prêto.
Nem rosas para colorir teu rosto de céra
Tuas mãozinhas em prece, teu cabelo louro cortado rente...
Abre bem teus olhos opacos, menino morto
Menino morto pelas ladeiras de Ouro-Prêto:
Acima de ti o céu é antigo, não te comprehende.
Mas logo terás, no Cemitério das Mercês-de-Cima
Caramujos e gongolos da terra para brincar como gostavas
Nos baldios do velho córrego, menino morto
Menino morto pelas ladeiras de Ouro-Prêto.
Ah, pequenino cadáver a mirar o tempo
Que doçura a tua; como saíste do meu peito
Para esta negra tarde a chover cinzas...
Que miséria a tua, menino morto
Que pobrinhos os garotos que te acompanham
Empunhando flôres do mato pelas ladeiras de Ouro-
-Prêto...
Que vazio restou o mundo com a tua ausência...
Que silentes as casas... que desesperado o crepúsculo
A desfolhar as primeiras pétalas de treva...

POEMA DOS OLHOS DA AMADA

Ó minha amada
Que olhos os teus
São cais noturnos
Cheios de adeus
São docas mansas
Trilhando luzes
Que brilham longe
Longe nos breus...

Ó minha amada
Que olhos os teus
Quanto mistério
Nos olhos teus
Quantos saveiros
Quantos navios
Quantos naufrágios
Nos olhos teus...

Ó minha amada
Que olhos os teus
Se Deus houvera
Fizera-os Deus
Pois não os fizera
Quem não soubera
Que há muitas eras
Nos olhos teus.

Ah, minha amada
De olhos ateus
Cria a esperança
Nos olhos meus
De verem um dia
O olhar mendigo
Da poesia
Nos olhos teus.

O POETA HART CRANE SUICIDA-SE NO MAR

Quando mergulhaste na água
Não sentiste como é fria,
Como é fria assim na noite
Como é fria, como é fria?
E ao teu mês que por certo
Te acordou da nostalgia
(Essa incrível nostalgia
Dos que vivem no deserto...)
Que te disse a Poesia?

Que te disse a Poesia
Quando Vênus que luzia
No céu tão perto (tão longe
Da tua melancolia...)
Brilhou na tua agonia
De moribundo desperto?

Que te disse a Poesia
Sobre o líquido deserto
Ante o mar boquiaberto
Incerto se te engolia
Ou ao navio a rumo certo
Que na noite se escondia?

Temeste a morte, poeta?
Temeste a escarpa sombria

Que sob a tua agonia
Descia sem rumo certo?
Como sentiste o deserto,
O deserto absoluto
O oceano absoluto
Imenso, sózinho, aberto?

Que te falou o Universo
O Infinito a descoberto?
Que te disse o amor incerto
Das ondas na ventania?
Que frouxos de zombaria
Não ouviste, ainda desperto
As estrélas que por certo
Cochichavam luz macia?

Sentiste angústia, poeta
Ou um espasmo de alegria
Ao sentires que bolia
Um peixe nadando perto?
A tua carne não fremia
A idéia da dança inerte
Que teu corpo dançaria
No pélago submerso?

Dançaste muito, poeta
Entre os véus da água sombria
Coberto pela redoma
Da grande noite vazia?
Que coisas viste, poeta?
De que segredos soubeste
Suspensos na crista agreste
Do imenso abismo sem meta?

Dançaste muito, poeta?
Que te disse a Poesia?

A BRUSCA POESIA DA MULHER AMADA (II)

A mulher amada carrega o cetro, o seu fastígio
É máximo. A mulher amada é aquela que aponta para
a noite
E de cujo seio surge a aurora. A mulher amada
É quem traça a curva do horizonte e dá linha ao movi-
mento dos astros.
Não há solidão sem que sobrevenha a mulher amada
Em seu acúmen. A mulher amada é o padrão índigo da
cúpula
E o elemento verde antagônico. A mulher amada
É o tempo passado no tempo presente no tempo futuro
No sem tempo. A mulher amada é o navio submerso
É o tempo submerso, é a montanha imersa em líquen.
É o mar, é o mar, é o mar a mulher amada
E sua ausência. Longe, no fundo plácido da noite
Outra coisa não é senão o seio da mulher amada
Que ilumina a cegueira dos homens. Alta, tranquila e
trágica
É essa que eu chamo pelo nome de mulher amada
Nascitura. Nascitura da mulher amada
É a mulher amada. A mulher amada é a mulher amada
é a mulher amada
É a mulher amada. Quem é que semeia o vento? — a
mulher amada!
Quem colhe a tempestade? — a mulher amada! Quem
determina os meridianos? — a mulher

Amada! Quem a misteriosa portadora de si mesma?
A mulher amada! Talvegue, estréla, petardo
Nada a não ser a mulher amada necessariamente amada
Quando! E de outro modo não seja, pois é ela
A coluna e o gral, a fé e o símbolo, implícita
Na criação. Por isso, seja ela! A ela o canto e a oferenda
O gôzo e o privilégio, a taça erguida e o sangue do poeta
Correndo pelas ruas e iluminando as perplexidades.
Eia, a mulher amada! Seja ela o princípio e o fim de
tôdas as coisas.
Poder geral, completo, absoluto à mulher amada!

A QUÉ VEM DE LONGE

A minha amada veio de leve
A minha amada veio de longe
A minha amada veio em silêncio
Ninguém se iluda.

A minha amada veio da treva
Surgiu da noite qual dura estréla
Sempre que penso no seu martírio
Morro de espanto.

A minha amada veio impassível
Os pés luzindo de luz macia
Os alvos braços em cruz abertos
Alta e solene.

Ao ver-me pôsto triste e vazio
Num passo rápido a mim chegou-se
E com singelo doce ademane
Roçou-me os lábios.

Deixei-me preso ao seu rosto grave
Preso ao seu riso no entanto ausente
Inconsciente de que chorava
Sem dar-me conta.

RECEITA DE MULHER

As muito feias que me perdoem
Mas beleza é fundamental. É preciso
Que haja qualquer coisa de flor em tudo isso
Qualquer coisa de dança, qualquer coisa de *haute couture*
Em tudo isso (ou então
Que a mulher se socialize elegantemente em azul, como
na República Popular Chinesa).
Não há meio-térmo possível. É preciso
Que tudo isso seja belo. É preciso que súbito
Tenha-se a impressão de ver uma garça apenas pousada
e que um rosto
Adquira de vez em quando essa côr só encontrável no
terceiro minuto da aurora.
É preciso que tudo isso seja sem ser, mas que se reflita
e desabroche
No olhar dos homens. É preciso, é absolutamente preciso
Que seja tudo belo e inesperado. É preciso que umas
pálpebras cerradas
Lembrem um verso de Éluard e que se acaricie nuns
braços
Alguma coisa além da carne: que se os toque
Como ao âmbar de uma tarde. Ah, deixai-me dizer-vos
Que é preciso que a mulher que ali está como a corola
ante o pássaro
Seja bela ou tenha pelo menos um rosto que lembre um
templo e

Seja leve como um resto de nuvem: mas que seja uma
nuvem
Com olhos e nádegas. Nádegas é importantíssimo. Olhos
então
Nem se fala, que olhem com certa maldade inocente. Uma
bôca
Fresca (nunca úmida!) é também de extrema pertinência.
É preciso que as extremidades sejam magras; que uns
ossos
Despontem, sobretudo a rótula no cruzar das pernas, e
as pontas pélvicas
No enlaçar de uma cintura semovente.
Gravíssimo é porém o problema das saboneteiras: uma
mulher sem saboneteiras
É como um rio sem pontes. Indispensável
Que haja uma hipótese de barriguinha, e em seguida
A mulher se alteie em cálice, e que seus seios
Sejam uma expressão greco-romana, mais que górica ou
barroca
E possam iluminar o escuro com uma capacidade mínima
de 5 velas.
Sobremodo pertinaz é estarem a caveira e a coluna vertebral
Levemente à mostra; e que exista um grande latifúndio
dorsal!
Os membros que terminem como hastas, mas bem haja
um certo volume de coxas
E que elas sejam lisas, lisas como a pétala e cobertas
de suavíssima penugem
No entanto sensível à carícia em sentido contrário.
É aconselhável na axila uma doce relva com aroma próprio
Apenas sensível (um mínimo de produtos farmacêuticos!)
Preferíveis sem dúvida os pescoços longos
De forma que a cabeça dê por vêzes a impressão
De nada ter a ver com o corpo, e a mulher não lembre
Flôres sem mistério. Pés e mãos devem conter elementos
góticos
Discretos. A pele deve ser fresca nas mãos, nos braços,
no dorso e na face

Mas que as concavidades e reentrâncias tenham uma tem-
peratura nunca inferior
A 37.^o centígrados, podendo eventualmente provocar
queimaduras
Do 1.^o grau. Os olhos, que sejam de preferência grandes
E de rotação pelo menos tão lenta quanto a da terra; e
Que se coloquem sempre para lá de um invisível muro
de paixão
Que é preciso ultrapassar. Que a mulher seja em
princípio alta
Ou, caso baixa, que tenha a atitude mental dos altos
píncaros.
Ah, que a mulher dê sempre a impressão de que, se se
fechar os olhos
Ao abri-los ela não mais estará presente
Com seu sorriso e suas tramas. Que ela surja, não venha;
parta, não vá
E que possua uma certa capacidade de emudecer súbi-
tamente e nos fazer beber
O fel da dúvida. Oh, sobretudo
Que ela não perca nunca, não importa em que mundo
Não importa em que circunstâncias, a sua infinita volu-
bilidade
De pássaro; e que acariciada no fundo de si mesma
Transforme-se em fera sem perder sua graça de ave;
e que exale sempre
O impossível perfume; e destile sempre
O embriagante mel; e cante sempre o inaudível canto
Da sua combustão; e não deixe de ser nunca a eterna
dançarina
Do efêmero; e em sua incalculável imperfeição
Constitua a coisa bela e mais perfeita de tôda a criação
inumerável.

BALADA NEGRA

Éramos meu pai e eu
E um negro, negro cavalo
Ele montado na sela,
Eu na garupa enganchado.
Quando? eu nem sabia ler
Por quê? saber não me foi dado
Só sei que era o alto da serra
Nas cercanias de Barra.
Ao negro corpo paterno
Eu vinha muito abraçado
Enquanto o cavalo lerdo
Negramente caminhava.
Meus olhos escancarados
De medo e negra friagem
Eram buracos na treva
Totalmente impenetrável.
Às vêzes sem dizer nada
O grupo eqüestre estacava
E havia um negro silêncio
Seguido de outros mais vastos.
O animal apavorado
Fremia as ancas molhadas
Do negro orvalho pendente
De negras, negras ramadas.
Eu ausente de mim mesmo
Pelo negrume em que estava
Recitava padre-nossos
Exorcizando os fantasmas.
As mãos da brisa silvestre

Vinham de luto enluvadas
Acarinhar-me os cabelos
Que se me punham eriçados.
As estrélas nessa noite
Dormiam num negro claustro
E a lua morta jazia
Envólta em negra mortalha.
Os pássaros da desgraça
Negros no escuro piavam
E a floresta crepitava
De um negror irremediável.
As vozes que me falavam
Eram vozes sepulcrais
E o corpo a que eu me abraçava
Era o de um morto a cavalo.
O cavalo era um fantasma
Condenado a caminhar
No negro ôjo da noite
Sem destino e a nunca mais.
Era eu o negro infante
Condenado ao eterno bárabro
Para expiar por todo o sempre
Os meus pecados da carne.
Uma coorte de padres
Para a treva me apontava
Murmurando vade-retros
Soletrando breviários.
Ah, que pavor negregado
Ah, que angústia desvairada
Naquele túnel sem térmo
Cavalgando sem cavalo!

Foi quando meu pai me disse:
— Vem nascendo a madrugada...
E eu embora não a visse
Pressenti-a nas palavras
De meu pai ressuscitado
Pela luz da realidade.

E assim foi. Logo na mata
O seu rosa imponderável
Aos poucos se insinuava
Revelando coisas mágicas.
A sombra se desfazendo
Em entretons de cinza e opala
Abria um claro na treva
Para o mundo vegetal.
O cavalo pôs-se esperto
Como um cavalo de fato
Trotando de rédea curta
Pela úmida picada.
Ah, que doçura dolente
Naquela aurora raiada
Meu pai montando na frente
Eu na garupa enganchado!
Apertei-o fortemente
Cheio de amor e cansaço
Enquanto o bosque se abria
Sobre o luminoso vale...
E assim fui-me ao sono, certo
De que meu pai estava perto
E a manhã se anunciava.

Hoje que conheço a aurora
E sei onde caminhar
Hoje sem medo da treva
Sem medo de não me achar
Hoje que morto meu pai
Não tenho em quem me apoiar
Ah, quantas vezes com êle
Vou no túmulo deitar
E ficamos cara a cara
Na mais doce intimidade
Certos que a morte não leva:
Certos de que tôda treva
Tem a sua madrugada.

SONETO DO AMOR TOTAL

Amo-te tanto, meu amor... não cante
O humano coração com mais verdade...
Amo-te como amigo e como amante
Numa sempre diversa realidade.

Amo-te afim, de um calmo amor prestante
E te amo além, presente na saudade
Amo-te, enfim, com grande liberdade
Dentro da eternidade e a cada instante.

Amo-te como um bicho, simplesmente
De um amor sem mistério e sem virtude
Com um desejo maciço e permanente.

E de te amar assim, muito e amiúde
É que um dia em teu corpo de repente
Hei de morrer de amar mais do que pude.

BALADA DAS DUAS MOCINHAS DE BOTAFOGO

Eram duas meninhas
Filhas de boa família:
Uma chamada Marina
A outra chamada Marília
Os dezoito da primeira
Eram brejeiros e finos
Os vinte da irmã cabiam
Numa mulher pequenina.
Sem terem nada de feias
Não chegavam a ser bonitas
Mas eram meninas môças
De pele fresca e macia.
O nome ilustre que tinham
De um pai desaparecido
Nelas deixara a evidência
De tempos mais bem vividos.
A mãe pertencia à classe
Das largadas de marido
Seus oito lustros de vida
Davam a impressão de mais cinco.
Sofria muito de asma
E da desgraça das filhas
Que, pôsto boas meninas
Eram tão desprotegidas
E por total abandono
Davam mais do que galinhas.

Casa de porta e janela
Era a sua moradia
E dentro da casa aquela
Mãe pobre e melañolia.
Quando à noite as meninhas
Se aprontavam pra sair
A lôba materna uivava
Suas torpes profecias.
De fato deve ser triste
Ter duas filhas assim
Que nada tendo a ofertar
Em troca de uma saída
Dão tudo o que têm aos homens:
A mão, o sexo, o ouvido
E até mesmo, quando instadas
Outras flôres do organismo.

Foi assim que se espalhou
A fama das meninhas
Através do que êsse disse
E do que aquêle diria.
Quando a um grupo de rapazes
A noite não era madrinha
E a caça de mulher grátils
Resultava-lhes maninha
Um dêles qualquer lembrava
De Marília e de Marina
E um telefone soava
De um constante toque cínico
No útero de uma mãe
E suas duas filhinhas.

Oh, vida tórrva e mesquinha
A de Marília e Marina
Vida de porta e janela
Sem amor e sem comida
Vida de arroz requentado

E média com pão dormido
Vida de sola furada
E cotovelo puído
Com seios moços no corpo
E na mente sonhos idos!

Marília perdera o seu
Nos dedos de um caixerinho
Que o que dava em coca-cola
Cobrava em rude carinho.
Com quatorze apenas feitos
Marina não era mais virgem
Abrira os prados do ventre
A um treinador pervertido.
Embora as lutas do sexo
Não deixem marcas visíveis
Tirante as flôres lilases
Do sadismo e da sevícia
As vêzes deixam no amplexo
Uma grande náusea íntima
E transformam o que é de gôsto
Num desgôsto incoercível.

E era êsse bem o caso
De Marina e de Marília
Quando sózinhas em casa
Não tinham com quem sair.
Ficavam olhando paradas
As paredes carcomidas
Mascando bolas de chicles
Bebendo água de moringa.
Que abismos de desconsôlo
Ante seus olhos se abriam
Ao ouvirem a asma materna
Silvar no quarto vizinho!
Os monstros da solidão
Uivavam no seu vazio

E elas então se abraçavam
Se beijavam e se mordiam
Imitando coisas vistas
Coisas vistas e vividas
Enchendo as frondes da noite
De pilares tardios.

Ah, se o sêmen de um minuto
Fecundasse as meninhas
E nelas crescessem ventres
Mais do que a tristeza íntima!
Talvez de novo o mistério
Morasse em seus olhos findos
E nos seus lábios inconhos
Enflorescessem sorrisos.
Talvez a face dos homens
Se fizesse, de maligna
Na doce máscara pensa
Do seu sonho de meninas!

Mas tal não fôsse o destino
De Marília e de Marina.
Um dia, que a noite trouxe
Coberto de cinzas frias
Como sempre acontecia
Quando achavam-se sózinhas
No velho sofá da sala
Brincaram-se as meninhas.
Depois se olharam nos olhos
Nos seus pobres olhos findos
Marina apagou a luz
Deram-se as mãos, foram indo
Pela rua transversal
Cheia de negros baldios.
Às vêzes pela calçada
Brincavam de amarelinha
Como faziam no tempo

Da casa dos tempos idos.
Diante do cemitério
Já nada mais se diziam.
Vinha um bonde a nove-pontos...
Marina puxou Marília
E diante do semovente
Crescendo em luzes aflitas
Num desesperado abraço
Postaram-se as meninhas.

Foi só um grito e o ruído
Da freada sobre os trilhos
E por toda parte o sangue
De Marília e de Marina.

MÁSCARA MORTUÁRIA DE GRACILIANO RAMOS

Feito só, sua máscara paterna
Sua máscara tóscia de acridoce
Feição, sua máscara austerizou-se
Numa preclara decisão eterna.

Feito só, feito pó, desencantou-se
Nêle o íntimo arcanjo, a chama interna
Da paixão em que sempre se queimou
Seu duro corpo que ora longe inverna.

Feito pó, feito polem, feito fibra
Feito pedra, feito o que é morto e vibra
Sua máscara enxuta de homem forte

Isto revela em seu silêncio à escuta :
Numa severa afirmação da luta
Uma impassível negação da morte.

O MERGULHADOR

E il naufragar m'è dolce in questo mare

LEOPARDI

Como, dentro do mar, libérrimos, os polvos
No líquido luar tateiam a coisa a vir
Assim, dentro do ar, meus lentos dedos loucos
Passeiam no teu corpo a te buscar-te a ti.

És a princípio doce plasma submarino
Flutuando ao sabor de súbitas correntes
Frias e quentes, substância estranha e íntima
De teor irreal e tato transparente.

Depois teu seio é a infância, duna mansa
Cheia de alísios, marco espectral do istmo
Onde, a nudez vestida só de lua branca
Eu ia mergulhar minha face já triste.

Nêle soterro a mão como a cravei criança
Noutro seio de que me lembro, também pleno...
Mas não sei... o ímpeto dêste é doído e espanta
O outro me dava vida, êste me mete medo.

Toco uma a uma as doces glândulas em feixes
Com a sensação que tinha ao mergulhar os dedos
Na massa cintilante e convulsa de peixes
Retiradas ao mar nas grandes rês pensas.

E ponho-me a cismar... — mulher, como te expandes!
Que imensa és tu! maior que o mar, maior que a infância!
De coordenadas tais e horizontes tão grandes
Que assim imersa em amor és uma Atlântida!

Vem-me a vontade de matar em ti tôda a poesia
Tenho-te em garra; olhas-me apenas; e ouço
No tato acelerar-se-me o sangue, na arritmia
Que faz meu corpo vil querer seu corpo môço.

E te amo, e te amo, e te amo, e te amo
Como o bicho feroz ama, a morder, a fêmea
Como o mar ao penhasco onde se atira insano
E onde a bramir se aplaca e a que retorna sempre.

Tenho-te e dou-me a ti válido e indissolúvel
Buscando a cada vez, entre tudo o que enerva
O imo do teu ser, o vórtice absoluto
Onde possa colhêr a grande flor da treva.

Amo-te os longos pés, ainda infantis e lentos
Na tua criação; amo-te as hastes tenras
Que sobem em suaves espirais adolescentes
E infinitas de toque exato e frêmito.

Amo-te os braços juvenis que abraçam
Confiantes meu criminoso desvario
E as desveladas mãos, as mãos multiplicantes
Que em cardume acompanham o meu nadar sombrio.

Amo-te o colo pleno, onda de pluma e âmbar
Onda lenta e sózinha onde se exaure o mar
E onde é bom mergulhar até romper-me o sangue
E me afogar de amor e chorar e chorar.

Amo-te os grandes olhos sobre-humanos
Nos quais, mergulhador, sondo a escura voragem

Na ânsia de descobrir, nos mais fundos arcanos
Sob o oceano, oceanos; e além, a minha imagem.

Por isso — isso e ainda mais que a poesia não ousa
Quando depois de muito mar, de muito amor
Emergindo de ti, ah, que silêncio pousa
Ah, que tristeza cai sobre o mergulhador !

POEMA DE AUTEIL

A coisa não é bem essa.
Não há nenhuma razão no mundo (ou talvez só tu,
Tristeza!)
Para eu estar andando nesse meio-dia por essa rua
estrangeira com o nome de um pintor estrangeiro.
Eu devia estar andando numa rua chamada Travessa Di
Cavalcanti
No Alto da Tijuca, ou melhor na Gávea, ou melhor ainda
no lado de dentro de Ipanema:
E não vai nisso nenhum verde-amarelismo. De verde
quereria apenas um colo de morro e de amarelo um
pé de acácias repontando de um quintal entre telhados.
Deveria vir de algum lugar
Um dedilhar de menina estudando piano ou o assvio
de um ciclista
Trauteando um samba de Antônio Maria. Deveria haver
Um silêncio pungente cortado apenas
Por um canto de cigarra bruscamente interrompido
E o ruído de um ônibus varando como um desvairado
uma preferencial vizinha.
Deveria súbito
Fazer-se ouvir num apartamento térreo próximo
Uma fresca descarga de latrina abrindo um frio vórtice
na espessura irremediável do mormaço
Enquanto ao longe
O vulto de uma banhista (que tristeza sem fim voltar
da praia!)

Atravessaria lentamente a rua arrastando um guarda-sol
vermelho.

Ah, que vontade de chorar me subiria!

Que vontade de morrer, de me diluir em lágrimas

Entre uns seios suados de mulher! Que vontade

De ser menino, em vão, me subiria

Numa praia luminosa e sem fim, a buscar o não-sei-quê

Da infância, que faz correr correr correr...

Deveria haver também um rato morto na sarjeta, um
odor de bogaris

E um cheiro de peixe fritando. Deveria

Haver muito calor, que uma sub-reptícia

Brisa viria suavizar fazendo festa na axila.

Deveria haver em mim um vago desejo de mulher e ao
mesmo tempo

De espaciar-me. Relógios deveriam bater

Alternadamente como bons relógios nunca certos.

Eu poderia estar voltando de, ou indo para: não teria
a menor importância.

O importante seria saber que eu estava presente

A um momento sem história, defendido embora

Por muros, casas e ruas (e sons, especialmente)

Esses que fizeram dizer a um locutor novato, numa
homenagem póstuma: "Acabaram de ouvir um
minuto de silêncio...")

Capazes de testemunhar por mim em minha imensa
E inútil poesia.

Eu deveria estar sem saber bem para onde ir: se para
a casa materna

E seus encantos recantos, ou se para o apartamento do
meu velho Braga

De onde me poria a telefonar, à Amiga e às amigas

A convocá-las para virem beber conosco, virem tôdas

Beber e conversar conosco e passear diante de nossos
olhos gastos

A graça e nostalgia com que povoam a nossa infinita
solidão.

O OPERÁRIO EM CONSTRUÇÃO

"E o Diabo, levando-o a um alto monte, mostrou-lhe num momento de tempo todos os reinos do mundo. E disse-lhe o Diabo: — Dar-te-ei todo este poder e a sua glória; porque a mim me foi entregue e dou-o a quem quero; portanto, se tu me adorares, tudo será teu. E Jesus, respondendo, disse-lhe: — Vai-te, Satanaz; porque está escrito: adorarás o Senhor teu Deus e só a Ele servirás."

LUCAS, Cap. V., versículos 5-8.

Era êle que erguia casas
Onde antes só havia chão.
Como um pássaro sem asas
Êle subia com as casas
Que lhe brotavam da mão.
Mas tudo desconhecia
De sua grande missão:
Não sabia, por exemplo
Que a casa de um homem é um templo
Um templo sem religião
Como tampouco sabia
Que a casa que êle fazia
Sendo a sua liberdade
Era a sua escravidão.

De fato, como podia
Um operário em construção
Compreender por que um tijolo
Valia mais do que um pão?

Tijolos êle empilhava
Com pá, cimento e esquadria
Quanto ao pão, êle o comia...
Mas fôsse comer tijolo!
E assim o operário ia
Com suor e com cimento
Erguendo uma casa aqui
Adiante um apartamento
Além uma igreja, à frente
Um quartel e uma prisão:
Prisão de que sofreria
Não fôsse, eventualmente
Um operário em construção.

Mas êle desconhecia
Esse fato extraordinário:
Que o operário faz a coisa
E a coisa faz o operário.
De forma que, certo dia
À mesa, ao cortar o pão
O operário foi tomado
De uma súbita emoção
Ao constatar assombrado
Que tudo naquela mesa
— Garrafa, prato, facão —
Era êle quem os fazia
Êle, um humilde operário,
Um operário em construção.
Olhou em torno: gamela
Banco, enxérga, caldeirão
Vidro, parede, janela
Casa, cidade, nação!
Tudo, tudo o que existia
Era êle quem o fazia
Êle, um humilde operário,
Um operário que sabia
Exercer a profissão.

Ah, homens de pensamento
Não sabereis nunca o quanto
Aquêle humilde operário
Soube naquele momento!
Naquela casa vazia
Que êle mesmô levantara
Um mundo novo nascia
De que sequer suspeitava.
O operário emocionado
Olhou sua própria mão
Sua rude mão de operário
De operário em construção
E olhando bem para ela
Teve um segundo a impressão
De que não havia no mundo
Coisa que fôsse mais bela.

Foi dentro da compreensão
Dêsse instante solitário
Que, tal sua construção
Cresceu também o operário.
Cresceu em alto e profundo
Em largo e no coração
E como tudo que cresce
Ele não cresceu em vão.
Pois além do que sabia
— Exercer a profissão —
O operário adquiriu
Uma nova dimensão:
A dimensão da poesia.

E um fato nôvo se viu
Que a todos admirava:
O que o operário dizia
Outro operário escutava.
E foi assim que o operário
Do edifício em construção

Que sempre dizia *sim*
Começou a dizer *não*.
E aprendeu a notar coisas
A que não dava atenção:
Notou que sua marmita
Era o prato do patrão
Que sua cerveja preta
Era o uísque do patrão
Que seu macacão de zuarte
Era o terno do patrão
Que o casebre onde morava
Era a mansão do patrão.
Que seus dois pés andarilhos
Eram as rodas do patrão,
Que a dureza do seu dia
Era a noite do patrão,
Que sua imensa fadiga
Era amiga do patrão.

E o operário disse: Não!
E o operário fêz-se forte
Na sua resolução.

Como era de se esperar
As bôcas da delação
Começaram a dizer coisas
Aos ouvidos do patrão.
Mas o patrão não queria
Nenhuma preocupação.
— “Convençam-no” do contrário —
Disse êle sobre o operário
E ao dizer isso sorria.

Dia seguinte, o operário
Ao sair da construção
Viu-se súbito cercado
Dos homens da delação
E sofreu, por destinado

Sua primeira agressão.
Teve seu rosto cuspido
Teve seu braço quebrado
Mas quando foi perguntado
O operário disse: Não!

Em vão sofrera o operário
Sua primeira agressão
Muitas outras se seguiram
Muitas outras seguirão.
Porém, por imprescindível
Ao edifício em construção
Seu trabalho prosseguia
E todo o seu sofrimento
Misturava-se ao cimento
Da construção que crescia.

Sentindo que a violência
Não dobraria o operário
Um dia tentou o patrão
Dobrá-lo de modo vário.
De sorte que o foi levando
Ao alto da construção
E num momento de tempo
Mostrou-lhe toda a região
E apontando-a ao operário
Fêz-lhe esta declaração:
— Dar-te-ei todo esse poder
E a sua satisfação
Porque a mim me foi entregue
E dou-o a quem bem quiser.
Dou-te tempo de lazer
Dou-te tempo de mulher...
Portanto, tudo o que vês
Será teu se me adorares
E, ainda mais, se abandonares
O que te faz dizer *não*.

Disse, e fitou o operário
Que olhava e que refletia
Mas o que via o operário
O patrão nunca veria.
O operário via as casas
E dentro das estruturas
Via coisas, objetos
Produtos, manufaturas.
Via tudo o que fazia
O lucro do seu patrão
E em cada coisa que via
Misteriosamente havia
A marca de sua mão.
E o operário disse: Não!

— Loucura! — gritou o patrão
Não vês o que te dou eu?
— Mentira! — disse o operário
Não podes dar-me o que é meu.

E um grande silêncio fêz-se
Dentro do seu coração
Um silêncio de martírios
Um silêncio de prisão
Um silêncio povoado
De pedidos de perdão
Um silêncio apavorado
Com o medo em solidão
Um silêncio de torturas
E gritos de maldição
Um silêncio de fraturas
A se arrastarem no chão.
E o operário ouviu a voz
De todos os seus irmãos
Os seus irmãos que morreram
Por outros que viverão.
Uma esperança sincera
Cresceu no seu coração

E dentro da tarde mansa
Agigantou-se a razão
De um homem pobre e esquecido
Razão porém que fizera
Em operário construído
O operário em construção.

ÍNDICE

- Advertência — 5
O olhar para trás — 7
A uma mulher — 11
Ilha do Governador — 12
Ausência — 14
O criado — 16
A volta da mulher morena — 21
A mulher na noite — 23
Agonia — 24
A Legião dos Úrias — 25
Alba — 28
O escravo — 30
A música das almas — 33
Três respostas em face de Deus — 34
Poema n.^o três em busca da essência — 36
O poeta — 38
Viagem à sombra — 45
Balada feroz — 47
Invocação à mulher única — 50
A máscara da noite — 52
Vida e poesia — 54
Sonata do amor perdido — 55
 Lamento n.^o 1 — 55
 Intermédio — 55
 Lamento n.^o 2 — 56
A brusca poesia da mulher amada — 57
O cemitério na madrugada — 58
Solilóquio — 59

- A vida vivida — 63
Ariana, a mulher — 65
Elegia quase uma ode — 72
Elegia lírica — 78
Elegia desesperada — 83
Elegia ao primeiro amigo — 89
A última elegia — 93
O falso mendigo — 98
Sonêto de intimidade — 100
Ária para o assvio — 101
Sonêto à lua — 102
Sonêto de agôsto — 103
A mulher que passa — 104
Sonêto a Katherine Mansfield — 106
Balada para Maria — 107
Sonêto de contrição — 109
Ternura — 110
Sonêto de devoção — 111
Poema para tôdas as mulheres — 112
Sonêto de fidelidade — 113
A morte — 114
A partida — 115
Marinha — 117
Os acrobatas — 118
Paisagem — 120
Balada do Cavalão — 121
Canção — 124
Quatro sonetos de meditação — 125
I — 125
II — 125
III — 126
IV — 127
O riso — 128
Pescador — 129
Sonêto de despedida — 134
Sinos de Oxford — 135
Trecho — 137
Mar — 138

- Balada da praia do Vidigal — 139
Sonêto de Londres — 141
Cântico — 142
A um passarinho — 144
A estréla polar — 145
Sonêto do maior amor — 146
Imitação de Rilke — 147
Balada do enterrado vivo — 148
Epitáfio — 151
Allegro — 152
Sonêto de véspera — 153
Balada do Mangue — 154
Sonêto a Octavio de Faria — 157
Rosário — 158
O escândalo da rosa — 161
Sonêto ao inverno — 162
Marina — 163
Sonêto de quarta-feira de cinzas — 165
Sombra e luz — 166
Saudade de Manuel Bandeira — 170
Azul e Branco — 171
Sonêto de separação — 174
Balada de Pedro Nava — 175
Sonêto de Carnaval — 178
Balada das meninas de bicicleta — 179
Poema de Natal — 181
O dia da criação — 182
Balada dos mortos dos campos de concentra-
ção — 187
Repto — 189
O poeta e a lua — 191
Sonêto da rosa — 193
Valsa à mulher do povo — 194
Cinepoema — 196
Mensagem à poesia — 198
O tempo nos parques — 202
A manhã do morto — 203
Mensagem a Rubem Braga — 206

- Balada da môça do Miramar — 210
Balanço do filho morto — 213
Balada dos arquivistas — 216
A Verlaine — 218
A bomba atômica — 219
Aurora, com movimento — 224
Balada do morto vivo — 225
O sacrifício da Aurora — 231
Sonêto da mulher inútil — 233
O Rio — 234
Bilhete a Baudelaire — 235
A morte de madrugada — 236
O assassino — 240
Poema enjoadinho — 242
Sonêto do só ou Parábola de Malte Laurids
Brigge — 244
A pêra — 245
A paixão da carne — 246
A ausente — 248
A rosa de Hiroshima — 249
Sonêto a Sergei Mikhailovitch Eisenstein — 250
Pátria minha — 251
O crocodilo — 254
História passional, Hollywood, Califórnia — 256
Epitalâmio — 260
Conjugação da ausente — 264
O filho do homem — 266
Sonêto de aniversário — 267
Poética — 268
Elegia na morte de Clodoaldo Pereira da Silva
Moraes, poeta e cidadão — 269
Desert Hot Springs — 274
Retrato, à sua maneira — 276
A hora íntima — 277
Menino morto pelas ladeiras de Ouro Preto — 279
Poema dos olhos da amada — 280
O poeta Hart Crane suicida-se no mar — 282

A brusca poesia da mulher amada (II) —	284
A que vem de longe —	286
Receita de mulher —	287
Balada negra —	290
Sonêto do amor total —	293
Balada das duas mocinhas de Botafogo —	294
Máscara mortuária de Graciliano Ramos —	299
O mergulhador —	300
Poema de Auteil —	303
O operário em construção —	305

Composto e impresso nos
Estabelecimentos Gráficos
Borsoi, à Rua Prof.^a Ester
de Melo, 110, em Novembro
de 1960, para a
EDITÔRA DO AUTOR
Rua Araujo Pôrto Ale-
gre, 70 - Gr. 413 -
Tel. 42-9421
Rio de Janeiro

OUTROS LANÇAMENTOS:

**"O CEGO DE IPANEMA",
Crônicas, de Paulo Mendes
Campos.**

**"O HOMEM NU", de Fernan-
do Sabino.**

**"AI DE TI, COPACABA-
NA!", Crônicas, de Rubem
Braga.**

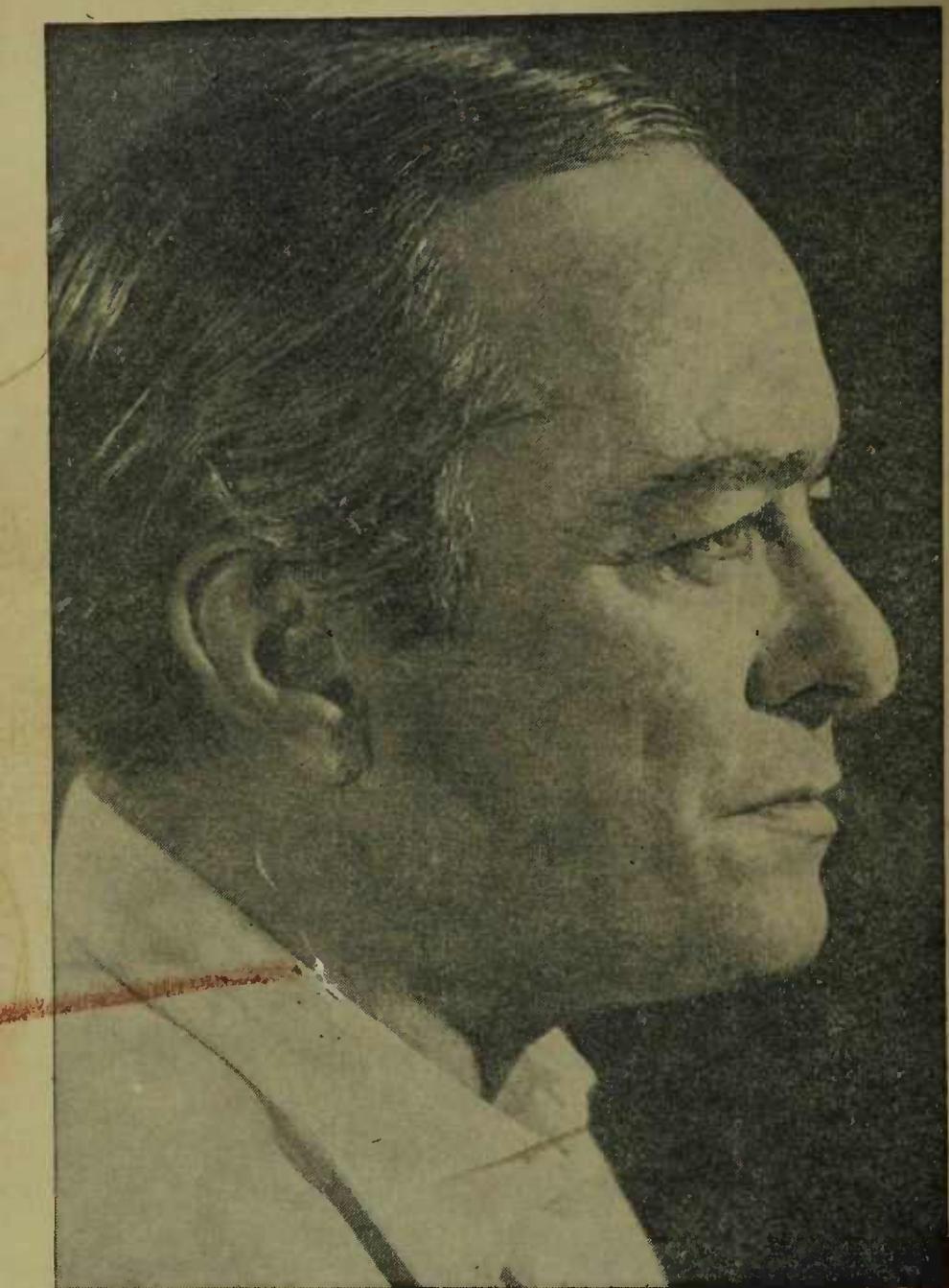
★

A Coleção Jurídica da EDI-
TÔRA DO AUTOR publicará
em breve, entre outros:

**"O PROCESSO PENAL", de
Walter P. Acosta — 4.^a edi-
ção.**

Pedidos de remessa pelo
Reembólsio Postal

**EDITÔRA DO AUTOR
Rua Araujo Pôrto Alegre, 70
Gr. 413 — Tel 42-9421
RIO DE JANEIRO**



VINICIUS DE MORAES